



**UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS E**  
**DESENVOLVIMENTO SOCIAL – MESTRADO ACADÊMICO**  
**LINHA DE PESQUISA – LINGUAGEM, COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE**

Franciele Mirian da Rocha

**RECICLANDO VIDAS: A ARTETERAPIA COMO INSTRUMENTO**  
**DESVELADOR DO POTENCIAL HUMANO DE UM GRUPO DE**  
**CATADORES**

Dissertação de Mestrado

CRUZ ALTA – RS

2016

Franciele Mirian da Rocha

**RECICLANDO VIDAS: A ARTETERAPIA COMO INSTRUMENTO  
DESVELADOR DO POTENCIAL HUMANO DE UM GRUPO DE  
CATADORES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social – Mestrado – da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Aparecida Santana Camargo

CRUZ ALTA, RS  
2016

Franciele Mirian da Rocha

**RECICLANDO VIDAS: A ARTETERAPIA COMO INSTRUMENTO  
DESVELADOR DO POTENCIAL HUMANO DE UM GRUPO DE  
CATADORES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social – Mestrado – da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Aparecida Santana Camargo  
Orientadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carla Rosane da Silva Tavares Alves  
Examinadora Interna (UNICRUZ)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Graciela Rene Ormezzano  
Examinadora Externa (UPF)

Cruz Alta/RS, 1º de dezembro de 2016.

*Assim é, quando nos deixamos atravessar e redesenhar por outros que nos visitam, muitas vezes se instalando e se tornando parte de nós mesmos. Surgimento e mutação não de um, mas de muitos em nós, causando perplexidade, surpresa, temor, mas também sensação de alívio e liberdade na saída da mesmice, do tédio infernal do mesmo, na repetitividade sem história num eterno presente que é em si a imagem de uma morte sem desfecho. O desdobrar-se, deixando vir o “dentro” para “fora”, descobrindo aquele que se refugia nos interstícios das envergaduras, agencia no todo do sujeito uma nova configuração do ser. Em sua pluralidade, infinitas vozes dialogam, disparando um novo processo, um devir de diferença. Um sujeito mais livre, mais leve...*

(SILVEIRA [et. al.], 2008, p. 139-140)

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Aloisio e Roseli, que me presentearam com a vida e a continuidade dela, apostando em mim.

À minha irmã Ellen, que é um presente.

Ao meu namorado, amigo, companheiro e confidente, Douglas.

Aos parentes mais próximos, que me acompanharam nesta caminhada.

Aos que se foram, mas que deixaram marcas em mim.

À minha Orientadora, Prof<sup>a</sup>. Cida, por ser mais que orientadora, mas uma amiga e grande colaboradora deste trabalho.

À amiga e mãe do coração, Vera, pelas palavras de incentivo, atenção à família como um todo e amizade fraternal.

Aos catadores participantes desta pesquisa, pela sua disponibilidade e atenção desde o início. Hoje são flores que embelezam o jardim de minha vida.

A todos meus amigos, de perto ou de longe, de longa data ou mais recentes, que fizeram com que esta e outras caminhadas fossem mais leves.

Ao Projeto Profissão Catador e à Universidade de Cruz Alta, por terem apoiado, desde o início, todas as iniciativas com relação a esta pesquisa.

Ao Cósmico, por me mostrar os caminhos por onde devo seguir para dar minha contribuição para um mundo melhor.

E por que não, a mim mesma, que me dei a oportunidade de trilhar este e outros caminhos.

Obrigada!

## RESUMO

Diante do atual cenário ecológico mundial, faz-se necessária a adoção de novas concepções e práticas que considerem a fragilidade do planeta. Os elevados níveis de consumo da sociedade capitalista levam à formação de resíduos, que, comumente, se chama de lixo. Nesta dimensão, os profissionais da reciclagem se tornam indispensáveis como promotores de condições satisfatórias de vida a toda a sociedade. Sob tal aspecto, a presente pesquisa mostra-se relevante na medida em que enfoca um grupo que, por vezes, não tem seu trabalho reconhecido e é tornado socialmente invisível. Assim, esta dissertação, que está inserida na Linha de Pesquisa “Linguagem, Comunicação e Sociedade” do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social – Mestrado Acadêmico – da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ/RS), pretendeu, por meio de oficinas com técnicas de arteterapia, desvelar o potencial humano implícito em um grupo de catadores do Município de Cruz Alta/RS, que faz parte do Projeto Profissão Catador da UNICRUZ. O *locus* do estudo foi a Associação localizada no Bairro dos Funcionários. Trata-se de uma investigação de natureza qualitativa, uma vez que são detalhadas as ações desenvolvidas com os participantes, bem como seu contexto social. A abordagem é descritiva, sendo que o método é a pesquisa-ação, pois busca modificar uma determinada realidade. O estudo embasou-se em autores tais como: Jung, Chevalier e Gheerbrant, Maciel e Carneiro, Ormezzano, Ostrower, Thiollent, dentre outros. Os encontros grupais, com dinâmicas arteterapêuticas de abordagem junguiana, têm a particularidade de possibilitar o cuidado do ser humano em um enfoque holístico. Nas oficinas, empregaram-se estratégias de relaxamento dirigido no início, com música instrumental e uma mensagem de encorajamento. Em um segundo momento, propôs-se uma vivência envolvendo atividades arteterapêuticas, sendo que, posteriormente, o grupo compartilhava seus sentimentos com relação às criações resultantes. Vislumbrou-se, mediante os dados coletados, uma nova perspectiva da própria sociedade sobre estes profissionais, visto que eles puderam expressar sua subjetividade por meio da arte. Além disso, expuseram durante o XXI Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade, as fotografias das produções criadas a partir das oficinas realizadas no transcorrer da investigação. Na referida Mostra, os catadores puderam evidenciar sua relação com a natureza, com o mundo, externo e interno, e o quanto eles produzem sustentabilidade por intermédio de seu trabalho com a catação de materiais recicláveis. Assim, a Exposição intitulada “Reciclando Vidas” se configurou como uma estratégia bem sucedida, no sentido de, efetivamente, revelar o potencial humano dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

**Palavras-Chave:** Arte. Criatividade. Meio Ambiente. Psicologia. Responsabilidade Social.

## ABSTRACT

Given the current global ecological scenario, it is necessary to adopt new concepts and practices that consider the fragility of the planet. The high levels of consumption of capitalist society lead to the formation of waste, which is commonly called garbage. In this dimension, recycling professionals become indispensable as promoters of satisfactory conditions of life for the whole society. In this aspect, the present research is relevant in that it focuses on a group that sometimes does not have their work recognized and is made socially invisible. Thus, this dissertation, which is part of the "Language, Communication and Society" Research Line of the University of Cruz Alta (UNICRUZ / RS) Graduate Program in Sociocultural Practices and Social Development - University of Cruz Alta (UNICRUZ/RS), Of workshops with techniques of art therapy, to unveil the human potential implicit in a group of collectors of the Municipality of Cruz Alta/RS, that is part of the Project "Profissão Catador" of UNICRUZ. The locus of the study was the Association located in the Employees' Quarter. It is an investigation of a qualitative nature, since it is detailed the actions developed with the participants, as well as their social context. The approach is descriptive, and the method is action research, since it seeks to modify a given reality. The study was based on authors such as: Jung, Chevalier and Gheerbrant, Maciel and Carneiro, Ormezzano, Ostrower, Thiollent, other teeth. The group encounters, with Junterian approach, have the particularity of enabling the care of the human being in a holistic approach. In the workshops, strategies of relaxation directed at the beginning were used, with instrumental music and a message of encouragement. In a second moment, an experiment was proposed involving therapy art activities, being that, later, the group shared its feelings with respect to the resulting creations. Through the collected data, a new perspective of the society about these professionals was glimpsed, since they were able to express their subjectivity through art. In addition, during the XXI Inter-Institutional Seminar on Teaching, Research and Extension of the University, they presented the photographs of the productions created from the workshops held during the course of the research. In this show, the collectors were able to show their relationship with nature, with the world, external and internal, and how much they produce sustainability through their work with the recycling of recyclable materials. Thus, the Exhibition entitled "Recycling Lives" was configured as a successful strategy, in the sense of effectively revealing the human potential of the subjects involved in the research.

**Keywords:** Art. Creativity. Environment. Psychology. Social Responsibility.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Fotografia de Orquídea .....	45
<b>Figura 2</b> – Fotografia de Gérbera .....	45
<b>Figura 3</b> – Organização e limpeza, por Orquídea.....	46
<b>Figura 4</b> – Escada de bags, por Clívia .....	46
<b>Figura 5</b> – Esperança, por Amor-perfeito.....	46
<b>Figura 6</b> – Materiais sobre a mesa.....	47
<b>Figura 7</b> – Linda e trabalhadora.....	48
<b>Figura 8</b> – Colagem na produção de Antúrio .....	49
<b>Figura 9</b> – Por uma vida mais colorida.....	49
<b>Figura 10</b> – Anseios femininos.....	50
<b>Figura 11</b> – Autorretrato .....	51
<b>Figura 12</b> – Plasmando conteúdos inconscientes .....	52
<b>Figura 13</b> – As mãos de Orquídea .....	53
<b>Figura 14</b> – As mãos de Girassol.....	53
<b>Figura 15</b> - Catarse .....	54
<b>Figura 16</b> – Mão de Onze-horas .....	55
<b>Figura 17</b> – O ninho inacabado .....	56
<b>Figura 18</b> – Clívia finalizando sua obra .....	56
<b>Figura 19</b> – O ninho de João-de-barro.....	56
<b>Figura 20</b> – Mulher dando à luz, por Rosa .....	58
<b>Figura 21</b> – Mulher dando à luz, por Orquídea .....	58
<b>Figura 22</b> – A família na cabana dos sonhos, por Gérbera.....	58
<b>Figura 23</b> – João-bobo, de Azaleia .....	59
<b>Figura 24</b> – Nem tudo é um mar de rosas.....	61
<b>Figura 25</b> – Sem comentários, por Clívia.....	62
<b>Figura 26</b> – Momento de introspecção .....	63
<b>Figura 27</b> – Preparando o terreno .....	63
<b>Figura 28</b> – O colaborador.....	63
<b>Figura 29</b> – O colaborador 2.....	63
<b>Figura 30</b> – Compartilhando os frutos.....	64



<b>Figura 31</b> – Palavras sinceras .....	65
<b>Figura 32</b> – Descobrimo um novo dom .....	66
<b>Figura 33</b> – Deixa eu tentar, começar de novo .....	67
<b>Figura 34</b> - Amizade .....	68
<b>Figura 35</b> - Tenha fé .....	69
<b>Figura 36</b> – Tempo, tempo, tempo... .....	70
<b>Figura 37</b> – Espírito selvagem.....	71
<b>Figura 38</b> – Amizade 2 .....	72
<b>Figura 39</b> – Presente, por Rosa.....	72
<b>Figura 40</b> – Presente do grupo para Rosa.....	73
<b>Figura 41</b> – Entrega da lembrança.....	73
<b>Figura 42</b> - Banner produzido para a Exposição .....	75
<b>Figura 43</b> - Grupo dos participantes das Oficinas, Pesquisadora, Orientadora, Membros da equipe do Projeto Profissão Catador e demais presentes .....	76
<b>Figura 44</b> - Visão geral da Exposição no XXI Seminário Interinstitucional da UNICRUZ ...	77
<b>Figura 45</b> - Foto panorâmica da Exposição .....	78

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>11</b>
<b>1 MARCO TEÓRICO.....</b>	<b>15</b>
1.1 Enquanto o consumismo nos consome.....	15
1.1.1 Questão ambiental .....	15
1.1.2 Consumo, logo existo .....	18
1.1.3 Aqueles que trabalham com o que se chama de lixo.....	20
1.2 Da Arte à Arteterapia: expressão do ser .....	23
1.3 Universo Junguiano em Arteterapia .....	30
<b>2 PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>35</b>
2.1 Delineamento da Pesquisa .....	35
2.2 Abrangência da Pesquisa .....	36
2.3 Participantes .....	37
2.4 Métodos de coleta de dados.....	38
2.5 Procedimentos de análise dos dados.....	38
2.6 Procedimentos éticos .....	39
<b>3 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>40</b>
3.1 Estreitando os laços .....	40
3.2 Através das lentes .....	44
3.3 Dando forma aos sentimentos.....	51
3.4 Se essas paredes falassem... ..	60
3.5 Lembranças para não esquecer .....	69
3.6 Exposição “Reciclando Vidas”.....	74
<b>O FIM COMO UM NOVO INÍCIO .....</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>81</b>

<b>APÊNDICES</b> .....	<b>87</b>
A – Levantamento Psicossocial.....	88
B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	89
C – Termo de Cessão do Direito de Imagem.....	91
D – Oficinas.....	92
<b>ANEXOS</b> .....	<b>95</b>
I – Parecer Consubstanciado do CEP da UNICRUZ.....	96
II – Mensagens utilizadas nos encontros .....	100

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*A plenitude irracional da vida ensinou-me a nunca descartar nada, mesmo quando algo vai contra todas as nossas teorias (que, na melhor das hipóteses, duram tão pouco) ou, por outro lado, quando não aceita nenhuma explicação imediata; esse fato é, com certeza, muito inquietante, e nunca sabemos se a nossa bússola está apontando para a direção correta ou não; mas segurança, certeza e paz nunca levaram a descobertas.*  
(WILHELM, 2006, p. 23)

Diante do atual cenário ecológico mundial se faz necessária a adoção de novas concepções e práticas que levem em consideração a fragilidade do planeta. Em sua obra “Primavera Silenciosa”, Carson (2010, p. 23) alerta para o fato de que “a rapidez da mudança e a velocidade com que novas situações são criadas seguem o ritmo impetuoso e insensato da humanidade, e não o passo cauteloso da natureza”. Por esse prisma percebe-se a importância do cuidado com o planeta por meio de práticas responsáveis.

Nesse contexto, o ser humano não é uma vítima passiva, mas, sim, um agente promotor de mudança e as escolhas individuais de hoje podem ter consequências globais no amanhã. Para que essas escolhas sejam racionais e responsáveis, é essencial que direitos humanos, necessidades básicas, segurança e resiliência humanas sejam garantidos (PNUMA, 2012a). Sendo assim, a defesa e o melhoramento do meio ambiente humano para as gerações presentes e futuras se converteu na meta imperiosa da humanidade (ONU, 1972).

Levando em conta que os atuais padrões de consumo envolvem, inexoravelmente, a produção de detritos, todas as atividades humanas acabam, deste modo, culminando na produção de agentes que podem produzir doenças aos seres humanos que entram em contato com tais materiais. Neste cenário, os profissionais de reciclagem tornam-se indispensáveis, enquanto produtores de condições satisfatórias de vida a toda a sociedade. Um exemplo claro foi a greve dos garis em São Bernardo do Campo/São Paulo. A cidade produz cerca de 750 toneladas de lixo por dia e durante 4 dias os garis não fizeram a coleta (MACHADO, 2014). O caos que se instaurou fez com que a população relembresse o útil papel destes profissionais.

No referido item, ainda cabe refletir sobre as condições de trabalho e autoestima daqueles profissionais que trabalham com o que a sociedade julga necessário ser descartado, ou seja, o lixo. Estes trabalhadores são verdadeiros agentes ambientais, permitindo que o Brasil seja um dos líderes em reciclagem. Estima-se que, no país, cerca de 70 mil pessoas se ocupam com a coleta de materiais recicláveis, de acordo com a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico de 2008 (IBGE, 2013). O Movimento Nacional dos Catadores apresenta

dados que demonstram existirem 800 mil catadores, o que denota que a informalidade faz parte desse segmento. Sendo assim, é inegável o fato de que esta profissão é, ao mesmo tempo, importante e perigosa.

A respeito da reciclagem, os profissionais que lidam com os resíduos sabem o valor que cada material tem, seja monetário ou não, dos riscos que correm ao manuseá-los, bem como o destino que deve ser dado a eles. Nesta perspectiva, é necessário refletir e questionar sobre o que está sendo feito para prover melhores condições de vida a estes trabalhadores. Dessa forma, a presente pesquisa é relevante na medida em que enfoca um grupo que, por vezes, é segregado pela sociedade em geral, a qual não reconhece sua importância como um todo. A investigação enquadra-se na Linha de Pesquisa “Linguagem, Comunicação e Sociedade” do Mestrado Acadêmico em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), uma vez que trata do desenvolvimento humano na sua interface com a transformação dos sujeitos envolvidos no estudo.

Trata-se de uma investigação de natureza qualitativa, na qual são detalhadas as práticas utilizadas com os participantes, bem como seu contexto social. O método de abordagem é o descritivo, sendo que a metodologia empregada é a pesquisa-ação, pois busca modificar uma determinada realidade. O estudo foi realizado no Município de Cruz Alta – Estado do Rio Grande do Sul. A Associação é localizada no Bairro dos Funcionários. O Projeto Profissão Catador foi idealizado pela UNICRUZ e recebe patrocínio do Programa Petrobrás Socioambiental, desde o ano de 2010, já se estendendo às cidades de Júlio de Castilhos, Tupanciretã e Salto do Jacuí (PROFISSÃO CATADOR, 2014).

Esta investigação tem uma motivação intrínseca, observando a formação da pesquisadora na área da Psicologia. Dentro desse enfoque, desde o Curso de Graduação, a temática vem sendo perseguida. Quanto à opção pelo grupo de participantes a ser focado, após visita às quatro Associações de Catadores de Cruz Alta/RS, optou-se por aquela que passou a impressão de ser a mais desamparada, sem luminosidade, escura e, inclusive, sem música. Por sua vez, no levantamento a respeito do estado da arte, verificou-se que ainda não existem estudos com arteterapia de abordagem junguiana, que envolvam catadores e que utilizem, de maneira concomitante, a fotografia e os materiais recicláveis. Ressalta-se, então, a relevância da pesquisa no mencionado campo.

Nesse sentido, circunscreveu-se o problema de pesquisa como segue: De que modo técnicas de arteterapia podem desvelar o potencial humano implícito em um grupo de profissionais da reciclagem do Projeto Profissão Catador no Município de Cruz Alta/RS?

Dessa forma, o objetivo geral é desvelar o potencial humano implícito em cada participante por meio da Arteterapia.

Cabe questionar esta realidade e ir além da reflexão, propondo uma intervenção que promova alguma modificação neste ambiente social. Diante destas considerações iniciais, os objetivos específicos desta dissertação são de que, por meio de oficinas que se utilizem de técnicas arteterapêuticas, se possa: a) viabilizar que os profissionais de reciclagem ressignifiquem os materiais com que convivem no dia a dia de seu trabalho; b) expor as produções criadas pelos sujeitos da pesquisa em uma Mostra durante o XXI Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão ocorrida de 04 a 07 de Outubro de 2016; e, c) incentivar a valorização do trabalho dos profissionais de reciclagem por parte da sociedade. Conseqüentemente, o pano de fundo da pesquisa é a Arteterapia de orientação Junguiana. De acordo com Sei (2009), a arteterapia se configura como uma intervenção terapêutica que busca promover qualidade de vida por meio de recursos advindos da arte como um todo.

Essa modalidade terapêutica cuida do ser humano em uma perspectiva holística<sup>1</sup>, “integrando as áreas básicas do homem (neurológica, cognitiva, afetiva e emocional) e promovendo o aprimoramento das funções egoicas (percepção, atenção, memória, pensamento, capacidade de previsão, exploração, execução, controle da ação)” (FRANCISQUETTI, 2004, p. 17). Logo, propicia o aumento da qualidade de vida dos indivíduos que dela se apropriam. Como efeito secundário, vislumbra-se uma nova perspectiva da própria sociedade sobre estes profissionais, visto que eles puderam expressar sua subjetividade por meio da arte.

A partir disso, esta dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro, o “marco teórico” são discutidas as questões pertinentes ao consumo, ao lixo, à reciclagem e à arteterapia pela abordagem junguiana. No segundo, “percurso metodológico”, descreve-se a pesquisa, delineando a abrangência, os participantes, os métodos de coleta dos dados e os procedimentos éticos e de análise dos materiais colhidos. Por fim, no terceiro, “resultados e discussões”, procede-se à reflexão da arteterapia com o grupo de catadores em questão.

Nas quinze oficinas elaboradas, realizam-se técnicas de relaxamento dirigido no início, com música instrumental e uma mensagem. Em um segundo momento, propõe-se uma vivência envolvendo atividades arteterapêuticas e, posteriormente, os sujeitos compartilham seus sentimentos com relação às suas produções. Deste modo, busca-se que tais atividades

---

<sup>1</sup> No campo das ciências humanas e naturais, é a abordagem que prioriza o entendimento integral dos fenômenos (HOUAISS, 2009, p. 396).

contribuam, de maneira significativa, na vida daqueles que passam pelo processo das oficinas, desvelando seu potencial humano.

## 1 MARCO TEÓRICO

Este primeiro capítulo da dissertação intitulado “Marco Teórico” compreende três seções: uma que trata da questão do consumismo e de toda problemática ambiental que se dá em consequência dele, bem como da importância do catador nesse contexto. A outra seção versa sobre a arte e seu encontro com a terapia. E o terceiro tópico explora o universo Junguiano em arteterapia. São, pois, debatidas as bases teóricas do universo da investigação.

### 1.1 Enquanto o consumismo nos consome

Para entender como os indivíduos produzem lixo, é relevante analisar, inicialmente, todas as dificuldades ambientais vivenciadas na atualidade. Além disso, também é crucial compreender o processo consumista que permeia toda a vida em sociedade e como isso influencia na formação de toneladas de materiais passíveis de serem reciclados.

#### 1.1.1 Questão ambiental

Na contemporaneidade, crescimento econômico, desenvolvimento, proteção ambiental e igualdade social coexistem e, para que haja um equilíbrio duradouro, um não pode crescer sem que o outro também se amplie. O ser humano está face a face com diversos problemas, entretanto são muitas as possibilidades de resolução desses conflitos. “A globalização e as pressões sobre nossos recursos naturais significam que escolhas individuais podem ter consequências globais” (PNUMA, 2012a, p. 17). Cabe a cada um desenvolver ações sustentáveis e conscientes para modificar a realidade. “O desenvolvimento sustentável não é uma meta, mas um processo dinâmico de adaptação, aprendizagem e ação” (PNUMA, 2012a, p. 09).

A Lei Federal nº. 6.938, de 31 de agosto de 1981, trata da Política Nacional do Meio Ambiente no Brasil e define a expressão meio ambiente como “o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas” (BRASIL, 1981). O vocábulo ambiente tem origem no latim *ambiens*, tendo como definição “que rodeia”. Para Berté (2012), meio ambiente é a circunvizinhança de um organismo, o que inclui a interação com todos os seres vivos.



A palavra ecologia deriva do grego *oikos*, que significa “casa”, e *logos*, que significa “estudo”. Haeckel, zoólogo alemão, propôs o termo ecologia pela primeira vez, em 1869. “No passado, a ecologia resumia-se ao estudo da natureza, uma espécie de história natural, que se inspirava em trabalhos de grandes observadores e pesquisadores do século XIX” (BERTÉ, 2012, p. 21). A proposta de Haeckel referia-se ao estudo das relações que se dão na natureza, entre os organismos vivos e seus ambientes. De acordo com o artigo 225 da Constituição Federal Brasileira de 1988, “todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida” (BRASIL, 1988), sendo obrigação do Poder Público garantir que ele seja preservado para as gerações vindouras. Apesar disso, a responsabilidade não deve ser delegada ao governo e às grandes indústrias (ainda que estas tenham enorme influência no meio), mas sim a toda população, tendo em vista que os humanos são animais que fazem parte da natureza.

Pertinente ao ambientalismo, antes do século XIX, a degradação ambiental era relativamente pequena e não havia grande preocupação com o assunto. Após a Revolução Industrial, iniciaram-se discussões no que concerne aos impactos da destruição ecológica, mas estas reflexões se restringiam às elites dos países dominantes (BARBOUR, 2003). Sabe-se que a Revolução Industrial tornou a fabricação de produtos mais eficiente. Porém, isso fez crescer o número de desempregados, além de colaborar com o aumento do consumo e, por conseguinte, da produção de lixo. O crescimento da população das áreas urbanas também foi fator essencial para que a poluição e degradação ambiental se propagassem com mais rapidez. Até 1970 não existia um movimento social ambiental, mesmo que houvesse publicações a respeito. Apenas em 1973 (início da crise do petróleo) emerge um movimento organizado em prol da ecologia. Após isso, diversas conferências, encontros e comissões foram realizados, a fim de problematizar a questão ambiental no mundo. No Brasil, foi a partir dos anos 1990 que houve uma mudança clara no rumo do ambientalismo (GRÜN, 1996).

Pode-se perceber, nas últimas décadas, o aumento da consciência e da sensibilização concernente aos cuidados com o meio ambiente, no Brasil e no mundo. Isso se evidencia na Rio 92, na RIO+20 e, em 2015, na Agenda 2030. Esta tem por objetivo criar um plano de ação para cumprir os 17 objetivos de desenvolvimento sustentável e as 169 metas que o documento propõe para que haja prosperidade no planeta em todos os sentidos. A Organização das Nações Unidas (ONU), por meio dos Objetivos do Milênio (ONU, 2000), tem idealizado como 7º Objetivo do Milênio garantir a sustentabilidade ambiental do planeta (ONU, 2012).

Para Quintas e Gualda *apud* Berté (2012), os meios natural e social são indissociáveis. O homem é detentor de valores e saberes socialmente produzidos ao longo da história e que, por meio deles, configuram-se em relações de poder. Mesmo assim, a natureza é complexa e resiliente, possuindo também certos poderes, uma vez que, deixando o homem de existir, ela poderia recuperar-se em sua integralidade. Do contrário, se a natureza deixasse de existir, o homem sucumbiria junto a ela, pois é parte integrante. Nesse sentido, Saviani (2004, p. 50) relata que:

Os seres humanos necessitam perceber profundamente o que a natureza é para nós e em nós, o que a natureza é em si e o que somos com ela – multiplicidade de sons, cores, movimentos, formas, gestos, expressões, tamanhos, atitudes, intensidade, estados. Diferentes árvores, a magia do voo dos pássaros, os peixes e o mar em seu movimento eterno, a terra, os alimentos, a madeira, os minerais, enfim, tudo que é matéria-prima e pode ser transformado, que sensibiliza o homem e integra-se materialmente ao seu dia-a-dia.

Sendo assim, é essencial que o ser humano tenha uma visão holística em relação ao mundo. Isso significa dizer que ele deve perceber-se como elemento integrante da natureza e não como um habitante de um planeta sobre o qual tem domínio. Isso concerne, igualmente, à responsabilidade social que se deve ter para com o planeta. Nesse foco, Berté (2012, p. 39) explica que:

Responsabilidade social é isso: o envolvimento de todas as pessoas e de todos os setores na gestão ambiental. Aliás, considerando o fato de ser complicado e até mesmo impossível viver sem os outros elementos do meio, estamos falando de decisões que influenciam grandemente a qualidade de vida da raça humana.

Assumir uma responsabilidade social, além de outras coisas, é ser sustentável. A sustentabilidade pode ser definida como “característica de um processo ou sistema que exista por certo tempo ou tempo indeterminado” (PEREIRA, 2011, p. 74). Uma sociedade sustentável é aquela que não coloca em risco os recursos naturais (água, solo, vida vegetal e ar). “Nas civilizações antigas, a Terra era considerada a Mãe de todos os seres vivos e era objeto de um culto, o da Mãe-Terra” (MANIFESTO APPELLATIO, 2015, p. 19). Hoje, ainda existem resquícios de povos ancestrais que mantêm essa relação de respeito com a natureza, porém a maioria da população é formada por seres humanos que se empenham em dominá-la.

Cegos de vaidade e ganância, “os *Homo Sapiens Sapiens*, nome que os cientistas deram à nossa espécie e que significa literalmente ‘homem que sabe que sabe’, ainda estão muito longe de saber o essencial: eles devem tudo à natureza e nada são sem ela” (MANIFESTO APPELLATIO, 2015, p. 23). O planeta possui ciclos de manutenção, no

entanto o ser humano deve colaborar com a recuperação dos recursos que utiliza e explora. Deste modo, urge que se tenha uma postura responsável em relação às atitudes cotidianas, no que diz respeito ao meio ambiente.

### **1.1.2 Consumo, logo existo**

Os elementos considerados vitais na vida de um ser humano não são os mesmos que tempos atrás existiam. Quando se ouvem histórias do século passado, é estranho notar que as pessoas precisavam apenas do básico para sobreviver. Com o passar dos anos, o advento das tecnologias e a evolução da ciência fizeram com que as necessidades se transformassem. Na contemporaneidade, não se compreende alguém que “apenas sobrevive”. Os indivíduos aprenderam a buscar mais conforto, lazer e prazer. Infelizmente, os meios para alcançar este fim estão degradando o planeta e os valores humanos.

É interessante perceber que, com o passar das décadas, a preocupação com a sustentabilidade do comportamento humano cresce, surgindo conceitos e ideias que trazem profundas reflexões. Como por exemplo, a concepção de consumo responsável. É um movimento individual e coletivo, “no sentido de gerar um processo de escolha que equilibre o consumo e a sustentabilidade do planeta a longo prazo” (SCHIAVO e MOREIRA, 2005, p. 44). Já o consumo sustentável “busca reposicionar o consumo, adotando estratégias e alternativas que minimizem os impactos ambientais do consumo e ampliem a justiça redistributiva” (SCHIAVO e MOREIRA, 2005, p. 46).

Para isso, o consumidor deve se informar sobre todas as etapas de processamento e produção do que está comprando. Passando pela origem da matéria-prima, a mão de obra, o transporte, até a venda. Desse modo, pode-se controlar a oferta e demanda de produtos que estejam fora do sistema de sustentabilidade, fazendo com que as empresas se adequem às normas ou fechem as portas. Infelizmente a mídia em geral não tem mostrado de forma fidedigna estas informações e cabe à população buscá-las, o que torna mais difícil a tarefa de conscientização.

No que tange à mídia, após o século XVIII, surgem os primeiros jornais, onde se percebe, de acordo com Ormezzano [et. al.] (2007, p. 122), “uma disseminação continuada de mensagens similares para parcelas percentualmente significativas da população”, criando, assim, padrões comportamentais, econômicos e sociais. Com a Revolução Industrial, origina-se a Indústria Cultural, por meio da qual acontece a mediação e a manipulação das informações à sociedade. Tudo isso para uma finalidade: o crescimento econômico. Não

exatamente o crescimento econômico das massas, do povo, mas sim daqueles que estavam por trás das mídias.

Santos (2009, p. 26) destaca que “nunca houve tanto alimento e tanta fome, tanta informação e inércia intelectual, tanto dinheiro e tanta pobreza”. A ideia de que o desenvolvimento econômico diminuiria desigualdades é uma falácia. O bolo – de que tanto falam os economistas – cresceu muito, mas não será repartido igualmente (SANTOS, 2009). O capitalismo sobrevive com a criação de demandas artificiais somadas à obsolescência programada, que é uma estratégia da indústria utilizada para que seus produtos durem menos do que a tecnologia permite. Elas induzem à ilusão de que certo produto não possui mais vida útil, mesmo estando em perfeito estado e que, a partir daí, as pessoas precisam procurar as novidades oferecidas pelo mercado.

A mídia colabora em demasia com esta realidade, fazendo com que a sociedade acredite que precise deste ou daquele produto, devendo ser substituído num curto espaço de tempo, pois, de forma rápida, se torna, ilusoriamente, obsoleto. O crescimento econômico é, aparentemente, o único objetivo da mídia. Porém, como já foi dito, quem usufrui deste crescimento não são as massas, mas sim as grandes indústrias, empresas multinacionais, indústria farmacêutica, entre outros. “Em suma, a cultura foi transformada de estimulante em tranquilizante, de arsenal de uma revolução moderna em repositório para a conservação de produtos. Cultura tornou-se o nome de funções atribuídas a estabilizadores, homeostatos ou giroscópios” (BAUMAN, 2013, p. 15).

O princípio fundante da Indústria Cultural é, de acordo com Adorno (2006), apresentar ao consumidor suas necessidades, bem como de mencionar que estas serão satisfeitas plenamente pela indústria cultural, a fim de obter um eterno consumidor. Render-se a este sistema tem custos; ir contra ele, também. E o preço, “nem sempre monetário, mas provavelmente mais doloroso e difícil de pagar” faz com que não haja escapatória senão assujeitar-se ao sistema (BAUMAN, 2011, p. 11).

Nesse plano, Balestrin (2007, p. 11) comenta que “entre uma compra e outra, o consumo desliza-se em múltiplas direções: de satisfação pessoal, de dívidas, ao consumo de si mesmo, do corpo, aliado ao contexto da vida”. Os indivíduos vivem suas vidas trabalhando para sustentar seu consumo desenfreado, mas, no fim, é doloroso perceber que o que está sendo consumido é sua própria essência e seus valores humanos. Jung (1964, p. 212) corrobora com este pensamento, alertando para o fato de que:

Hoje em dia um número cada vez maior de pessoas, sobretudo as que vivem nas grandes cidades, sofre de uma terrível sensação de vazio e tédio, como se estivesse à espera de algo que nunca acontece. Cinema e televisão, espetáculos esportivos, agitações políticas podem distraí-las por algum tempo, mas, exaustas e desencantadas, acabam sempre por voltar ao deserto de suas próprias vidas.

O impacto negativo do consumismo, hodiernamente, perpassa as relações humanas, relações de negócios, o mercado, e vai além: o planeta Terra também pede socorro. De acordo com o Relatório “Povos resilientes, Planeta resiliente: um futuro digno de escolha”, do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA, 2012a), vive-se o melhor e o pior dos tempos. Há muita prosperidade, as pessoas cada vez mais têm acesso à água potável, saneamento básico, alimentos, tecnologias. Porém, todos estão sob pressão, inclusive o planeta Terra. Problemas como desigualdade social, desmatamento, extinção de espécies, poluição só aumentam e não se tem perspectivas de melhora significativa. Conforme o PNUMA (2012a, p. 17):

A necessidade de integrar as dimensões econômica, social e ambiental de desenvolvimento para alcançar a sustentabilidade foi claramente definida há vinte e cinco anos. É hora de fazê-la acontecer. As oportunidades para mudança são vastas. Nós não somos vítimas passivas e desamparadas das forças impessoais e deterministas da história. E o melhor é que podemos escolher nosso futuro.

Sendo assim, é fundamental que possam ser feitas reflexões e iniciar transformações no momento em que cada um se der conta do ciclo vicioso de que se alimenta o consumismo. Há de se ter consciência de cada ato realizado, a fim de que não se viva mais apenas se guiando pelas rápidas mudanças do sistema, mas como cidadãos empoderados<sup>2</sup>, promotores de mudança social. Que o ser humano possa estar atento, para que o consumismo não o consuma.

### **1.1.3 Aqueles que trabalham com o que se chama de lixo**

Em consonância com o Houaiss (2009, p. 467), lixo é um “objeto sem valor ou utilidade [...] que se joga fora; sujeira, imundície; coisa ou pessoa sem valor, utilidade, importância”. Material reciclável não é a mesma coisa que lixo. Nesse sentido, o IPEA (2013,

---

<sup>2</sup> Empoderamento é o processo pelo qual um indivíduo, um grupo social ou uma instituição adquire autonomia para realizar, por si, as ações e mudanças necessárias ao seu crescimento e desenvolvimento pessoal e social numa determinada área ou tema. Implica, essencialmente, a obtenção de informações adequadas, um processo de reflexão e tomada de consciência quanto à sua condição atual, uma clara formulação das mudanças desejadas e da condição a ser construída. A estas variáveis, deve somar-se uma mudança de atitude, que impulse a pessoa, grupo ou instituição para a ação prática, metódica e sistemática, no sentido dos objetivos e metas traçadas, abandonando-se a antiga postura meramente reativa ou receptiva (SCHIAVO e MOREIRA, 2005, p. 59).

p. 05) destaca que “o tratamento adequado aos resíduos sólidos urbanos e à reciclagem integram o conjunto de temas (da) [...] agenda contemporânea [...] sobre o desenvolvimento sustentável, [...] evidenciando uma preocupação global e imediata”. Estes resíduos reaproveitáveis podem salvar ou destruir o mundo, dependendo do cuidado que é destinado a eles.

O crescimento dos padrões de consumo desordenado agrava a questão ambiental, uma vez que gera uma quantia exorbitante do que comumente é chamado de lixo. Isto traz problemas não só ambientais, mas sociais e de saúde pública. É indispensável a gestão destes dejetos. De acordo com o PNUMA (2012b), existem políticas de gerenciamento de resíduos em muitos países, porém há carência de dados para saber se estas políticas estão sendo eficazes. E é justamente devido a essa falta de informações que se torna difícil mensurar se as metas estão sendo alcançadas, como se está chegando a elas, além de novas formas de gestão para a melhora deste processo. Sendo assim, as ações devem ser pensadas e feitas dentro do que se tem conhecimento, mas sempre buscando dados novos.

No Brasil, existe a Política Nacional de Resíduos Sólidos (BRASIL, 2010), que trata das “diretrizes relativas à gestão integrada e ao gerenciamento de resíduos sólidos, incluídos os perigosos, às responsabilidades dos geradores e do Poder Público e aos instrumentos econômicos aplicáveis”. Ela define a palavra reciclagem, bem como outros termos relacionados ao manejo com os resíduos sólidos. Conforme o inciso XIV do art. 3º, reciclagem é:

[...] o processo de transformação dos resíduos sólidos que envolve a alteração de suas propriedades físicas, físico-químicas ou biológicas, com vistas à transformação em insumos ou novos produtos, observadas as condições e os padrões estabelecidos pelos órgãos competentes do SISNAMA<sup>3</sup> e, se couber, do SNVS<sup>4</sup> e do SUASA<sup>5</sup>.

Essa lei expandiu os horizontes da gestão do lixo urbano no país. Modificaram-se estratégias empresariais e também residenciais. “O processo de diálogo, inédito no cenário nacional e global dos resíduos urbanos, expôs a complexidade do desafio que o Brasil tem pela frente e o tamanho do esforço a ser empreendido conjuntamente por governo, empresas e sociedade” (CEMPRE, 2015, p. 11). Conforme a legislação, os lixões devem ser extintos, dando lugar a aterros sanitários, onde somente os materiais que não podem ser reciclados devem constar.

---

<sup>3</sup> SISNAMA: Sistema Nacional do Meio Ambiente.

<sup>4</sup> SNVS: Sistema Nacional de Vigilância Sanitária

<sup>5</sup> SUASA: Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Agropecuária.

O cuidado com os resíduos sólidos é indispensável. O trabalho com o lixo é essencial para a manutenção do meio ambiente, pois evita que os resíduos se acumulem nas cidades, o que causaria maiores problemas de saúde pública. Deve-se ter em mente também que a reciclagem gera renda aos que trabalham com ela e também diminui a poluição da água, do solo e do ar. O catador tem aí um papel fundamental, entretanto, muitas vezes, não é percebido pela sociedade e nem por ele mesmo como um agente indispensável, na atualidade.

A saúde física e mental destes profissionais deve ser tratada com mais cuidado, a fim de melhorar as condições de vida de todos. Os riscos do trabalho com o lixo são inegáveis, sendo necessário repensar formas de melhorar, igualmente, as condições de trabalho dos envolvidos no processo. Nesse sentido, a presente pesquisa busca provocar reflexões que agreguem valor ao pensamento coletivo do papel dos catadores. Reflexões estas que advêm não só dos catadores como também da própria sociedade ao percebê-los não como sujeitos marginalizados, mas como trabalhadores dignos.

Os resíduos sólidos sempre representaram, segundo Santos e Silva (2009), “tudo que não tem valor e/ou serventia para um determinado grupo social”, além da ideia de sujeira e de rejeição. Conforme a lógica capitalista, uma pessoa é visível ou invisível de acordo com sua função social. Nessa perspectiva, as pessoas que trabalham com os resíduos sólidos sofrem preconceitos, pois são tidas como invisíveis. No fim, é como se o catador e o lixo se fundissem, formando um só aos olhos da sociedade.

Como refere Costa (2004), em relação ao trabalho com o lixo, no Brasil, foi no final do período colonial que ele passou a ser associado à ideia de sujeira. Os escravos lidavam com os dejetos, posteriormente as mulheres e, só mais tarde, a profissão de gari foi criada. Com base nos dados do IPEA (2013, p. 42), a partir de 2002, a categoria de catador de material reciclável passou a ser melhor identificada nos Censos e Pesquisas:

Essa novidade abriu boas possibilidades de estudos sobre a realidade destes profissionais e sua situação familiar. Até então, os catadores eram identificados nessas pesquisas por diferentes nomenclaturas utilizadas ao longo do tempo, muitas delas rechaçadas por eles próprios, por identificá-las como pejorativas. Para se ter uma ideia, no Censo 1991, em outras ocupações e ocupações mal definidas, constava a atividade de lixeiro. No Censo de 2000, a atividade de lixeiro foi substituída por catadores de sucata. Apenas no Censo de 2010 a atividade está representada como coletores de lixo e material reciclável, classificadores de resíduos e varredores e afins.

Em relação à profissão de catador, existem aqueles que trabalham sozinhos e também aqueles que optam por associações e cooperativas. A política de geração de trabalho e renda permite que sejam desenvolvidas atividades econômica e ecologicamente sustentáveis, por

meio de iniciativas que podem partir de qualquer pessoa ou grupo que deseje abrir/gerir um negócio. Nesse sentido, o Serviço Social do Comércio (SESC, 2008, p. 12) publicou um guia que permite entender melhor como funciona essa política:

A geração de trabalho e renda (GTR) compreende a criação de novas e pequenas unidades produtivas ou a expansão das já existentes. Significa estimular ou permitir que as pessoas iniciem negócios próprios dirigidos ao mercado de forma cooperada, associada ou individualmente. Significa também a geração de atividade econômica, por meio de pequenos negócios individuais ou em associação/cooperação.

Em conformidade com o IPEA (2013, p. 08), existem catadores que “trabalham em rotas específicas de coleta na cidade, passando em áreas residenciais e empresas, assim como há aqueles que trabalham em lixões ou aterros sanitários, onde são despejadas toneladas de lixo todos os dias”. Os profissionais participantes desta pesquisa de Mestrado são vinculados a uma associação, o que faz com que se sintam mais seguros quanto à questão trabalhista.

A gestão correta dos resíduos e a reciclagem propiciam condições melhores de saúde pública em geral e são fatores indispensáveis para a sociedade atual. Os catadores, “por meio de sua atividade cotidiana, transformam o lixo (algo considerado inútil a princípio) em mercadoria outra vez (algo útil, dotado de valor de uso e de valor de troca)” (IPEA, 2013, p. 05). Estes profissionais devem ser vistos não como sujeitos de uma história de pobreza e sujeira e, sim, como protagonistas de suas vidas, trabalhadores dignos e que são importantes agentes ambientais que colaboram para um mundo sustentável.

## 1.2 Da Arte à Arteterapia: expressão do ser

*Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.  
Viajaram para o Sul.  
Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.  
Quando o menino e o pai, enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.  
E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:  
- Me ajuda a olhar!*

(GALEANO, 2002, p. 12)

É importante salientar, nesse momento, que alguns autores citados neste trabalho (PAÍN, 2009; CIORNAI, 2004), por vezes, não seguem a linha teórica principal desta pesquisa, que é Junguiana. Isso não quer dizer que não estejam em consonância com o



argumento utilizado em determinado momento do texto. Sendo assim, considera-se relevante realizar contrapontos e, também, citar autores que, mesmo sendo de linhas teóricas diferentes (Lacanianas e Gestálticas, respectivamente), possam contribuir com o entendimento da temática.

Nesse enfoque, a palavra arte tem sido definida por diversos autores, de inúmeras formas e, hoje, não se pode afirmar que exista alguma definição universal. Do latim *ars*, significa técnica ou habilidade, tendo raiz no verbo articular (MACIEL e CARNEIRO, 2012). Também possui três significados tradicionais: fazer, exprimir e conhecer. Os diversos conceitos existentes, muitas vezes, entram em conflito por fazerem parte de épocas diferentes da história. O que se pode declarar é que a busca por respostas definitivas decepciona, pois “elas são divergentes, contraditórias, além de frequentemente se pretenderem exclusivas, propondo-se como solução única” (COLI, 2004, p. 07). Calabrese (1987, p. 15), em uma tentativa bastante pertinente, conceitua a arte como:

Qualidade intrínseca de certas obras produzidas pela inteligência humana, isto é, constituídas em geral só por materiais visuais, que manifeste um efeito estético, conduza a um juízo de valor sobre as obras em si ou sobre os seus conjuntos ou sobre os seus autores, e que dependa de técnicas específicas ou de modalidades de produção das próprias obras.

As manifestações humanas de arte mais antigas foram encontradas na Europa, em especial na Espanha, sul da França e sul da Itália e datam de 25.000 a.C., e 40.000 anos, no período Paleolítico (SANTOS e SANTOS, 2014, p. 45). Isto significa que o ser humano sempre necessitou se utilizar da arte para expressar sonhos, desejos, fatos do cotidiano e crenças. Faz parte da arte rupestre as pinturas em paredes de cavernas, objetos artesanais, como pontas de lança, entre outros. Na medida em que os indivíduos se tornam sedentários, as relações sociais ficam mais complexas, o que também contribuiu para as mudanças da produção artística. Em concordância com os autores citados, as realizações artístico-culturais colaboraram na evolução mental e social do homem.

A arte dessa época possuía caráter mágico, pois preparava o grupo para uma tarefa que lhes garantiria a sobrevivência (SANTOS e SANTOS, 2014). Estes autores (2014, p. 45) consideram como arte pré-histórica “todas as manifestações que se desenvolveram antes do surgimento das primeiras civilizações e, portanto, antes da escrita”. Posteriormente, do 4º ao 1º milênio a.C., a cultura egípcia se destaca com suas construções extraordinárias, repletas de simbolismos e significados. As pinturas e esculturas expressavam o cotidiano e os rituais do povo do Egito, bem como questões relacionadas à vida e à morte. Também é relevante citar

que apesar da beleza dos bustos, estes não buscavam a perfeição. De acordo com Baumgart (1999), as faces não possuem os dois lados iguais, o nariz geralmente tem um leve desvio e os cantos da boca são diferentes. Isto, propositalmente feito pelo escultor para atingir maior naturalidade e realismo.

Não há como falar em arte sem citar os gregos e seu legado ocidental para as civilizações posteriores. Segundo Camargo (2009, p. 38), “os gregos são conhecidos por terem criado uma civilização na qual predominou a perfeição, que significava simetria e era sinônimo de beleza”. A arte produzida neste período foi tão marcante que serviu de referência aos romanos e segue até os dias de hoje. Os romanos, “antes de desenvolverem um estilo próprio, reproduziram-na em larga escala” (CAMARGO, 2009, p. 38). De acordo com Sei (2010, p. 08), “a arte é utilizada com finalidades terapêuticas há séculos, contudo, uma estruturação do uso dos recursos artísticos no campo das terapias ocorreu mais recentemente”. Existem registros da arte sendo usada na terapêutica, na Grécia, no ano 5 a.C., para promover e recuperar a saúde dos indivíduos.

Na Idade Média, as obras de arte eram direcionadas à doutrina religiosa, estando à serviço da Igreja. Deste modo, a arte de cada época demonstra como eram as relações sociais e o pensamento de um povo, modificando-se com o transcorrer do tempo, visto que as manifestações artísticas vão se transformando a partir da interação com o conhecimento advindo de outras culturas. Contemporaneamente, “[...] com o advento do abstracionismo, a arte perdeu sua função de cópia ou interpretação do mundo, tornando-se uma imagem autossuficiente” (MIKOSZ, 2016, p. 286). Isto é, a arte possui personalidade própria (a do autor), não sendo necessariamente uma reprodução, mas uma representação daquilo que inspirou o artista.

A arte é uma área do conhecimento que abrange diferentes linguagens e práticas, como as artes visuais, a literatura, a música, a dança, o cinema, o teatro, entre outros. Se apresenta como uma forma diferenciada de constituição do sujeito. “Seu domínio é o do não-racional, do indizível, da sensibilidade: domínio sem fronteiras nítidas, muito diferente do mundo da ciência, da lógica da teoria” (COLI, 2004, p. 109). Ainda para este autor (2004), a arte transforma, desperta emoções e reações culturalmente ricas. Além disso, é uma questão que sempre será envolta de dúvidas, questionamentos e discussões e é nesse sentido que a arteterapia se desenvolve, pois é despida de preconceitos e normas.

Boa parte da população que tem pouco acesso à arte considera que, nos dias de hoje, é algo difícil de compreender. Isso decorre, de acordo com Camargo (2009, p. 55), do fato desta população trazer “[...] introjetado e profundamente enraizado o cânone pictórico

clássico”. Bastide (1979, p. 15), desde épocas mais remotas, questiona os padrões estéticos cristalizados na sociedade:

[...] donde vêm nossas ideias sobre o belo? Elas não podem ser inatas, pois mudam com os lugares e os tempos; vêm, portanto, de fora, do exterior. Ora, para o artista o exterior é o meio e o momento em que vive, é a civilização a qual pertence e suas ideias não poderão, jamais, deixar de exprimir essa civilização.

As manifestações artísticas sempre foram importantes nos diversos contextos e épocas da humanidade. Percebe-se que, até mesmo os primeiros agrupamentos humanos, utilizavam-na como forma de registro e expressão dos sentimentos. Com a desconstrução dos cânones estéticos, a arte se tornou democrática e passou a existir nos mais diversos cenários da História. Hoje, a arte está disponível para apreciação de pessoas de todas as classes sociais, idades, gêneros e gostos, tendo também sua função terapêutica.

Segundo Maciel e Carneiro (2012), o termo terapia, do grego *thaerapia*, no sentido original, é o ato de render culto ou servir à Deus. Na contemporaneidade, terapia significa tratamento, cura, restabelecimento da qualidade de vida. A arteterapia está profundamente ligada à História da Arte, à Psicanálise e à Psiquiatria. Mesmo assim, não se pode restringi-la a estas áreas, uma vez que está conectada a diversos campos do conhecimento. Ela nasce, então, na tentativa de acessar conteúdos inconscientes por meio da expressão artística para, então, colaborar no processo de cura do paciente.

Para Paín (2009, p. 21), “a utilização da arte com fins terapêuticos só pode ser concebida no momento em que a clínica psicoterapêutica mudou fundamentalmente”. Essa transformação se deu na medida em que a sociedade modificou a visão a respeito da doença mental. Caterina (2005) postula que há relatos da união entre arte e saúde nos trabalhos do psiquiatra alemão Reil, discípulo de Pinel. Este desenvolveu, no início do século XIX, estágios que pretendiam a cura psiquiátrica. Dentre eles, estava a realização de atividades artísticas, por meio de estímulos físicos, intelectuais e sensoriais que estimulavam a expressão do mundo interno de cada paciente.

No tocante ao início do estudo científico da utilização da arte como terapia, Souza (s/d) comenta que, em 1876, o psiquiatra Max Simon analisou pinturas de pacientes, relacionando-as com as patologias de cada um. Outros médicos também se interessaram pela prática na época. Em 1906, Mohr aprofundou os estudos neste aspecto e constatou que as manifestações artísticas revelavam conflitos e questões internas do paciente.

De acordo com Souza (s/d), no século XX, Freud observou que o inconsciente<sup>6</sup> se revela nas imagens produzidas, mais que pelas palavras. Acreditava que a atividade artística era uma forma de catarse<sup>7</sup>, porém entendia que era a manifestação de um sintoma. Catarse, conforme Roudinesco (1998, p. 107), é uma palavra grega, retomada por Freud e Breuer, que designa “o procedimento terapêutico pelo qual um sujeito consegue eliminar seus afetos patogênicos e então ab-reagi-los, revivendo os acontecimentos traumáticos a que eles estão ligados”.

Freud possuía grande interesse na área das artes, contudo não as utilizou em suas práticas clínicas. Jung era discípulo de Freud, mas tinha uma visão diferente sobre o funcionamento da *psique* humana em certos sentidos. Enquanto um se preocupava com aspectos primitivos da *psique*, o outro se concentrava na história pessoal dos pacientes (LEITE, 2013). A íntima convivência de ambos levou Jung a romper com Freud por motivos de diferenças teóricas, todavia, hoje, se questiona se suas teorias, em alguns momentos, se complementariam. Como expõem Maciel e Carneiro (2012, p. 33), após este rompimento:

Jung vive um longo período de dúvidas existenciais que o levaram à descoberta do poder transformador da criação expressiva. Ele vive a experiência de ser invadido por imagens e vozes que emergiam espontaneamente da sua *psique* e busca, por meio da escultura, escrita, desenho e pintura, compreender seus significados e se reorganizar, experimentando, assim, seu próprio método. Acreditando que o indivíduo podia organizar seu caos interior por intermédio da arte expressiva, passa então a convidar seus pacientes a pintar e desenhar seus sonhos e angústias, inaugurando a utilização dessa prática no contexto clínico.

Jung, a partir de suas vivências e de intensa comunhão com seu inconsciente, foi elaborando sua obra científica. Em 1920, começou a utilizar a arte com seus pacientes na mesma época em que Steiner e Wegmann indicavam a arte para tratamentos em hospitais, tendo Cane como referência. Em 1923, “o psiquiatra e psicanalista Osório César estudou as artes dos pacientes internos do Hospital do Juqueri, em Franco da Rocha (SP) e, em 1925, fundou a Escola Livre de Artes Plásticas do Juqueri” (CARNEIRO, 2014, p. 26).

No Brasil, além de César, a médica psiquiatra Nise da Silveira se fez essencial para a fundamentação da arteterapia. Em 1946, buscava compreender as imagens produzidas pelos pacientes à luz da teoria junguiana. Correspondeu-se com Jung e, em 1952, fundou o Museu de Imagens do Inconsciente. Este Museu nasceu das práticas de Terapia Ocupacional que ela realizava no Centro Psiquiátrico de Engenho de Dentro. Nise era contra o modelo agressivo

---

<sup>6</sup> Parte recalçada da mente que aflora apenas em sonho, surto, etc. (HOUAISS, 2009, p. 415).

<sup>7</sup> Eliminação, purgação, libertação de emoções ou tensões reprimidas (HOUAISS, 2009, p. 143).

de tratamento psiquiátrico e questionava-o constantemente. Entendia que, já naquela época, a indústria farmacêutica era uma das mais fortes fontes de geração de capital (SILVEIRA, 1992).

A arteterapia atuou não só na Psiquiatria, como em diversas áreas. Como precursora, Naumburg sistematizou-a, enquanto um campo específico do conhecimento, segundo os princípios da Psicanálise; Kitkowska, com grupos e famílias; Kramer, seguindo a Psicanálise freudiana; Dolto, baseando-se em Lacan; Rhyne, utilizando-se da Gestalt; e, Rogers aplicou os princípios da teoria centrada na pessoa junto ao trabalho expressivo (SOUZA, s/d).

Após todos esses anos, diversas abordagens surgiram em arteterapia, vários cursos foram abertos e muitas pessoas puderam experimentar o processo de cura por meio de uma terapia que permite a liberdade de expressão e instiga a acreditar na criatividade e capacidades individuais e grupais. Na arteterapia, compreende-se o ser humano essencialmente como um ser criativo, ou seja, a criatividade é uma qualidade inata do sujeito. Ademais, é o contexto cultural de cada indivíduo que define como a inventividade irá se manifestar. É relevante salientar que a criatividade não é algo que ocorre tão somente com aqueles que têm condições de se expressar artisticamente, seja por meio da dança, teatro, pintura, música, cinema, literatura e outras manifestações.

O objetivo geral desta dissertação é desvelar o potencial humano dos catadores, que seriam todas as características inatas humanas: inteligência, criatividade, sensibilidade, entre outras (OSTROWER, 2001; GARDNER, 1994). Os indivíduos quando realizam tarefas diárias exprimem suas emoções, interagem com o outro e com o mundo e, deste modo, estão igualmente fazendo uso da criatividade. Isto porque a criação é intuitiva, mesmo que racional, e se torna consciente na medida em que se concretiza. O ser humano cria na proporção em que existe. Isto quer dizer que, não apenas porque quer, gosta ou precisa, mas cria como condição para sobreviver, para dar forma à sua existência.

A natureza criativa do ser pode ser entendida, na visão de Ostrower (2001, p. 05), como a capacidade de criar algo novo. Para a autora, em cada indivíduo existem duas forças que se completam, mas que, concomitantemente, se confrontam: “a sua criatividade, que representa as potencialidades de um ser único, e sua criação, que será a realização dessas potencialidades já dentro do quadro de determinada cultura”. Estas potencialidades supracitadas não se restringem, pois, à arte. É antiquado o pensamento de que apenas o fazer artístico é provido de criatividade. De fato, viver é exercer a criatividade.

Nesta forma de terapia, procura-se primar pela promoção de saúde e evita-se tocar nas dificuldades e pontos negativos. Assim, no momento em que a atividade foi concluída,

não se perguntam “os porquês” ao paciente e nem se tenta interpretar e, sim, deixa-se que ele fale a respeito de sua obra de arte. Este momento da verbalização é de grande valia, no qual o paciente deve se sentir confortável para expor qualquer sentimento. Daí a importância da terapia em grupo, para que haja trocas de vivências, para que um se espelhe e se enxergue no outro e para que sejam trabalhados diversos aspectos individuais e grupais ao mesmo tempo.

Inicia-se, então, o processo de ressignificação, por meio do qual o sujeito abre seus horizontes para novas possibilidades e se liberta de certos paradigmas. Isto se constitui em uma prática libertadora para aqueles que a vivenciam. Cabe aludir que, na arteterapia, não se deve privar o paciente de se sujar ou manchar o espaço, falar e agir, pois isto já acontece no mundo externo ao ateliê. Como já foi referido, as sessões devem ser espaços de libertação para os indivíduos. A arteterapia possibilita que se entre em contato com seu universo interno, com aqueles que estão à sua volta e com o mundo. O indivíduo vai sentindo a necessidade de cada vez mais expressar seus sentimentos e, com isso, o sentido da vida torna-se evidente, bem como o desejo de lidar com os medos e as angústias (AATESP, 2014).

Esta prática terapêutica propicia mudanças psíquicas como a expansão da consciência, reconciliação de conflitos emocionais, autoconhecimento e desenvolvimento pessoal (SOUZA, s/d). Por ser uma modalidade que permite liberdade de escolha de métodos e materiais, pode ser realizada por crianças, adultos e idosos. A Arteterapia, enfim, promove, preserva e recupera a saúde dos pacientes. Possibilita a transformação do ser humano, desenvolvendo-o em uma dimensão holística. Além disso, reaproxima esses indivíduos da sua própria essência, com base em um maior autoconhecimento, fazendo com que adquira um encantamento por si mesmo e pelo mundo novamente (GELAIN, 2013).

Um ponto que difere a arteterapia das terapias que utilizam imagens mentais é o seu *setting* tripolar. Isso quer dizer que, além dos polos paciente e terapeuta, existe a função da imagem, a produção do paciente (GELAIN, 2013). Destaca-se que o objetivo não é que a obra de arte seja tecnicamente correta ou esteticamente bonita. O importante na sessão é transferir a imagem mental para o trabalho, significando-a para si mesmo e para o terapeuta.

Sendo assim, cabe ao terapeuta e ao paciente construir e desconstruir ideias juntos, por meio da expressão artística. O papel do terapeuta é o de facilitador do processo, trazendo materiais diversos e apresentando técnicas ao *setting*. O conceito de *setting* diz respeito à configuração geral da terapia, abarcando todas as questões de cunho estrutural, relacional, terapêutico e instrumental. O *setting* é o momento da terapia, é o local onde acontecem as revelações do conteúdo inconsciente, por meio dos instrumentos necessários para viabilizar este processo.

Na compreensão de Paín (2009), é difícil saber quais qualidades uma obra de arte deve ter para que seja digna de ser exposta em um museu e que tenha relevância histórica. “O museu, concepção enciclopedista do século XVIII, isola e separa os objetos que julga dignos de serem exibidos, para estabelecer um espaço laico de sacralização da invenção humana” (PAÍN, 2009, p. 13). Se a arteterapia dependesse da “aprovação” dos museus, a cura dos pacientes jamais seria obtida, pois causaria tamanha frustração que a terapia não surtiria efeito.

É interessante observar que, na Psicoterapia em geral, ouve-se o paciente falar e, por vezes, se dá um *feedback* ou questiona-se algo. Em arteterapia, o paciente é observado enquanto vivencia uma experiência nova a cada sessão. Diante do que foi supracitado, a arteterapia, aqui, encontra lugar no sentido de ser criadora de novas possibilidades aos catadores. Esta modalidade terapêutica utiliza diversos recursos expressivos, a fim de ajudar as pessoas a acessarem conteúdos inconscientes. A partir disso, procura-se facilitar o desenvolvimento do indivíduo como um todo. Dentro desta perspectiva, podem ser utilizadas técnicas das artes visuais (pintura, desenho, modelagem, colagens), dança, música, literatura e teatro (ORMEZZANO e ARRUDA, 2005). A expressão artística permite que o ser humano se sinta livre de todas as censuras sociais e individuais.

No contexto das técnicas de arteterapia, nesta pesquisa, trabalhou-se com a reciclagem, visando transformar a visão dos catadores e da sociedade quanto ao lixo. Reciclar é basicamente modificar as propriedades de uma substância, almejando otimizar seu rendimento. Este vocábulo, nas definições de Houaiss (2009, p. 635), significa “reaproveitamento de materiais, atualização de conhecimentos”. Isto diz não só do aproveitamento de materiais, mas dos processos de subjetivação a que esta prática conduz. Modifica-se não só o “lixo”, mas também as representações sociais acerca dele.

### **1.3 Universo Junguiano em arteterapia**

*Não se trata, quanto à Jung, de um filósofo que, dentro de uma sala, tenha imaginado, concebido coisas e depois feito sistemas a respeito dessas concepções. Tudo o que apresentou parte da vida prática, dos seus achados dentro dessa vida.*

(SANTOS, 1976, Introdução)

Não há como discutir uma obra sem falar de seu autor. Carl Gustav Jung nasceu em 26 de julho de 1875, em Kesswil, na Suíça e faleceu em 6 de junho de 1961, em Küsnacht, também na Suíça. O Psiquiatra e Psicoterapeuta foi discípulo de Sigmund Freud, mas, por

divergências teóricas, afastou-se de seu mestre e resolveu criar sua própria teoria: a Psicologia Analítica. No ano de 1910, estava no “auge” de sua vida. Era Presidente da Associação de Psicanálise Internacional e havia abdicado do cargo de professor de Psiquiatria para clinicar em Zurique, na Suíça. Convivia com Freud, Bleuler e outros cientistas de renome internacional. Desenvolveu pesquisas sobre a esquizofrenia, as quais resultaram em sua primeira contribuição para a Psicologia: os complexos afetivos. (CARNEIRO, 2014). Freud e Jung estiveram nos Estados Unidos, em 1909, e, nesse meio tempo, analisaram os sonhos um do outro. Jung assinalou que, nessa ocasião, teve um sonho que lhe trouxe a noção de inconsciente coletivo, nas palavras de Leite (2013, p. 235):

Tratava-se de uma casa de dois andares, que Jung paulatinamente ia explorando, até chegar ao nível inferior, abaixo do andar térreo, onde encontrou restos de uma civilização antiga. Em sua visão, tratava-se de camadas de consciência, e estas apontavam para o diagrama estrutural da *psique* e sua natureza impessoal. Este sonho revela não só o interesse de Jung por Arqueologia como também aponta para o fato curioso de que este tenha ocorrido quando ele estava em companhia de Freud, que era declaradamente um entusiasta da Arqueologia.

Por meio desse sonho, Jung decidiu estudar a mitologia, a história e os símbolos dos povos. Porém, também dessa manifestação resultou a tomada de consciência, por parte de Jung, de que não havia mais tanta consonância teórica com Freud. Os fortes laços de amizade trouxeram intimidade, que colaborou para que Jung percebesse as diferenças entre seu pensamento e o de Freud. Em 1912, publicou o livro “Metamorfozes e Símbolos da Libido”, hoje conhecido por “Símbolos da Transformação”. Nessa obra, ele cuida, além de outros temas, da libido em Freud e de sua opinião em relação a ela.

De acordo com Carneiro (2014, p. 26), a partir daí “foi surgindo sua visão da *psique* e de como lidar com ela. A ideia do inconsciente pessoal e do coletivo; os arquétipos de Mãe e Pai, a Persona, Sombra, *Anima/Animus* e o *Self* [...]”. Sua teoria foi concebida partindo de suas vivências profissionais e pessoais. “Observou, descreveu, ordenou todos esses dados, que, repetimos, eram ou de clientes ou seus mesmos, pois Jung [...] foi um psicoterapeuta que fez sua própria análise e, ainda mais, que descobriu o próprio caminho para essa análise” (SANTOS, 1976). A fim de buscar aporte teórico que desse sustentação à sua teoria, empenhava-se em fundamentar suas ideias em bases biológicas e históricas. Consoante aponta Santos (1976, Introdução):



[...] uma cliente lhe contara um sonho em que aparecia uma águia, a qual comia a própria asa. Durante longos anos, Jung refletiu sobre tal sonho sem chegar a uma conclusão, até que, passando a estudar alquimia, encontrou, num livro muito antigo, a gravura de uma águia comendo a própria asa, ali se lhe deparava, de repente por acaso, o elemento histórico de que necessitava: a paciente tinha tido uma representação onírica que não derivava de suas experiências pessoais, mas que provinha de uma experiência, de uma vivência que, muito anteriormente, tivera alto valor para determinada parte da humanidade. Havia um *background*, um antecedente histórico explicando a imagem tão estranha do sonho.

Com o passar dos anos e a análise profunda dos casos em seu consultório, Jung percebe que suas hipóteses eram válidas para um número grande de pessoas. “[...] Sua generalização quanto ao inconsciente coletivo, por exemplo, não foi feita a partir de seu sonho acima levemente lembrado [o sonho da casa]” (SANTOS, 1976, Introdução). Foi uma ideia que foi sendo confirmada por seus achados de psicoterapeuta “confirmada, entretanto, para Jung, como uma hipótese de trabalho apenas” (SANTOS, 1976, Introdução).

Para Jung, a consciência não é a mesma coisa que a *psique*, uma vez que esta abarca o consciente e o inconsciente. A consciência é a mantenedora da relação dos conteúdos psíquicos e do ego (desde que este os perceba). O ego, por sua vez, está “dentro” da consciência, é um ponto de referência, central, e “apresenta-se como o sujeito a que é apresentado tudo o que integra a consciência; cada um dos elementos desse “tudo” se apresenta ao ego, como um objeto” (SANTOS, 1976, p. 03).

Quando os conteúdos psíquicos não são mais percebidos pelo ego, fazem parte do inconsciente. Ele representa “a fonte de todas as forças instintivas da *psique* e encerra as formas ou categorias que as regulam, quais sejam, precisamente, os arquétipos” (JUNG, 1971, p. 95). Esse conceito, em Freud, era comparado a uma espécie de depósito de conteúdos reprimidos ou esquecidos. Jung trouxe a ideia de que, além do inconsciente pessoal, existe uma camada coletiva, que “já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata” (JUNG, 2000, p. 15). Jung acredita que o inconsciente coletivo é universal, “isto é, contrariamente à *psique* pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos” (JUNG, 2000, p. 15).

O inconsciente pessoal é uma camada individual onde estão alocadas memórias, traumas, vivências, questões que não estariam prontas para serem reveladas à consciência, percepções subliminares (percepções dos sentidos que não são suficientemente fortes a ponto de atingir a consciência), entre outros (SHARP, 1997). Nas palavras de Jung (2000, p. 16):

Uma existência psíquica só pode ser reconhecida pela presença de conteúdos capazes de serem conscientizados. Só podemos falar, portanto, de um inconsciente na medida em que comprovarmos os seus conteúdos. Os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os complexos de tonalidade emocional, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica. Os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são chamados arquétipos.

A noção de arquétipo foi desenvolvida por volta de 1912 e foi sendo aprimorada por seu criador. Este representa conteúdos inconscientes herdados, que se moldam conforme a consciência individual na qual se manifesta. Como explica Sharp (1997, p. 28), “são padrões potenciais inatos de imaginação, pensamento ou comportamento que podem ser encontrados nos seres humanos em todos os tempos e lugares e constituem, junto com os instintos, os elementos primordiais e estruturais da *psique*”. Quando se relaciona o arquétipo com os mitos e os contos de fada, pode-se compreendê-lo melhor, porém, para Jung (2000, p. 17), “o fato de que os mitos são, antes de mais nada, manifestações da essência da alma, foi negado de modo absoluto até nossos dias”. Ainda no pensamento desse autor (2000, p. 17):

O termo arquétipo não é usado por Agostinho, mas sua ideia, no entanto, está presente; por exemplo, em “*De diversis quaestionibus*”, “*idaeae... quae ipsae formatae non sunt... quae in divina intelligentia continentur*”. (ideias... que não são formadas, mas estão contidas na inteligência divina). [...] Para aquilo que nos ocupa, a denominação é precisa e de grande ajuda, pois nos diz que, no concernente aos conteúdos do inconsciente coletivo, estamos tratando de tipos arcaicos – ou melhor – primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos.

Como indica Jung (1964, p. 20), símbolo é “um termo, um nome, ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional”. Para o autor, um símbolo pressupõe algo além do seu significado manifesto e imediato e tem aspecto inconsciente mais amplo que nunca consegue ser explicado em sua totalidade. Além disso, realizam a comunicação entre o consciente e o inconsciente, canalizando a energia psíquica e expandindo o *self* (MACIEL e CARNEIRO, 2012). Nesse sentido, a contribuição de Jung é de grande valia, pois estimula os indivíduos a confiarem na intuição, a qual é desvalorizada na cultura ocidental, cartesiana e racional. Ele instiga a questionar, de uma forma diferente, as vivências humanas. Conforme relatam Maciel e Carneiro (2012, p. 63):

É fundamental para o processo de amadurecimento psíquico que possamos abdicar do “por quê?” (com seu manto de julgamento e racionalidade) e nos abrir para a intencionalidade dos eventos, centrando-nos, sobretudo, no “para quê?”. Resgatando a nossa capacidade de sentir e intuir, poderemos dar maior atenção à natureza simbólica das nossas ações, escolhas e situações vivenciadas, conectando-nos com a verdadeira finalidade e propósito dos acontecimentos internos e externos e compreendendo melhor os impulsos e eventos que requerem uma análise simbólica, o que nos permite ampliar as perspectivas sobre nós mesmos e sobre o nosso funcionamento.

Os símbolos ativam o sistema límbico e as emoções, sendo que um terapeuta habilidoso conduzirá o indivíduo ao seu universo simbólico para resgatar elementos ocultos da consciência e o “complexo com o qual o problema se mistura, permitindo que a energia ligada ao complexo volte a fluir” (FURTH, 2004, p. 31). Complexo, para Jung, é um conjunto de experiências traumáticas que são repletas de energia psíquica e afeto, em torno de um núcleo arquetípico, que exige mecanismos de defesa da consciência para a sobrevivência do indivíduo. É essencial que os complexos sejam trazidos à consciência para que não causem danos à vida do sujeito, pois, quanto mais inconsciente é um complexo, mais energia fica estagnada, bloqueando o fluxo vital, distanciando-o do equilíbrio (MACIEL e CARNEIRO, 2012).

Na Psicologia Junguiana, entende-se que a criatividade é inata e instintiva e tem função estruturante na vida do ser humano. É o espaço onde se pode improvisar e criar, revelando-se o mais íntimo do ser e fazendo-se com que se trabalhe a autoconfiança e a autoestima. Aquele que exerce a criatividade encontra novas formas de pensar e agir no mundo e sente-se seguro, pois sabe que as possibilidades que procura estão dentro de si. No momento da terapia, deve ser levada em consideração a forma com que se expressa, as resistências, as facilidades, as dificuldades, faltas, falas, gestos, entre outros. Tudo isso diz respeito à forma de funcionamento do sujeito e tem algo a dizer.

No que diz respeito a essa singularidade do ser, surge o conceito de individuação de Jung. É a busca por si mesmo, da essência do ser, do equilíbrio entre o feminino e o masculino (*anima* e *animus*), do bem e do mal, do interior e do exterior. Neste processo de desenvolvimento psíquico, o indivíduo entra em contato com seu inconsciente pessoal e coletivo. A etapa final desta jornada é o encontro com o *self*, que, de acordo com Santos (1976), é o centro da personalidade. Ainda para a autora, o *self* “não é o centro do inconsciente profundo, em correspondência com o ego, que é o centro do campo da consciência, da personalidade consciente, mas sim o centro do psiquismo global. Sempre é atingido quando os opostos chegam a se equilibrar” (SANTOS, 1976, p. 63).

Do exposto, afirma-se que, para a Psicologia Analítica de Jung, tudo está em movimento. Por conseguinte, esta teoria tem como objetivo trazer ao consciente, os conteúdos inconscientes, compreendendo-os, para, assim, começar a elaborá-los. Nesse sentido, os símbolos têm influência curadora, pois trazem à luz processos inconscientes que buscam o equilíbrio. A Psicologia Analítica, atrelada à arteterapia, mostra que quanto mais o sujeito procura a expressão artística, mais se volta à sua essência, caminhando para seu interior, mas sem se esquecer do mundo à sua volta.

## 2 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo apresenta as questões metodológicas envolvidas na pesquisa. Consiste no delineamento e abrangência da investigação, bem como na caracterização dos participantes, na descrição dos métodos de coleta de dados, nos mecanismos de análise de dados e nos procedimentos éticos observados neste estudo.

### 2.1 Delineamento da Pesquisa

O termo pesquisa pode ser definido como “o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico” (GIL, 2008, p. 26). O objetivo central da pesquisa, para o autor, é problematizar e descobrir respostas por meio de procedimentos científicos. A pesquisa social é um “processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social” (GIL, 2008, p. 26).

Em virtude da temática e dos objetivos propostos, a presente investigação tem natureza qualitativa. Nessa dimensão, pretendeu-se desvelar o potencial humano implícito em cada participante, por meio da ressignificação dos materiais com que os profissionais de reciclagem convivem no dia a dia de seu trabalho, além de realizar a exposição das produções criadas pelos sujeitos da pesquisa em uma Mostra durante o XXI Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão, que ocorreu de 04 a 07 de outubro de 2016, por meio do incentivo e da valorização do trabalho dos catadores por parte da sociedade.

Este tipo de pesquisa tenciona dar conta do aprofundamento da compreensão das temáticas, bem como buscar o porquê das coisas. Para Minayo (2001, p. 22), a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”, correspondendo a uma abordagem “mais profunda das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Além disso, é uma pesquisa descritiva, pois detalha as práticas arteterapêuticas utilizadas com os profissionais de reciclagem, bem como a realidade social destes indivíduos. Este tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de uma determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987). Ainda quanto à sua face intervencionista, se demonstra na conjectura de não se limitar apenas a descrever as práticas supracitadas, mas propor ações que possam incentivá-las e, efetivamente, implementá-las de modo sistemático.

Tem a particularidade de ser uma pesquisa-ação, uma vez que foi realizada junto aos profissionais de reciclagem no Município de Cruz Alta/RS, visando trazer à luz possibilidades de autoconhecimento e desvelamento do potencial humano dos participantes. O foco da pesquisa-ação é mudar uma dada situação particular, por isso sua relevância social. Em estudos deste caráter, são necessárias duas tarefas simultâneas. A pesquisa, visando desenvolver conhecimentos, e a ação, objetivando modificar uma situação em particular.

A pesquisa-ação é um termo ambíguo, visto que abrange uma multiplicidade de práticas em que se criam aproximações entre pesquisa e ação, teoria e prática. Para Hugues (2007), a preocupação com a ação não deve fazer esquecer a relevância da teoria. Além disso, o autor postula que o vínculo é essencial no processo da pesquisa-ação. Atores e pesquisadores são interpelados em sua própria definição e em sua cooperação. Em conformidade com o pensamento de Thiollent (2000), a pesquisa-ação é uma pesquisa social com bases empíricas, centrada na prática, na ação, na experimentação social ou psicossocial. É um instrumento de mudança utilizado pelos pesquisadores e participantes para corrigir, de maneira eficaz e efetiva, uma situação que se tornou uma problemática, de forma cooperativa ou participativa. Deve-se ter em mente que a pesquisa-ação não privilegia a ação em relação à pesquisa, pois ela considera com a mesma importância científica o conhecer e o agir, o pesquisar e a ação.

De acordo com Hugues (2007), nenhuma técnica poderá substituir o desenvolvimento de uma relação humana de qualidade, que respeita os dinamismos e os valores de todos os envolvidos. Ademais, hoje, existe a necessidade de uma abordagem transversal que leve em conta os saberes científicos e os “saberes do coração”, embasados em experiência e espiritualidade. Por fim, todo projeto concreto de desenvolvimento local ou regional deverá se sustentar em uma dinâmica de conexão de todos esses saberes, para que a pesquisa-ação cumpra seu verdadeiro propósito: a mudança social.

## **2.2 Abrangência da Pesquisa**

Esta pesquisa foi realizada no Município de Cruz Alta, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. A cidade, segundo o Censo 2010 (IBGE), possui 62.821 habitantes, sendo que 60.594 são moradores da área urbana e 2.227 da área rural. A associação de catadores, local de execução de toda a investigação, se localiza no Bairro dos Funcionários, distante 3,5km da Prefeitura Municipal.

O Projeto “Profissão Catador” foi criado pela Universidade de Cruz Alta e é patrocinado pelo Programa Petrobrás Socioambiental, desde o ano de 2010. Hoje, atende os municípios de Cruz Alta, Júlio de Castilhos, Tupanciretã e Salto do Jacuí. Este Projeto visa fortalecer a organização econômica e social destes trabalhadores por meio da capacitação em gestão, produção, comercialização e alternativas para geração de trabalho e de renda. Tem como propósito “constituir uma rede de comercialização de materiais recicláveis fortalecendo a organização econômica e social dos catadores” dos municípios supracitados (PROFISSÃO CATADOR, 2014). O Projeto conta com o convênio da Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego do Governo Federal.

Existem quatro associações na cidade de Cruz Alta, nos Bairros: Funcionários, Acelino Flores, Jardim Primavera 2 e Planalto. Também foi criada a Central Regional de Comercialização de Recicláveis, que tem por objetivo “fomentar esta comercialização através da negociação com as indústrias que reciclam materiais coletados pelos catadores” (PROFISSÃO CATADOR, 2014).

As áreas para construção (ou reforma de prédios) das associações foram cedidas pelo Município. Estas contam com maquinários e equipamentos adquiridos com o dinheiro do patrocínio. Diversas atividades de capacitação em variadas áreas são realizadas nas associações, “tais como gestão, produção e cidadania, além da realização de campanhas publicitárias e educativas em escolas, empresas e nas residências” (PROFISSÃO CATADOR, 2014). Todas as atividades realizadas possuem o compromisso social de colaborar com a inclusão social, o desenvolvimento socioeconômico e a defesa do meio ambiente.

### **2.3 Participantes**

A pesquisa contou com 11 (onze) participantes. Todos são profissionais de reciclagem de uma das associações do Projeto Profissão Catador de Cruz Alta/RS. A composição do grupo variou conforme o dia, pois alguns catadores tinham compromissos fora da associação, relacionados ao Projeto Profissão Catador, e, às vezes, não estavam no local para a realização das oficinas. Outra questão importante é que, em determinadas ocasiões, algum participante deixava a associação por motivos de mudança de emprego e também chegavam catadores “antigos” e novos na associação.

Todas as questões éticas, para a concretização da pesquisa, foram respeitadas e os participantes sempre informados. Foi esclarecido que as oficinas seriam gravadas, transcritas para análise e, posteriormente, descartadas. Conforme o Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido, foi explicado que existiria um risco mínimo para os participantes, sendo garantido um *feedback* (retorno) sobre os resultados da pesquisa, com linguagem acessível, em momento festivo. Ficou combinado, também, que a participação seria voluntária, bem como a recusa a continuar participando. Por fim, esclareceu-se que a pesquisadora trataria a identidade de cada um conforme a Ética Profissional do Psicólogo.

## **2.4 Métodos de coleta de dados**

A coleta de dados ocorreu por meio de 17 encontros, sendo que a maioria destes teve como foco as atividades com técnicas de arteterapia, que se utilizaram, principalmente, de fotografias, materiais recicláveis e artísticos. De início, foi feito um momento de relaxamento conduzido, com músicas instrumentais. Os participantes ficavam livres para expressar suas opiniões a qualquer instante. Na sequência, se apresentavam os materiais e o objetivo do encontro. Ao final, cada um falava a respeito de sua produção e o grupo realizava reflexões. No fechamento do encontro já era combinada a data do próximo.

Foi realizado o Levantamento Psicossocial (Apêndice A) no segundo encontro, com a intenção de obter alguns dados dos participantes, como possíveis problemas de saúde e tratamentos medicamentosos, bem como questões familiares e indagações atinentes ao dia a dia de cada um. Além disso, as fotografias feitas durante os encontros, bem como as produções construídas pelo grupo, também fizeram parte dos dados analisados. As fotografias foram utilizadas na Exposição realizada no XXI Seminário Interinstitucional da UNICRUZ, no Centro de Convivência, atingindo grande público frequentador deste espaço. As oficinas foram gravadas, transcritas e, posteriormente, deletadas/destruídas.

## **2.5 Procedimentos de análise dos dados**

A observação das informações colhidas foi elaborada a partir da Análise de Conteúdo (AC) de Bardin, que é um instrumento aplicado a discursos diversificados, como no caso da terapia com arte. Segundo Bardin (2011, p. 09), “a Análise de Conteúdo oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade na subjetividade”. Ainda para a autora, nesta modalidade de Análise, o pesquisador é instigado pelo “escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem”.

Como elucidada Bardin (2011, p. 125), "as diferentes fases da Análise de Conteúdo, [...] organizam-se em torno de três polos cronológicos: 1) a pré-análise; 2) a exploração do



material; e, 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação”. Sendo assim, durante e após transcorridas as oficinas, inicia-se o processo de pré-análise dos dados, a fim de separá-los em categorias, oportunamente.

A pré-análise é uma fase de organização. “Corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais” (BARDIN, 2011, p. 125), conduzindo a um esquema de dados passíveis de análise. A exploração do material é um processo rápido, se caso a pré-análise for convenientemente concluída, e não será mais do que a aplicação sistemática das decisões tomadas. Já, na fase de tratamento dos resultados obtidos e da interpretação, "os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos” (BARDIN, 2011, p. 125).

Ainda de acordo com Bardin (2011, p. 126), “o analista, tendo à sua disposição resultados [...] fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos - ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas”. Com base nas etapas da pré-análise, exploração do material e do tratamento dos resultados obtidos e interpretação, surgiram seis categorias. Na seção 3.1 é tratado da formação do vínculo com o grupo; O item 3.2 fala das oficinas com fotografia; A parte 3.3 explica as oficinas com utilização de argila; O segmento 3.4 relata os encontros nos quais foi feita a pintura nas paredes; No item 3.5 são descritas as oficinas de confecção de caixas de lembranças; Por fim, a seção 3.6 trata da Exposição “Reciclando Vidas”, realizada no XXI Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade de Cruz Alta.

## **2.6 Procedimentos éticos**

O projeto foi submetido à análise pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), conforme preconiza a Resolução n. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B) foi lido aos participantes e por eles assinado. Foram disponibilizadas duas vias, uma destinada ao participante e uma cópia à pesquisadora. Os dados coletados nos encontros foram de uso exclusivo da pesquisadora, tendo como única finalidade fornecer informações para a realização deste estudo. Cabe ressaltar que foi garantida a confidencialidade das informações, além da preservação da imagem e da privacidade, sendo utilizados nomes de flores em substituição à identidade dos sujeitos.

Os participantes também foram consultados a respeito do uso de imagem como fotografias, documentos e outros objetos de sua propriedade, todos tendo consentido e

autorizado a publicação. Para essa finalidade, cada participante assinou o Termo de Cessão de Direito de Imagem (Apêndice C). Ao término da pesquisa, foi garantida a devolução dos resultados aos participantes. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo CEP da UNICRUZ, em 19 de abril de 2016, segundo o parecer nº 1.506.875 (Anexo I), sob o CAEE 54780316.6.0000.5322. Após a liberação do projeto pelo Comitê de Ética, a investigação empírica começou a ser realizada com o referido grupo.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente capítulo apresenta os dados colhidos na pesquisa, bem como a análise e discussão dessas informações, buscando atingir os objetos apresentados. As reflexões foram divididas em categorias, expressadas em subtítulos, e são elas: 3.1 Estreitando os laços; 3.2 Através das lentes; 3.3 Dando forma aos sentimentos; 3.4 Se essas paredes falassem...; 3.5 Lembranças para não esquecer; e, 3.6 Exposição “Reciclando Vidas”.

#### 3.1 Estreitando os laços

*O encontro de duas personalidades assemelha-se ao contato de duas substâncias químicas: se alguma reação ocorre, ambos sofrem uma transformação.*

*(JUNG, 1985, p. 68)*

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNICRUZ, iniciaram-se as atividades com os componentes de uma das associações vinculadas ao Projeto Profissão Catador. A pesquisadora, juntamente com a orientadora, marcou o primeiro encontro na associação. Primeiramente, o projeto de pesquisa foi explicado aos presentes e todos aceitaram participar das oficinas. Os catadores assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os Termos de Direito de Cessão de Imagem (TDCI).

Os profissionais do Profissão Catador já possuem fortes vínculos entre si e com este Projeto, o que foi um facilitador do processo de aproximação. Apesar disso, a terapia com arte é imprevisível, podendo fazer com que sentimentos inesperados ou novos ao grupo sejam demonstrados e evidenciados. A pesquisadora, como Psicóloga, necessita de criatividade na resolução de conflitos que possam surgir, procurando planejar como se dará a adaptação a estas novas situações.

Nos primeiros encontros, não foram utilizadas técnicas arteterapêuticas. O que foi feito foram conversas abertas, a fim de estabelecer vínculos com os participantes e de poder conhecer um pouco da história de vida de cada um. Esta prática é de grande valia, uma vez que proporciona um momento de livre expressão pela fala. Em 15 encontros foram feitos relaxamentos com uma mensagem alentadora e um fundo musical, bem como um café da manhã, dos quais todos participaram e gostaram muito, exceto no encontro em que foi feito o

almoço de confraternização e na Exposição, onde os catadores fizeram um lanche no *Campus* da UNICRUZ.

No segundo e terceiro encontros, foi realizado o Levantamento Psicossocial (Apêndice A), que consiste em um breve questionário tratando da saúde e de questões pessoais de cada um. Alguns participantes acabaram comentando fatos de sua vida e se prolongaram nas falas, demonstrando o fortalecimento do vínculo e da confiança com a pesquisadora. Os dados fornecidos mostraram que os 11 participantes têm idade entre 29 e 50 anos, sendo que 4 são homens e 7 são mulheres. Não fazem uso de medicamento controlado, em sua maioria, revelando boa saúde. Têm uma média geral de 3 filhos cada. Apenas um deles tem 14 filhos. Sobre o estado civil, apenas 1 participante respondeu ser casada. Os demais não sabiam definir que tipo de relação mantêm com seus(as) parceiros(as). A escolaridade dos participantes varia do Ensino Fundamental Incompleto ao Ensino Médio Completo. Estes foram os principais dados sociodemográficos levantados.

Os encontros iniciam-se sempre com o compartilhamento de ideias. Alguns falavam sobre o que vivenciaram durante a semana, outros sobre notícias locais. Conversaram bastante sobre o passado, a escola, a palmatória, a rigidez e os castigos. Dialogavam também sobre ter filhos e acerca de aspectos familiares. A participante Orquídea colaborou para o melhor entrosamento, pois fazia brincadeiras e deixava o grupo descontraído. Percebe-se a formação do vínculo na medida em que se abrem assuntos mais íntimos de cada sujeito.

O relaxamento era conduzido por uma mensagem de encorajamento. No começo da reunião solicitava-se que todos se sentassem da forma mais confortável possível e que fechassem os olhos. A pesquisadora sugeria que todos sentissem com a imaginação todas as partes de seus corpos, uma por vez, a fim de possibilitar uma ocasião íntima e individual, de introspecção. Uma das mensagens conduzia os participantes a uma escada de luz, na qual havia sacos de lixo, onde, durante a subida, deveriam depositar os sentimentos ruins, as vivências desagradáveis. A participante Orquídea disse a respeito do relaxamento: “Me senti mais leve, por enquanto”. Todos comentaram terem gostado e estavam relaxados ao final.

As práticas de relaxamento conduzido são o tipo de atividade que chamam atenção de diversos grupos, pois, normalmente, as pessoas não se dão o tempo de parar, por alguns instantes, em meio ao cotidiano conturbado. Clívia menciona sua expectativa, antes do relaxamento: “tava só por isso!”. Os participantes comentaram, em um dos encontros finais, que o que mais gostaram nas oficinas foram os relaxamentos. As músicas escolhidas para estes contextos eram instrumentais, sem letra, apenas melodia, que fossem relaxantes e sem muita variação de ritmo, velocidade e altura do som. As músicas selecionadas foram: *Invisible*

*light* (SALLES, 1995), *Sound of Silence* (101 STRINGS ORCHESTRA, 2012) e *Sanctuary* (LOVLAND, 1997). Para Ciornai (2004, p.70), o relaxamento “inicia-se nesse contato que a pessoa trava consigo mesma ou com algo ou alguma situação específica”. Nesse instante, os componentes do grupo foram estimulados a sentirem seus corpos com o pensamento, trabalhando a autoconsciência. Também foram conduzidos a reflexões que talvez ainda não houvessem feito. Esta é uma prática que permite o cuidado com cada um, como um carinho na alma. Acredita-se que isto foi essencial para que o grupo desse tamanha importância para a oportunidade do relaxamento.

Outra mensagem fez o grupo se emocionar, sendo que alguns choraram. Tratava-se de um breve retorno à infância, à adolescência, às coisas que fizeram ou deixaram de fazer, àqueles lugares que visitaram e moraram, àquelas pessoas que conheceram e aquelas que já se foram, enfim, às memórias sobre cada fase. Igualmente foi falado sobre o perdão, que é libertador. Os participantes eram convidados a escrever o livro de suas vidas, mentalmente, a partir destas recordações.

Após o relaxamento, Orquídea comentou: “Será que não dá pra fica mais um pouco? Fica tão leviano o cérebro... Alivia as vista...”. Sobre o “livro da vida”, as participantes comentam: “Eu sempre escrevo no diário, eu tenho aquele momento, eu sento e começo...” (Rosa) e “Eu não tenho diário porque eu não sei escrever. Mas eu sei ler um pouco. Assino meu nome. O que eu mais queria era aprender a escrever. Aprendi a ler com jornal, com revista” (Gerânio). Nota-se o sentimento de empatia e vínculo entre os participantes quando um acrescenta algo na fala do outro, colaborando com o pensamento e apoiando o colega. A respeito do comentário de Gerânio, Orquídea referiu:

A pessoa que tem o pensamento mais forte que o corpo, se pensar que consegue fazer alguma coisa tu faz. Se tiver com dor de dente e pensar: bah mas eu não vô trabalhar hoje, tá doendo demais, não vô ir. Mas se tu esquecer, fazer uma coisa, lavar uma roupa, tu já esquece que tá doendo. É que nem o que a Gerânio disse, que ela boto na cabeça que ia aprender a ler, e aprendeu, foi juntando as palavra, tu vai lendo e o pensamento vai ajudando a fazer.

Após este comentário, o grupo discute sobre a volta aos estudos, terminar o Ensino Médio e sobre, talvez, um dia até cursar o Ensino Superior. Nota-se que, nessa circunstância, os sujeitos percebem suas potencialidades como ser humano e refletem sobre ações futuras. Pensar sobre o futuro mostra que existe uma perspectiva de evolução, de vontade de ser melhor. Em períodos nos quais não se encontra tempo para reflexões internas, a arteterapia alcança um espaço de escuta e de espontaneidade importante, na medida em que permite a

livre expressão de sentimentos e de memórias. Nesse aspecto, Ostrower (2001, p. 06) alude que:

Há muito, o ser humano vive alienado de si mesmo. As riquezas materiais, os conhecimentos sobre o mundo e os meios técnicos de que hoje se dispõe, em pouco alteram essa condição humana. Ao contrário, o homem contemporâneo, colocado diante das múltiplas exigências, bombardeado por um fluxo ininterrupto de informações contraditórias, em aceleração crescente, que quase ultrapassa o ritmo orgânico de sua vida, em vez de se integrar como ser individual e social sofre um processo de desintegração. Aliena-se de si, de seu trabalho, de suas possibilidades de criar e de realizar em sua vida conteúdos mais humanos.

A arteterapia de orientação Junguiana utiliza-se da exploração da criatividade e da sensibilidade, permitindo que qualquer pessoa entre em contato com o mais íntimo de seu ser, seu universo, interior e exterior. Desperta o desejo de trabalhar até mesmo as questões intrínsecas mais difíceis, visto que a abordagem se dá de uma forma agradável, ao considerar que a via artística permite autonomia na ação.

Logo, nos primeiros encontros, foi solicitado que cada um trouxesse fotos de sua preferência, pois a ideia inicial era de utilizar as fotografias nas técnicas arteterapêuticas. Alguns apresentaram fotos de si mesmos, outros com parentes próximos. Mas o que impressionou foi a maneira que cada um dos outros participantes encontrou para realizar a tarefa. Eles trouxeram imagens de flores, encontradas em meio aos materiais da associação.

Posteriormente, foi dada a palavra aos indivíduos. A partir desta etapa, decidiu-se que, durante a escrita desta pesquisa, seriam utilizados pseudônimos referentes às flores escolhidas pelos membros do grupo: Amor Perfeito, Gérbera, Girassol, Rosa, Gerânio, Clívia, Cravo, Azaleia, Orquídea, Antúrio e Onze-horas, foram as escolhidas. Os participantes mostraram suas flores e falaram sobre elas à vontade, sendo que Gerânio relacionou a flor à sua mãe:

É, mas também ela é doente né, cheia de problema. Ela tem asma, tem câncer no fígado... Tá em tratamento. Quando tu vê ela tá brotando por conta, porque a raiz dela é forte, então dá vida pra ela e isso é muito bom. Eu penso na mãe, a mãe é uma pessoa que a gente vê assim, o estado dela é muito grave e ela tem fé em Deus assim, quando vê ela tá se recuperando e se levantando (Gerânio).

Foi um cenário de emoção, que demonstra que a participante se sente confortável para se expressar, revelando questões particulares da família. Alguns estavam tímidos e a partir do compartilhamento oral a respeito das imagens de flores, exploraram fatos íntimos de

suas vidas, uma vez que todos do grupo tinham alguma história para contar relacionada às flores. Cravo mencionou:

A flor é tipo uma vida, né, tem que carregar ela pra crescer, senão ela morre. Que nem a gente, tem que comer pra crescer, pra viver. A flor é a mesma coisa, tem que gostar pra poder vim, senão... se não gostar dela não tem vida. Nós temo lá em casa bastante flor, todo dia nós damo água pra elas, nós colocamo um negócio por cima delas pra geada não matar elas. Eu nunca tive flor, não gostava, odiava flor. Ultimamente tô gostando de flor.

Esta fala gerou comentários sobre a morte e a vida. Cravo questiona o motivo de ter de levar flores aos mortos. Amor-perfeito diz que o túmulo tem que ficar bonito. Cravo questiona o porquê, já que a pessoa que morreu não verá as flores. Gerânio fecha o assunto com sabedoria, exprimiu: “Não enxerga porque já vive no meio das flor... porque o céu é um paraíso... as flor linda, campos... A casa que não tem flor, parece que não tem vida..”.

E Orquídea complementa: “Muita gente diz que coroa de flor é pra morto, mas princesa também usa coroa de flor né”. As associações que o grupo fez são interessantes e demonstram o entrosamento que têm, com liberdade de expressão e de trocas. Além disso, é importante observar que os colegas buscam dar suporte para que Cravo goste mais ainda de flores, fazendo-a sentir-se acolhida.

Neste encontro, Onze-horas sentiu-se confortável para compartilhar com o grupo assuntos pessoais, o que ainda não havia acontecido desde então. A partir das emoções desencadeadas pelos relaxamentos e também pela atividade com os cartões de motivos florais, notou-se que o entrosamento de Onze-horas melhorou, pois ia expondo seus sentimentos aos poucos. Ela relata:

Tem um pé de Onze-horas lá em casa que faz 29 anos que eu tenho, eu tenho 29 anos e onde a gente vai a gente leva ele. Faz 29 anos que minha mãe onde a gente se muda ela leva uma mudinha. É que, no caso, meu finado pai gostava muito. Então o que ela fez, ela dividiu, levou no túmulo do pai, plantou o mesmo, da mesma muda. Então esse pé de Onze-horas ela leva um pouco e deixa um pouco pra trás.

As flores são um assunto do qual todos têm algo para dizer, seja de experiências quanto de preferências. A partir deste encontro, Onze-horas passou a interagir bastante, trazendo mais elementos privados para o diálogo grupal, permitindo-se rir, divertir-se e criar. Pode-se asseverar que a escolha desta associação, por parte da pesquisadora, foi bastante pertinente. Isto fez com que um vínculo forte fosse formado logo nos primeiros encontros, permitindo a criação por meio da arte, como se poderá ver nas seções seguintes.

### 3.2 Através das lentes

*No congelamento de tempo – momento único em que se toca o obturador – surge toda a complexidade e o fascínio da fotografia, tornando-a uma forma diferenciada de formação de imagens: o presente, tornado passado após o obturador ser acionado, perpetua-se para o futuro.*

(RIBEIRO, 2009, p. 39)

A primeira técnica realizada foi a da fotografia (Apêndice D), onde cada um tirou fotos do ambiente de trabalho de forma livre. O objetivo era reconhecer a percepção dos catadores sobre seu trabalho, a associação e os arredores dela. Posteriormente, as fotos foram projetadas na parede, a fim de fazer com que os participantes expusessem suas opiniões a respeito das suas fotos e também das fotos dos colegas. Nesta técnica, o grupo mostrou sua visão do universo de trabalho através da lente da câmera. Foram feitas reflexões atinentes ao cotidiano dos trabalhadores, bem como acerca do que pensavam sobre a visão da sociedade.

A fotografia, de acordo com Mauad (1996, p. 74), “libertou a arte da necessidade de ser uma cópia fiel do real, garantindo para ela um novo espaço de criatividade”. Essa técnica permite que os indivíduos sintam-se à vontade, sem necessidade de técnicas ou conhecimento prévio sobre fotografia. Faz com que se possa congelar momentos, parar no tempo e, simultaneamente, voltar ao passado. A arte se diferencia da fotografia, na medida em que a primeira pertence à sensibilidade e expressão humanas da essência da alma, e a segunda tem o papel de consolidar instantes na memória documental dos sujeitos. Para Ribeiro (2009, p. 38):

O ato fotográfico – envolvendo as condições de inscrição da imagem pela ação da luz e o objeto fotográfico daí resultante – torna-se um espelho capaz de refletir a beleza da diversidade humana. Religando às trilhas ancestrais, esta técnica de registro imagético configurada na contemporaneidade apresenta-se ao arteterapeuta como uma linguagem expressiva de extrema importância.

Os registros das flores das figuras 1 e 2, mostram a delicadeza das fotografias Orquídea e Gérbera, que almejam mostrar que a associação não é um local onde só existe lixo e materiais recicláveis, mas que possui beleza singular nos detalhes.



**Figura 1** – Fotografia de Orquídea

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

**Figura 2** – Fotografia de Gérbera

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Conforme as figuras 3 e 4, percebe-se o cuidado que os catadores têm com seu ambiente de trabalho, que está sempre arrumado e limpo, o que parece contraditório quando se imagina um galpão de uma associação de catadores. Além disso, esta é a impressão que os profissionais desejam passar à sociedade, pois ainda há pensamentos errôneos e preconceituosos sobre o universo da reciclagem e da catação. A ideia de que estes locais são sujos, desorganizados e caóticos é uma visão social estigmatizada, a qual este estudo se propôs a desconstruir. Uma das formas encontradas para fazê-lo foi a Exposição realizada no XXI Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNICRUZ, de 04 a 07 de Outubro de 2016. Essa temática será tratada na última seção deste Capítulo.

**Figura 3** – Organização e limpeza, por Orquídea

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

**Figura 4** – Escada de bags, por Clívia

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Na figura 5, nota-se a sensibilidade da fotógrafa Amor-perfeito ao retratar dois ambientes distintos em um mesmo quadrante. No primeiro plano, a associação, que alimenta

seu corpo por meio do dinheiro gerado por seu trabalho. No segundo plano, a Igreja, que simboliza a espiritualidade e a fé, e que alimenta sua alma.

**Figura 5** – Esperança, por Amor-perfeito



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

A proposta inicial era de que o grupo utilizasse elementos recicláveis do galpão nas oficinas, porém, por diversas vezes, relutaram em fazê-lo. Talvez os componentes não demonstraram interesse nos materiais do galpão pelo fato de trabalharem com eles diariamente. Sendo assim, os materiais recicláveis foram trazidos pela pesquisadora e pela orientadora, como: retalhos de tecido, talheres de plástico, forminhas de papel, miçangas, pingentes, linhas e barbantes coloridos, papéis coloridos, produtos artesanais, entre outros.

**Figura 6** – Materiais sobre a mesa



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Em um segundo encontro, os participantes receberam fotos impressas, as quais foram feitas pela pesquisadora e pela orientadora. Inicialmente, o grupo estava um pouco tímido no momento da fotografia. Mas quando olhavam para a foto revelada, a sensação era de satisfação e felicidade. Sabe-se que, em tempos remotos, a fotografia era um artigo de luxo,

pois as pessoas eram retratadas por meio da pintura. Hoje, mesmo com a democratização deste recurso e o barateamento dos custos, muitas pessoas não têm acesso a esta prática por não terem condições financeiras para revelar todas as fotos de seu agrado. Ainda será realizado um encontro no final do ano, onde serão entregues todas as fotos aos participantes, a fim de que possam guardar os registros das oficinas realizadas, visto que se notou que os catadores têm grande apreço pelas fotografias registradas.

As oficinas de modificação dessas fotos foram uma situação interessante em que diversos tópicos surgiram. Alguns componentes do grupo optaram por modificar a imagem do colega. Na figura 7, por exemplo, Gérbera transformou Amor-perfeito em uma loira de óculos escuros e batom vermelho, fazendo com que a catadora ficasse irreconhecível. Porém, um elemento ainda estava intacto e em destaque: o uniforme do Projeto Profissão Catador.

No mesmo encontro, foi dito aleatoriamente: “Profissão Catador... tem que honrar a camisa!”. Este é o ponto em que se torna claro o orgulho que permeia a vida destes trabalhadores por pertencerem a um Projeto tão relevante para a comunidade cruz-altense e para o meio ambiente como um todo. Além disso, o fato de a personagem da foto continuar sendo uma catadora, mesmo estando “produzida”, demonstra a consciência de que, além de um uniforme e uma profissão, existe uma mulher que tem aspirações, desejos e vaidades. Nesse sentido, Rodrigues (2009, p. 165) comenta:

Na contemporaneidade, a autoimagem se constrói não como mera representação narcísica. Ao contrário, se ela se mantém como uma forma de reivindicar identidade, seu foco está na produção de um estranhamento, uma sensação de incômodo – aquela reminescente sensação de se olhar no espelho e não se reconhecer.

**Figura 7** – Linda e trabalhadora



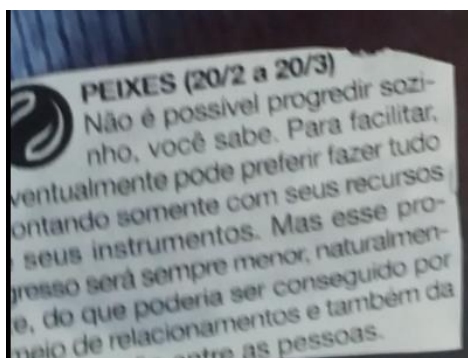
Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Muito pode ser apontador por meio das fotografias, ou seja, as inquietações geradas, os sentimentos aflorados, as histórias que aparecem. “Mas, para os arteterapeutas, a via das produções plásticas oferece muitas outras possibilidades” (RODRIGUES, 2009, p. 159).

Sendo assim, a oficina de modificação de tais registros traz consigo a possibilidade de explorar mais a temática da fotografia, carregando elementos concretos (materiais recicláveis, recortes de revista, entre outros) que sejam porta-vozes dos catadores.

Já a figura 8 mostra a mensagem que Antúrio colou em uma de suas produções nesta oficina. Referida passagem retrata a necessidade do contato com aqueles que amam. “Não é possível progredir sozinho, você sabe”. Ele reconhece que a intimidade com a esposa e os filhos é essencial para seguir em frente. Pelo fato de não poder dormir em casa (por motivo de uma medida judicial), e trabalhar durante o dia, não dispõe de muito tempo para estar com sua família. “Eu tenho uma pergunta... porque é que quando a gente chega feliz num lugar, sempre tem alguém que parece que não gosta de ver a gente feliz?” (Antúrio). Durante os encontros, constantemente se queixava de ter que conviver (durante a noite) com pessoas que o colocavam para baixo e que na associação encontrava pessoas boas e que lhe davam apoio.

**Figura 8** – Colagem na produção de Antúrio



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Uma de suas produções, nesta oficina, foi encantadora. Trata-se da figura 9, onde uma criança coloriu seu rosto, talvez na tentativa de salvá-lo de sua vida “em preto e branco”. Pode também representar o apreço que tem pelos filhos, os quais lhe proporcionam sentimentos bons quando estão ao seu lado. Nesse caminho, Ribeiro (2009, p. 41) indica que “cada imagem [...] é uma narrativa, restaura ou recria fios de uma história de vida, permitindo que esta seja contada pelo próprio sujeito e não pela história oficial”.

**Figura 9** – Por uma vida mais colorida



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

A figura 10 é de Gérbera, uma jovem mãe que tem anseios, desejos e planos. Fez colagens de frases: “Agradeço tudo o que já vivi e espero que venham novos desafios pela frente” e “Às vezes, acho que me cobro demais, mas estou evoluindo”. Mostra que reflete sobre suas ações e que está motivada para seguir em frente, pois confia em seu potencial. Rodrigues (2009, p. 165) explica que:

A prática de auto-retratos [...] se apresenta como um recurso poderoso em Arteterapia, justamente por colocar a autoimagem do indivíduo em um lugar semelhante ao que vem sendo ocupado por aqueles que costumam ser mitificados pela mídia, as assim chamadas celebridades: os artistas famosos, os atores, modelos, políticos, etc. Além das potencialidades contidas na parte criativa do processo, faz reconhecer o direito à autoimagem, fortalecendo a autoestima e desmistificando as fabricações da mídia.

A participante coloca um corpo de modelo sobreposto ao seu. Ademais, de acordo com o recorte “Um olhar, um gesto, seu andar: tudo pode deixar a mulher sensual”, denota que, talvez, mesmo não estando contente com seu corpo, sabe que, com pequenos detalhes, poderia modificá-lo esteticamente. Gérbera possui um senso crítico apurado e não esconde quando está insatisfeita com algo. Isto mostra que sua autoconfiança é mais aflorada e que possui segurança para dizer aquilo que pensa, o que é um fator positivo.

**Figura 10 – Anseios femininos**



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Na imagem 11, Rosa retrata-se linda, com cabelos compridos e um boné colorido, o que é “apenas” a realidade. “Por meio do autorretrato, o artista se observa em sua aparência física e em sua profundidade emocional, como quem se olha no espelho” (RODRIGUES, 2009, p. 164). Neste encontro, estava feliz, interagiu com o grupo e dava risadas. Como poderá ser observado a seguir, nas oficinas seguintes, estava introspectiva e suas produções demonstravam certo sofrimento psíquico. Os colegas, em todos momentos, manifestavam-se acolhedores para com Rosa, que, mais tarde, teve de deixar a associação por motivos pessoais.

**Figura 11 – Autorretrato**



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Na perspectiva de Urrutigaray (2004), o trabalho de colagem é agradável e favorece um bom clima para o estabelecimento de vínculos mais fortes e abertura para próximas tarefas. Também é uma forma diferenciada de expressão de atitudes, normas, crenças, valores e desejos, na qual cada um emite respostas únicas segundo aquilo que pensa. O próximo passo

nesta pesquisa foi a utilização da argila, uma vez que a técnica com fotografias e colagens obteve sucesso e os participantes estavam abertos a novos procedimentos arteterapêuticos.

### 3.3 Dando forma aos sentimentos

*Quando nos dedicamos ao fazer criativo, mudamos nosso mundo interno; em consequência, mudamos o mundo à nossa volta. E dificilmente podemos avaliar com clareza em que dia e hora o deslizar de um informe pedaço de barro, o contatar sensorialmente uma semente ou uma flor, ou o simples alinhar de um pequeno retalho de pano corresponderá ao delicado movimento de asas de borboleta, que, em surpreendente revolução, gerará a milhas dali poderosos ciclones...*

(PHILIPPINI, 2009, p. 15)

Durante a oficina deste encontro, foi feito um relaxamento com uma mensagem a respeito do trabalho e da importância das mãos. Após a descontração, Gérbera comentou: “Eu queria falar sobre a mensagem, que eu não acho a mão importante, eu acho o pé. Porque sem o pé tu não vai aonde que tu quer. Se tu quer trabalhar, tu vai trabalhar como sem os pé?”. A pesquisadora elogiou a capacidade crítica de Gérbera e disse que é importante que cada um possa falar a sua opinião, pois cada pessoa tem suas verdades e todos os pontos de vista são fundamentais para a troca de conhecimentos. Esta participante fez uma mão e um pé de argila, a fim de concretizar sua visão sobre o texto lido.

Nessa mesma oportunidade, foi realizada uma atividade com argila. Os participantes foram convidados a expressar sua percepção da mensagem proferida a respeito de seu trabalho. Foi sugerido que pudesse ser feita uma mão, mas a pesquisadora deixou os sujeitos livres para que fizessem o que desejavam. Todos gostaram da ideia e mostraram-se dispostos, como se visualiza na figura 12. Alguns ainda não tinham utilizado esse material. Outros comentaram que já manusearam na escola e que lembravam a infância fazendo tal exercício. Recomendou-se aos indivíduos que buscassem elementos no galpão, como os materiais recicláveis, mas apenas dois participantes fizeram-no.

**Figura 12** – Plasmando conteúdos inconscientes



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Acredita-se que todos acolheram a técnica da argila de forma positiva e isso pode ser notado pelo discurso de Orquídea: “A senhora vai ter que trazer argila de novo, porque desencardiu tudo minhas mão! (risos)”. Este depoimento demonstrou o quanto a técnica foi agradável para os participantes, que se colocaram em posição favorável a realizá-la novamente. No entender de Maciel e Carneiro (2012, p. 14-15), quando a arte é colocada a serviço da vida, traz à tona “o seu potencial terapêutico ao reunir em uma unidade dinâmica, por meio da linguagem simbólica, os mundos interno e externo, [...] que assim podem dialogar entre si”.

A argila é um material que carrega consigo um sentido visceral, relativo à ancestralidade humana, pois foi utilizada antes mesmo das pinturas rupestres. Sua natureza primitiva é clara, já que une os quatro elementos da Mãe Terra: água, terra, fogo e ar. A princípio, como terra, necessita da água para ser flexível e maleável. Depois, para se tornar permanente, será preciso fazer uso do fogo, que fará com que o ar contido retorne à atmosfera.

A modelagem foi a atividade em que os participantes mais falaram sobre as produções, devido ao fato de ser lúdica e ativa. Possibilitou que os sujeitos agissem de maneira instintiva, agindo como “material intermediário que propicia a aproximação do inconsciente onde se plasmam conteúdos do presente, do passado e do que virá” (MACIEL e CARNEIRO, 2012, p. 95). No entanto, é um material que facilmente provoca sentimento de rejeição, sendo necessário cuidado no momento da escolha. Clívia não participou neste dia, dizendo que tinha alergia a este elemento. Sobre a argila, Urrutigaray (2004, p. 63) refere que:



A manipulação deste material provoca no sujeito diversas posturas desde a mais profunda rejeição, dada a questões regredidas que o material aponta ligadas aos aspectos referentes às sujeiras internalizadas, adquiridas tanto pela dimensão cultural como àquelas resultantes de experiências pessoais tidas como inaceitáveis, não adequadas, desprezíveis, insuportáveis e odiosas. Como pode, ao contrário, provocar estados de profundo alívio e prazer pela possibilidade de exteriorizar sentimentos, tanto por permitir o manuseio de uma matéria-prima tão próxima às nossas raízes simbólicas: pois pela Bíblia o homem foi criado do barro: Deus fez do homem à sua imagem e semelhança.

A figura 13 mostra a mão de Orquídea trabalhando com delicadeza na argila. Orquídea separou o barro em bolinhas para depois juntá-las, como que em uma metáfora da vida: a pessoa necessita colocar-se em pedaços, analisar cada parte de seu ser, para, então, compreender sua integralidade. Girassol, na figura 14, fez uma mão tal qual a sua, demonstrando suas habilidades plásticas e também a sua criatividade. As mãos são como um prolongamento da *psique* neste momento e, na visão de Hillman, (1998, p. 133) “[...] elas são nosso primeiro contato com o concreto, são como nos defendemos, como nos expressamos, aquilo que damos uns aos outros. Nelas está nossa sensibilidade”.

**Figura 13** – As mãos de Orquídea



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

**Figura 14** – As mãos de Girassol



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Foi nesta etapa do processo em que eles leram e explicaram o regulamento do Projeto Profissão Catador, como funciona a contratação, bem como a saída dos membros. Isso mostra o quão sério é seu trabalho e o quanto estão comprometidos com este labor. Porém, isto não é motivo para que se deixe de lado a alegria e as brincadeiras. Orquídea comenta: “Isso é bom porque às vezes a gente tá mal, meio estressado... daí chega aqui, brincando... a gente esquece tudo”. E Gérbera complementa: “Quando um do grupo às vezes falta, a gente fica preocupado né, o que é que houve...”. Os catadores têm um bom relacionamento e

resolvem seus conflitos conversando amigavelmente, visto que têm os sentimentos de cuidado com o Outro, de reciprocidade e de solidariedade.

Já a figura 15 é de Azaleia, que apertou bastante a argila, como uma forma de catarse. A argila é como um ser vivo, exala odores, tem cores variadas, defeitos, fragilidades, e suas características aparecem a cada fase do encadeamento. O trabalho com o barro oferece alívio para as tensões acumuladas, fazendo-se um canal de descarga eficiente (MARTINS, 2012). Muitos dos participantes estavam introspectivos durante a primeira parte da oficina, mas, após a escultura ter tomado forma, expuseram suas opiniões e trocaram ideias.

**Figura 15 - Catarse**



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

No dia que foi proposta a atividade com argila, em que os participantes poderiam fazer as mãos, todos fizeram trabalhos diferentes, mesmo que a temática fosse igual. A figura 16 exhibe a mão de Onze-horas, diferente das mãos das imagens acima. Cada um utilizou materiais e técnicas diferenciadas para cortar, juntar, amassar e alisar o barro. Isto só confirma o potencial humano, a criatividade e originalidade de cada indivíduo, que se apresenta por meio do fazer artístico. Na ótica de Ciornai (2004, p. 57), “somos todos iguais e diferentes ao mesmo tempo. É isso que valoriza a relação e a expressão de cada um. [...] Esse canal de ligação entre as particularidades e o todo é manifestado na arte”. Nesse sentido, é essencial valorizar e respeitar cada obra de arte, pois são únicas e expressam o mais íntimo de cada um.

**Figura 16** – Mão de Onze-horas



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Na interação posterior, os participantes puderam se expressar livremente com a argila, notando-se nítida diferença do encontro em que havia sido solicitado que fizessem sua produção relacionada às mãos e ao trabalho. Inicialmente foi realizado o relaxamento, cuja mensagem conduzia a um estado de bem-estar. Trabalhou-se, a pedido dos sujeitos, aquele pensamento no qual os sujeitos eram conduzidos a subir uma escada, onde havia sacos de lixo em que deveriam depositar sentimentos e vivências ruins. Quando a descontração acaba, ouvem-se suspiros de alívio, que revelam a entrega ao momento de introspecção, fazendo com que seja proveitosa e tranquila. No contato com a argila, cada indivíduo desenvolveu o trabalho de forma singular e o resultado foi bastante interessante.

Existia uma componente do grupo, Clívia, que não costumava falar nos encontros, sendo muito tímida e retraída. Sempre lhe dava a liberdade de não falar e “apenas” participar das mediações como observadora. Todavia, do mesmo modo, ela era incentivada a realizar as tarefas, com palavras motivadoras da pesquisadora e dos demais componentes. Ela mostrou um vídeo para a pesquisadora, cujo conteúdo falava de amizade e companheirismo, o qual utilizou para comunicar seu sentimento em relação aos encontros com outra linguagem que não a falada, dada sua dificuldade em se expressar verbalmente.

Sabemos que a dor da alma, muitas vezes, silencia o discurso, cala nossa voz, mas a alma continua pedindo para ser ouvida... O trabalho terapêutico via arte promove uma amplitude de linguagem que permite e facilita ao cliente encontrar caminhos menos dolorosos para expressar o seu universo íntimo, reduzindo as defesas verbais e abrindo as portas para um mergulho mais confiante e seguro na alma humana (MACIEL e CARNEIRO, 2012, p. 48).

No momento em que o terapeuta se dispõe a ouvir a alma do paciente, o objetivo da arteterapia é cumprido, uma vez que se deixam de lado os diagnósticos para dar lugar ao indivíduo percebido de maneira holística. Na oficina com barro, ela impressionou o grupo ao

decidir “colocar a mão na massa”, moldando um ninho de João de Barro (figura 17), segundo ela própria. Primeiramente, sua produção era um tanto quanto rústica e os outros catadores acreditaram que ela a havia finalizado. Porém, em seguida, ela retorna com uma garrafa pequena para ajustar o tamanho da entrada do ninho (figura 18) e também molha suas mãos para alisar a argila, finalizando o trabalho de jeito encantador (figura 19).

**Figura 17** – O ninho inacabado



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

**Figura 18** – Clívia finalizando sua obra



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

**Figura 19** – O ninho de João-de-barro



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Desta forma, Clívia demonstra seu aspecto maternal, pois o ninho pode ser entendido como uma casa, que, em conformidade com o pensamento de Chevalier e Gheerbrant (2015), simboliza o feminino, o refúgio, o seio da mãe. Nos encontros que se seguem, poderá se notar

mais ainda estas características na referida participante. Em tal interação, além de fazer a casa de João-de-Barro, Clívia impressiona, falando mais do que o usual, com comentários bem humorados sobre as produções dos colegas. Hoje, já abraça a pesquisadora e a orientadora, o que não fazia antes. Começa também a realizar as tarefas sem precisar ser chamada, pois já se sente à vontade para revelar o que tem no interior de seu ser.

Ainda neste encontro, os participantes criaram esculturas peculiares. Orquídea fez uma mulher dando à luz a um bebê e disse “Eu imaginei uma mãe dando à luz. É a vida após a vida. Ela tá dando à luz né, então... É mais uma esperança, é mais uma vida que tá vindo”. A sensibilidade desta participante se revela em cada encontro, visto que a arte abre esse canal de expressão. Para Maciel e Carneiro (2012, p. 53), “a Psicologia Junguiana defende que a criatividade é uma função psíquica natural e um dos instintos básicos do ser humano, que tem um papel estruturante na vida do indivíduo”. Sendo assim, é essencial proporcionar um espaço de escuta, a fim de que todos percebam a relevância e os significados diversos das produções do grupo, mostrando que todos podem fazer parte do mundo da arte.

De acordo com Paín (2009, p. 12), em arteterapia, a arte “é concebida como metáfora, ou melhor, algo que se assemelha à arte”. Isto quer dizer que aquele que frequenta o ateliê para realizar terapia não está ali para aprender técnicas de arte, tampouco para realizar obras de arte dentro dos padrões estéticos. “Por outro lado, a arteterapia demanda da arte um serviço útil” (PAÍN, 2009, p. 12), ou seja, utilizar-se da arte para trazer à tona conteúdos inconscientes, com o propósito de buscar a cura do paciente.

Rosa também fez uma mulher dando à luz, mas deu um significado particular a este fato. Ela disse: “é uma mulher que tá ganhando nenê. E aqui é... me esqueci o nome desse coisa aqui... aqui é um sofá pra ela descansar quando ela parar de ganhar bebê”. Por meio das falas nos encontros seguintes, percebe-se que Rosa está passando por um momento conturbado em sua vida, onde seus filhos, igualmente, estão em sofrimento, fazendo com que necessitam de descanso e paz.

Nesse plano, Philippini (2004, p. 28) afirma que “a transformação da matéria deve, portanto, funcionar como um caminho para a remoção de obstáculos e criação de condições favoráveis, em níveis plásticos e psíquicos”. Em tal sentido, na visão de Ostrower (2001), dominando a matéria e ordenando-a, o sujeito se organiza internamente, além de se conhecer melhor e ampliar sua consciência a respeito de suas potencialidades.

**Figura 20** – Mulher dando à luz, por Rosa

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

**Figura 21** – Mulher dando à luz, por Orquídea

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Em conformidade com o que se vê na figura 22, Gérbera fez uma piscina, uma palmeira, uma cabana, seu cachorro e sua família, conforme seu relato. A casa, para Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 196), é “como o templo, [...] está no centro do mundo, ela é a imagem do universo. Se o taoísmo constrói diversos palácios – que correspondem a centros sutis - no interior do corpo humano, a identificação do próprio corpo como a casa é corrente no budismo”. Durante os encontros, Gérbera sempre fala dos filhos, exprimindo sentimentos de proteção e afeição. Como foi citado anteriormente, a casa também representa o aspecto materno, como refúgio e proteção. Esta produção demonstra sua preocupação com os filhos e o sonho de ter uma casa boa o suficiente para a família, confortável e aconchegante.

**Figura 22** – A família na cabana dos sonhos, por Gérbera

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Azaleia fez dois bonecos estilo “João Bobo” (figura 23) e explicou seu trabalho da seguinte forma: “sabe aqueles bonequinho que tem, aquele que vai e volta, a gente chuta e ele vai... É bom assim, porque às vezes a gente tá ruim e depois a gente volta...”. Azaleia demonstra uma criatividade única ao realizar esta associação. Consoante elucidam Maciel e Carneiro (2012, p. 53), “uma pessoa que desenvolve a sua criatividade [...] é uma pessoa mais segura e autoconfiante, com maiores possibilidades de adaptação no mundo, pois transita melhor pelos seus desafios e encontra menos dificuldades nas suas relações”. A técnica de livre expressão por meio da argila mostra que a liberdade instiga os participantes mais e mais a cada encontro, possibilitando a descoberta de novas possibilidades no individual e no grupal.

**Figura 23** – João-bobo, de Azaleia



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Após falar sobre sua produção, Azaleia questiona Antúrio: “tu não vai fazer nada hoje?”, ele responde: “não tô inspirado”. Ela diz: “Mas se inspira!! (risos)” e Orquídea finaliza: “Dá tempo ainda!”. Antúrio não estava se sentindo bem naquela ocasião, preferiu ficar sentado conversando. Com estes comentários, fica claro que os demais componentes tentavam animar Antúrio, mostrando que sempre é tempo para ser feliz, para fazer algo diferente na vida. O grupo demonstra o cuidado com o Outro de uma forma muito peculiar.

Amor-perfeito enuncia: “Os problema da gente, a gente deixa lá fora. Tem que tentar esquecer. Depois tu sai pela porta e ele sai junto contigo! (risos)”. O grupo sempre encontra maneiras bem humoradas de ajudarem uns aos outros. Todos riram da fala de Amor-perfeito, inclusive Antúrio, que estava triste. Por meio das oficinas, percebe-se como a criatividade dos participantes aflora e, quanto maior a liberdade de ação, melhor se dá a expressão criativa. Ostrower (2001, p. 142-143), a esse respeito, comenta que:

Os processos criativos são processos construtivos globais. Envolvem a personalidade toda, o modo da pessoa diferenciar-se dentro de si, de ordenar e de relacionar-se com os outros. Criar é tanto estruturar quanto comunicar-se, é integrar significados e é transmiti-los. Ao criar, procuramos atingir uma realidade mais profunda do conhecimento das coisas. Ganhamos concomitantemente um sentimento de estruturação maior, sentimos que nos estamos desenvolvendo em algo de essencial para o nosso ser.

Sempre ao final das oficinas ficava combinado o próximo encontro. Nota-se que, nesse momento, todos opinavam, lembrando os colegas que poderiam não estar presentes no dia escolhido. Orquídea declara: “faz na quarta, que a Amor-perfeito vai tá aí, daí tá todo mundo”. Constata-se que todos sempre tinham interesse em participar e que o grupo estivesse unido, comprovando que realmente existe um forte vínculo de acolhimento entre os catadores. Quando eram feitas fotos individuais deles, inicialmente tinham vergonha, mas, depois de um tempo, percebia-se que se sentiam valorizados, empoderados e, depois de alguns *flashes*, faziam uma pose e sorriam, demonstrando sentirem-se à vontade. A natureza foi um elemento que apareceu bastante nas obras, o que revela a preocupação que eles têm, uma vez que são agentes ambientais. É importante destacar, assim, que eles se reconhecem como tal.

### 3.4 Se essas paredes falassem...

*Da mesma forma que a ostra necessita que um grão de areia a acorde para o seu dom mais precioso, que é a sua capacidade de tecer pérolas, ao exercer o nosso potencial criador [...] aprendemos a olhar o mundo com olhos capazes de enxergar a pérola dentro de cada grão de areia que nos instigue e afete, por vezes ferindo-nos como que para acordar-nos para a nossa “destinação de ser”.*

(MACIEL E CARNEIRO, 2012, p. 16)

Esta seção trata das oficinas onde se realizaram a pintura nas paredes da associação. Primeiramente, os participantes fizeram esboços no papel, planejamento como iriam projetar as imagens. É importante observar que as interpretações feitas são “superficiais”, pois, para Furth (2004, p. 19), “nenhum ponto é um indicativo definitivo sobre o que está acontecendo na *psique* do paciente. Uma série de desenhos com todos os seus pontos focais precisam ser avaliados antes de se poder fazer um diagnóstico ou um prognóstico”. Além disso, há de se passar um certo tempo com cada trabalho, analisar desde as primeiras até as últimas produções, para, só assim, poder obter respostas substanciais sobre o indivíduo.

Além disso, o foco desta pesquisa é fazer com que os catadores se expressem por meio da arte e também nos momentos de diálogo, percebendo seu potencial humano em



ambos. Os participantes eram incentivados a falar e recebiam retorno imediato no caso de alguma indagação ou demonstração de sofrimento psíquico. As produções dos catadores possuem rico material para que se explore, ainda mais, a simbologia de cada uma, porém, como já foi dito, este não era o objetivo central do estudo.

A teoria junguiana coloca em destaque os símbolos, que trazem conteúdos do inconsciente. Por intermédio dos desenhos, de acordo com Furth (2004, p. 29), “aproximamos do uso dos símbolos como agentes de cura. Esse agente faz parte, tanto somática quanto psicologicamente, do desenvolvimento do que Jung chama de ‘processo de individuação’”. Esse processo diz respeito ao encontro do ser com sua essência, formada por suas ambivalências e contradições.

Na figura 24, Gérbera fez um desenho com muitos símbolos. Ela comenta: “aqui tem um olhar, um olho”. A espiral, que aqui representam os olhos, “é encontrada em todas as culturas, carregada de significações simbólicas: é um tema aberto e otimista - partindo de uma extremidade dessa espiral, nada mais fácil do que alcançar a outra extremidade” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2015, p. 397). Também concerne à capacidade infinita de se desenvolver, progredir. A participante fez linhas como em um gráfico: que sobem até seu ápice e, depois, vem o declínio. Isso se conecta com sua fala, quando diz que “o céu, aqui tem estrelas, às vezes é noite, às vezes é dia... aqui as rosas.. que nem tudo é um mar de rosas...” (Gérbera), ou seja, que tudo muda e é cíclico, sendo que a vida tem seus altos e baixos.

**Figura 24** – Nem tudo é um mar de rosas

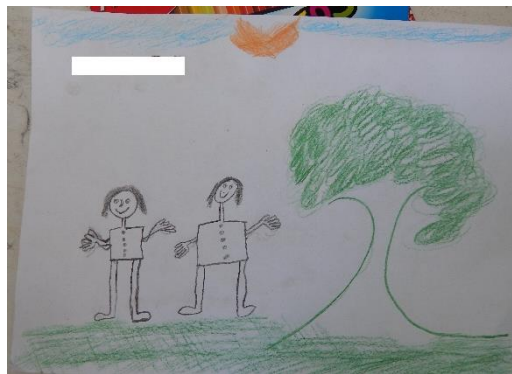


Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Na figura 25, observa-se a produção de Clívia, que desenhou duas pessoas sorrindo, de braços abertos, como que dispostas e abraçarem algo/algum, confirmando seu aspecto

cuidador e maternal. “O brilho do Sol manifesta as coisas, não só por torná-las perceptíveis, mas por representar a extensão do ponto principal, por medir o espaço” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2015, p. 833). Mediante a ilustração do sol por entre as nuvens, entende-se que, mesmo com as nuvens (que aqui podem representar as adversidades da vida), o sol ainda revela seu esplendor, iluminando aqueles que se dispõe a senti-lo. A árvore, elemento presente no desenho de Clívia, é um tema muito rico. Porém, infere-se, em uma ideia universal, que simboliza, para Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 84) “o Cosmo vivo [e a] perpétua regeneração”, além de comunicar os três níveis do cosmo: “o subterrâneo, através de suas raízes [...]; a superfície da terra, através de seu tronco e seus galhos inferiores; as alturas, por meio de seus galhos superiores e de seu cimo, atraídos pela luz do céu”.

**Figura 25** – Sem comentários, por Clívia



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Clívia sempre utiliza a cor verde em suas produções. É a tonalidade do uniforme de sua profissão, o que, por si só, já diz respeito à importância que o trabalho de catação tem em sua vida. Também, para Chevalier e Gheerbrant (2015), o verde é uma cor refrescante e tranquilizadora. Após o inverno, o planeta se enche de verde, trazendo esperança de renovação da vida. Para realizar o projeto e a pintura na parede, isolou-se um pouco do grupo, como se pode notar nas figuras 26 e 27.

**Figura 26** – Momento de introspecção

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

**Figura 27** – Preparando o terreno

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

O participante optou por não fazer, na parede, o mesmo desenho que havia feito no papel. Escolheu uma parede e se apropriou dela, ficou introspectivo e pintou-a de verde. Inicialmente parecia que Clívia iria fazer sozinha seu trabalho, sem interagir com os demais. No entanto, ela estava “preparando o terreno” para colocar as sementes, ou seja, após pintar um fundo, chamou os colegas para fazerem parte de sua produção, estampando as mãos na parede (figura 30). Além disso, de acordo com seu aspecto maternal e de cooperação, Clívia, após finalizar sua produção, buscou colaborar com os colegas, como se percebe nas figuras 28 e 29. Esta participante revela a cada encontro seu potencial como ser humano, criativo, solidário e inteligente.

**Figura 28** – O colaborador

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

**Figura 29** – O colaborador 2

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

**Figura 30** – Compartilhando os frutos



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

A produção de Antúrio foi simples, mas, simultaneamente, repleta de significado. Define o que deseja para sua vida e a dos colegas: amor, saúde, felicidade, amizade e sorte. Este sujeito necessitava de maior atenção, estava sempre disposto a conversar mais do que a realizar as atividades e era motivado a sentir-se à vontade para dialogar durante os encontros. Demonstrou grande habilidade em todos os exercícios realizados, revelando sua percepção diferenciada de mundo. Após o relaxamento desse dia, comenta: “Não é só acordar, a pessoa tem que ser feliz, fazer o que gosta né? E botar a vida no lugar certo, no ritmo certo...”. Ele está buscando ser melhor na vida, para não repetir e cometer os mesmos erros do passado, uma vez que demonstra estar arrependido de certas coisas que fez e que hoje está arcando as consequências. Antúrio assim reflete:

[...] a primeira palavra é amor. Sou bem sentimental, bem do coração. É que nem a gente quando chega num grupo de pessoas, a gente quer ser bem tratado... eu entrei numa turma, tudo maldoso... agora tô com uns amigo meu mais calmo, trabalhador, bah a gente toma mate descansado, ninguém grita, ninguém xinga... é uma união boa, 4 ou 5 cara descansado.. agora tô mais tranquilo. A pessoa tem que fazer o seu espaço.

**Figura 31** – Palavras sinceras

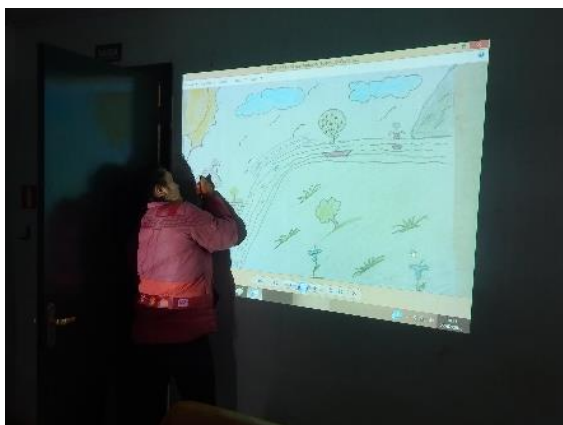


Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

O dia da projeção dos desenhos na parede gerou movimento entre os participantes, todos estavam envolvidos, prestativos e queriam muito colaborar para que tudo desse certo. Uns ajudaram aos outros e, ao final do dia, todos haviam feito seus desenhos e alguns já começaram a pintura. A figura 32 mostra a execução da técnica com o *datashow*. Onze-horas fazia comentários esporádicos: “Faz duas semanas que tô com o espírito bom!”. Estava feliz e demonstrava satisfação na expressão artística. Enquanto transferia seu desenho para a parede, mencionou: “Acho que tô descobrindo um novo dom”. Clívia responde: “Arrecém agora? Eu já descobri!”. Ao fazer arte, o indivíduo encontra-se com seu íntimo, com seus símbolos, sensações e emoções, descobrindo, segundo Ciornai (2004, p. 52):

[...] potenciais não somente artísticos, mas também de sua vida interior. [...] O indivíduo se desvenda por sua expressão artística, mostra-se, desnuda-se, comunica-se – expõe o seu ser e sua maneira de ver o mundo, expressa afeto, agressão, forças, sutilezas, e inevitavelmente surgem as semelhanças e as diferenças com o outro e a troca se efetua. Quanto mais se sabe de si, sabe-se mais do outro. E à medida que trabalha seus potenciais e fragilidades, que se conscientiza, não acrescenta só a si, mas também ao outro, à família, à comunidade, à sociedade. Fazer arte é expressar relações, é perceber o que elas são e como podem se transformar tanto no campo artístico quanto na vida.

**Figura 32** – Descobrimo um novo dom



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Nota-se que, no decorrer dos encontros, Onze-horas demonstrava mais seus sentimentos, falava de sua vida, do seu cotidiano, enfim, se abria mais para o grupo. Onze-horas também iniciou um processo de emagrecimento durante as oficinas, o que a deixou segura de si, com a autoestima bastante elevada. “O meu peixinho quer voltar pra começar de novo”. Conta que morava com o marido, e que agora mora com a mãe e os filhos. Passa por um processo de transição, da procura de novo companheiro. Comentou: “Isso é uma terapia!, Tô me sentindo uma criancinha, voltei pro pré!”. Também disse: “Tô me sentindo um Picasso! Engraçado... depois que tu pega tipo a habilidade com o pincel, só vai... Conforme der, vô fazer um curso de pintura de pano de prato pra fazer dinheiro”. Como esclarece Nagem (2006, p. 27), o paciente sai em busca de seu caminho, que é feito no caminhar. “Neste caminho, as transformações psíquicas pessoais atravessam vários níveis de aceitação e compreensão, necessitando, então, de cuidadosa e meticulosa abordagem arteterapêutica, que auxiliará na remoção dos obstáculos”.

Como se pode visualizar na figura 33, Onze-horas pintou um rio, com peixes nadando a favor da maré e um deles, contra. Ao lado do rio, está a frase: “deixa eu tentar, começar de novo”. Ela conta que esse peixe é ela mesma, tentando ir contra tudo e seguir em frente, apesar de tudo. O rio, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (2015), simboliza o fluir do mundo, a fertilidade, a morte e a renovação. “O curso das águas é a corrente da vida e da morte. Em relação ao rio, pode-se considerar: a descida da corrente em direção ao oceano o remontar do curso das águas, ou a travessia de uma margem à outra”, como refletem os autores em questão (2015, p. 780). Onze-horas fez um peixe nadando contra a corrente, podendo-se concluir que a participante busca voltar à sua essência, ao seu passado, para resgatar elementos que julga importantes para formar e construir seu presente e seu futuro. O

peixe é outro elemento que mostra esse desejo de re-ciclar, de nascimento, de restauração cíclica (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2015).

Onze-horas fez um sol grande no canto superior esquerdo, que se sobressai no desenho. O Sol, para Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 833), tem diversos significados, muitos deles, contraditórios. “Se não é o próprio deus, é, para muitos povos, uma manifestação da divindade. [...] Os Samoiedos veem no Sol e na Lua os olhos de Num (= Céu): o Sol é o bom olho, a Lua, o mau. O Sol também é considerado fecundador, mas também pode queimar e matar” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2015, p. 833).

A árvore é outro elemento que aparece em sua produção, e representa, na visão de Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 84), “todos os elementos: a água circula com sua seiva, a terra integra-se a seu corpo através das raízes, o ar lhe nutre as folhas e dela brota o fogo quando se esfregam seus galhos um contra o outro”. É a mudança que deseja ver em sua vida, o ciclo, o retorno à sua essência. Também demonstra o seu processo de individuação sendo desenvolvido. Para Jung, “sem sua individualização, o ser permanece numa condição de mistura e de confusão com o outro; neste estado, desempenha ações que o põem em desacordo e em conflito consigo mesmo [...]. Individuação significa tornar-se um ser único, realizar-se a si mesmo” (HALL e NORBDY, 1993, p. 93).

**Figura 33** – Deixa eu tentar, começar de novo



Fonte: Acervo da autora.

O uso da tinta, geralmente, é apreciado pela maioria dos indivíduos, e, neste caso, foi o ápice das oficinas, onde os catadores mais demonstraram satisfação e orgulho de suas produções. “Por ser um material essencialmente fluido, ou liquefeito, proporciona um excelente meio para a manifestação das emoções” (URRUTIGARAY, 2004, p. 58). O

terapeuta deve estar atento ao comportamento e aos gestos dos participantes quando do uso da tinta, pois, nesta forma de expressão artística, é permitido ao corpo uma maior liberdade gestual, o que pode revelar emoções diversas. Rosa escolheu o canto para pintar e ficou bastante tempo quieta, introspectiva (figura 34). Passou a manhã pintando seu coração. Ela disse: “esse é o meu coração.. meu coração está triste”. Onze-horas responde: “semana passada era eu, hoje é tu.. Eu peguei uma cola *superbonder* e remendei! [o coração]”. Onze-horas fez um comentário para tentar dar suporte à colega que estava em sofrimento, mostrando que ela também pode “remendar” seu coração se quiser.

Enquanto faziam os desenhos, projetos da pintura, Amor-perfeito falou para Rosa: “Vamô coloca umas lágrima nesse coração!” e Rosa replica: “Meu coração tá triste, mas não tá chorando!”. Porém, na hora de pintar seu coração na parede, colocou lágrimas. A lágrima, segundo Chevalier e Gheebrant (2015, p. 533), é uma “gota que morre evaporando-se, após ter dado testemunho: símbolo da dor e da intercessão”. Sendo assim, infere-se que, ao falar de seu sofrimento e compartilhá-lo com os colegas, Rosa consegue, enfim, fazer seu coração chorar e “colocar para fora” o sentimento ruim que a afligia.

Por fim, deixa a mensagem: “olho você e sigo. Sabe por quê? Amo vocês colegas!”, logo abaixo de sua pintura do coração em prantos, mas com um sorriso estampado, como que demonstrando alívio. Azaleia ficou ao lado de Rosa durante as oficinas, pintando suas flores bem próximas e pendendo ao desenho do coração triste, em uma relação de apoio, “dando-as de presente” à Rosa para alegrá-la.

**Figura 34** – Amizade



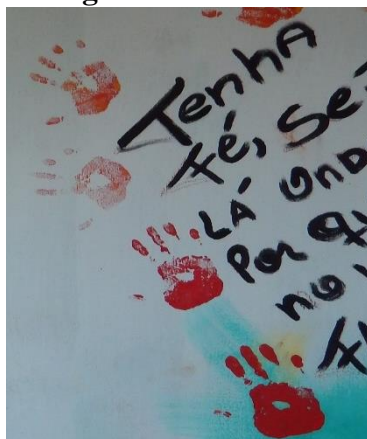
Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

A figura 35 mostra um fragmento da pintura que, inicialmente, não tinha dono. Ninguém sabia quem havia feito. Entretanto, no último encontro, os catadores contam que foi Girassol quem fez. Foi ela quem deu a ideia das pinturas e seria estranho se não deixasse sua



marca em algum momento. “Tenha fé, seja lá onde for. Porque até no lixão nasce flor”. Sua frase representa e resume o trabalho realizado na associação: Se depositou fé nas capacidades humanas de cada um e, assim, as produções mostraram as almas floridas dos participantes.

**Figura 35 - Tenha fé**



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Ao final do último dia da pintura nas paredes, foi conversado sobre o almoço de confraternização e a data em que poderia ser feito. A pesquisadora referiu que seriam realizados mais 4 encontros e Gérbera falou: “Só?” e sua expressão facial demonstrava tristeza. Isso evidencia que o vínculo formado entre todos os componentes do grupo foi muito forte, sendo que os catadores anseia(va)m por mais encontros, ao consideraram que estes foram momentos de cuidado mútuo e aprendizado. Durante as oficinas, os participantes prepararam as ações, tinham tudo planejado e se dedicaram na execução. Foi o momento em que mais se divertiram e se concentraram, pois se tratavam de suas “obras-primas”.

### **3.5 Lembranças para não esquecer**

Esta seção aborda as oficinas da manufatura das caixas de lembranças. Neste encontro estavam presentes Antúrio, Gérbera, Rosa, Azaleia e Clívia, esta última não fez a caixa, apenas ficou observando os colegas. Foram levadas fotos impressas (registradas nos encontros) para que cada um escolhesse as de sua preferência. Em seguida, todos receberam uma caixa de sapatos e foram orientados a utilizar os materiais disponibilizados ou os objetos recicláveis do galpão, além das fotografias. Na mesa havia retalhos de tecidos, fitas, sementes, papéis, botões, miçangas, tinta e pincéis. Também foi dito aos catadores que essa caixa seria

para guardarem suas lembranças, seja referentes às oficinas ou às suas vidas. A respeito das técnicas que se utilizam de fotografias e imagens, Rodrigues (2009, p. 160) ensina que:

Outra possibilidade apresentada pelo trabalho terapêutico é baseada no método projetivo. Se, de um conjunto de dezenas de fotografias, alguém escolhe a que mais lhe atrai, a que mais lhe chama a atenção, por qualquer razão que seja, é certo que esta escolha revela informações sobre essa pessoa e suas motivações. [...] Em um possível aprofundamento desse exercício, podemos usar o recurso da imaginação ativa proposto por Jung e travar um diálogo explícito com a imagem, dando voz a ela (ou a elementos contidos nela, mesmo inanimados, não importa), ouvindo o que têm a nos dizer e falando com eles sobre nossas impressões e sentimentos também.

As imagens 36 e 37 são referentes à caixa confeccionada por Antúrio, onde o tempo é muito presente. Percebe-se o quanto ele deseja que o ciclo passe, “Passatempo”, pois está em uma situação judicial na qual não pode ficar com sua família pelos próximos meses. O tempo relacionado ao coração, já que esta condição momentânea não permite que ele fique com aqueles que ama. Noite mágica, seria aquela em que pudesse passar com sua família, uma vez que tem de dormir em outro local. Ele usa uma fotografia tirada do grupo após a pintura das paredes, que foi um momento bom com pessoas as quais fazem bem para ele.

A tampa da caixa mostra a imagem de uma árvore que caiu com o temporal, com o dizer “espírito selvagem”. No entendimento de Urrutigaray (2004, p. 66), “imagens de catástrofes da natureza, de criaturas furiosas, de aleitamento, etc., podem estar sinalizando tópicos difíceis de serem colocados de maneira mais direta. Mas que, sem sombra de dúvidas, já estão sendo projetadas para uma futura confrontação”. Isso só confirma o conteúdo psíquico conflitante que o sujeito verbaliza durante os encontros, o qual está lutando para modificar, demonstrando grande potencial criativo e inteligência para driblar as adversidades.

**Figura 36** – Tempo, tempo, tempo...



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

**Figura 37** – Espírito selvagem

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

De acordo com o pensamento de Maciel e Carneiro (2012, p. 55), criar leva o indivíduo às suas lembranças afetivas. “Essas memórias nos fazem entrar em contato com a nossa história, experiências e sentimentos íntimos, despertando a função criadora e favorecendo o aparecimento de imagens [...] carregadas de energia psíquica e significados subjetivos”. O trabalho com materiais recicláveis estimula a criatividade, pois requer complexidade de pensamento para ver além daquele objeto, ou seja, as suas possibilidades. Ademais, por meio da arte, é dada a chance simbólica de, dentro da aceitabilidade social, criar, recriar, fazer, desfazer, recomeçar; o que não acontece na vida real.

Nas figuras 38 e 39, está a caixa das lembranças que Rosa fez. Rosa escreveu: “Essa é a minha lembrança. Beijo. Amo meus colegas”. Neste dia estão todos emocionados e um pouco tristes, pois é a despedida de Rosa. Ela mostra que suas lembranças são cheias de flores e sorrisos. As estrelas coladas na caixa simbolizam luz e os anjos representam a segurança, as boas novas para a alma, nos novos caminhos que Rosa e os colegas irão percorrer (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2015). Por meio desta técnica, os participantes resgatam histórias importantes, marcantes e significativas dos encontros e mesmo de suas vidas.

**Figura 38** – Amizade 2

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

**Figura 39** – Presente, por Rosa

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Na caixa de lembranças que o grupo construiu para Rosa (figura 40), foram coladas frases motivadoras, além do adjetivo “rainha”, que demonstra o respeito e afeto que todos têm para com ela. “O brilho pode estar em você”, “Desejamos amor, paz, tranquilidade e que seja um ano de surpresas”, “Sou muito dedicada a tudo. Essa vitória fechou meu ano com chave de ouro”, “Com muito carinho, pessoas especiais”.

O grupo deseja coisas boas para o futuro de Rosa, usando como linguagem, as colagens. Na simplicidade dos materiais e no abandono do tecnicismo artístico é que se percebe as emoções aflorando aos poucos, aparecendo, até mesmo, no toque e no trato com os materiais. Isso evidenciou o quanto as estratégias arteterapêuticas utilizadas com o grupo em questão fez com que os indivíduos desvelassem um potencial criativo que, talvez, não tivessem experimentado e vivenciado antes.

Sendo assim, enfatiza-se, novamente, que, em arteterapia, não se deve buscar a beleza, mesmo porque este é um conceito que varia para cada pessoa, é uma concepção ampla, relativa, mutável e subjetiva. É essencial desconstruir, desde os primeiros momentos da terapia, quaisquer ideias de elitismo ou regras cristalizadas e estanques. A arteterapia só nasceu e evoluiu porque “a arte libertou-se de toda norma canônica, de toda obrigação que não emane das regras de jogo que o próprio artista inventa” (PAÍN, 2009, p. 12).

**Figura 40** – Presente do grupo para Rosa



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Na figura 41, os participantes entregam à Rosa a caixa feita pelo grupo, pois ela teve de ir embora da associação. O momento foi bonito, com contrastes de emoções. As produções são simples, não foi apresentada nenhuma técnica aos catadores. Apenas foram oferecidos materiais colocados à disposição. Isto para permitir a livre expressão de ideias, desejos, sentimentos, vinculando, “simbolicamente, elementos inconscientes à consciência por meio da compreensão dos elementos que surgem nas imagens criadas. Proporciona ao indivíduo a sensação de ordenamento das ideias, [...] por meio do movimento de reunir lembranças e emoções” (MACIEL e CARNEIRO, 2012, p. 86).

**Figura 41** – Entrega da lembrança



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

A evolução do grupo é clara e visibiliza que, com compreensão, disposição e paciência, se pode atingir os resultados almejados. O terapeuta deve ser sensível o suficiente

para perceber os limites de cada participante, “consciente de que a percepção deste sobre o seu próprio funcionamento e a presença de alguns *insights* já são fatores de estruturação, independentemente de ter havido uma transformação efetiva ou desaparecimento dos sintomas” (MACIEL e CARNEIRO, 2012, p. 51).

As oficinas terapêuticas realizadas evidenciaram que o grupo estabeleceu vínculos positivos e que os objetivos da pesquisa foram sendo cumpridos, na medida em que os participantes se sentiram livres para expor suas opiniões e sentimentos, além de perceberem seus potenciais individuais. Nas palavras de Philippini (2004, p. 20), a arteterapia é “um caminho feito de cores e de formas, repleto de significado. [...] Há quem desista logo, quem caminhe um pouco mais e quem, arduamente, chegue até o final, para só então descobrir que este fim bem pode ser só o começo...”. Assim são os participantes deste grupo, cada qual a seu tempo vai descobrindo o potencial humano implícito em si, por meio das atividades artísticas propostas e das reflexões realizadas.

### 3.6 Exposição “Reciclando Vidas”

*Esse é o tema do curador ferido: se eu posso olhar para as minhas feridas e tentar alcançar uma cura, estou mais bem preparado para ajudar os outros a olharem para as próprias feridas e tentarem alcançar uma cura. Nunca podemos ir com os outros além do ponto onde já fomos sozinhos. Não estou dizendo que apenas um cavalo pode julgar uma apresentação de cavalos, mas, com certeza, é muito útil conhecer algo sobre cavalos antes de julgá-los.*

(FURTH, 2004, p. 49).

Nesta seção será descrita como se desenrolou a Exposição realizada no XXI Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNICRUZ, que ocorreu de 04 a 07 de Outubro desse ano de 2016. Foi feito um encontro na associação para escolher as fotografias que seriam expostas. Os catadores estavam animados, orgulhosos e gostaram da possibilidade de ter suas produções exibidas. Neste dia foi realizado um relaxamento com a temática do silêncio (Anexo II, “Aprende com o silêncio”). Todos se emocionaram, alguns choraram, mas foi um momento agradável e que mostrou o quanto a descontração tocou muito os participantes. Todos os detalhes referentes ao transporte, alimentação e horários foram decididos nesse dia.

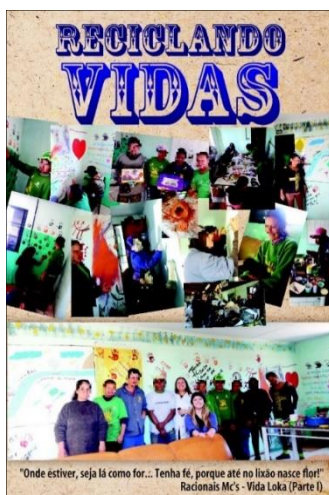
Foram impressas 70 fotos, as quais serão entregues aos catadores ainda esse ano, pois têm grande valor sentimental. No dia da Exposição, foram distribuídos *folders* para

divulgação, os quais os catadores puderam levar para casa, a fim de mostrar para os familiares e amigos e de guardar como lembrança. Quando os participantes chegaram ao Centro de Convivência demonstraram satisfação em ver suas produções em uma exposição. É importante fazer com que os indivíduos se enxerguem como protagonistas de uma cena que está locada em um ambiente acadêmico, onde perpassam relações de poder. Além disso, cada fotografia é uma história que, no momento da exposição, cabe ao observador desvendar, o que traz um valor inestimável a este tipo de prática. No entender de Ribeiro (2009, p. 39):

Em uma sociedade cuja constante é a vertiginosa mutação, fotografias fornecem o conforto da perenidade; a possibilidade de lembrar e de ser lembrado. Permitem conectar com a força ancestral do grupo. Permitem atestar lembranças e afirmar diferenças. São materialidades que possibilitam a vinculação saudável do indivíduo consigo e com o semelhante. Guardam, na sólida fragilidade do papel, desejos e memórias preciosas, que a velocidade do mundo globalizado ameaça destruir.

Foi feito um *banner* com uma seleção de fotos e com a frase que Girassol pintou na parede “Tenha fé, seja lá onde for, porque até no lixão nasce flor”. A citação define um pouco do que foi a pesquisa, realça como todos possuem dentro de si o potencial para criar e reinventar suas vidas. Os participantes são pessoas incríveis e espera-se que todos aqueles que visitaram a Exposição fiquem com essa sensação. Conforme aludem Ginger e Ginger (1995, p. 83), “o que importa não é descobrir de qual mina foi extraída uma pedra preciosa, mas se ela encontrou seu lugar no colar: é a coerência e não a origem das técnicas que constitui o valor dos métodos”.

**Figura 42** - Banner produzido para a Exposição



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Estavam presentes além dos catadores, a orientadora, a pesquisadora e os funcionários do Projeto Profissão Catador (figura 43). Uma senhora fez uma homenagem aos profissionais por meio da pintura de uma catadora e da leitura de um poema, ambos de sua autoria. No momento da Exposição, a orientadora da pesquisa fez uma fala, destacando a importância de os catadores estarem lá naquele dia, pois, sem eles, o evento não faria sentido. Foi um momento muito emocionante. A pesquisadora comenta que, além da importância de mostrar do que eles são capazes, esta Exposição também tem o objetivo de alertar a comunidade a respeito da importância do cuidado com os resíduos que se produzem nas casas. Quando as pessoas conhecerem quem são os catadores, isto pode colaborar para a conscientização e a sensibilização do cuidado com o lixo. Os catadores também se expressaram, comentando o quanto esse momento era importante para eles. Os membros da Coordenação do Projeto Profissão Catador usaram da palavra e destacaram a relevância de toda a pesquisa com a participação dos agentes ambientais.

**Figura 43** - Grupo dos participantes das oficinas: pesquisadora, orientadora, membros da equipe do Projeto Profissão Catador e demais presentes



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Esta Exposição (figuras 44 e 45) teve como objetivo colocar “à mostra” o potencial humano dos catadores, a criatividade, a inteligência, a capacidade crítica, entre outras qualidades, por intermédio das fotografias feitas a partir dos momentos vivenciados na pesquisa. Isto a fim de que a comunidade reconhecesse as potencialidades desses sujeitos, mas principalmente, que os respeitasse enquanto seres humanos. Além disso, muitas vezes, os catadores sofrem com a invisibilidade social, que diz respeito à indiferença com base em uma



determinada função social e que atinge diversas pessoas. É um fenômeno social que denota o desaparecimento de um indivíduo entre os outros (COSTA, 2004). Desse modo, atividades como esta conduzem ao empoderamento, ao protagonismo e, conseqüentemente, à inserção e à visibilidade social dos sujeitos, na medida em que sua obra é reconhecida e valorizada.

Valorizar as pessoas como seres únicos empodera-os e devolve-lhes a condição de protagonistas de suas vidas. “A credibilidade no potencial de cada ser humano, a confirmação do estilo pessoal diferente em cada um, reafirma a qualidade de único e exclusivo de cada indivíduo, confirmando também no outro essa possibilidade” (CIORNAI, 2004, p. 57). A arte é a via pela qual se trilharam os caminhos do autoconhecimento, da autorrealização e do reconhecimento de si como potência. “Entrar no universo das artes é habitar o terreno dos símbolos e metáforas que nos permitem acompanhar o desenrolar do desenvolvimento psíquico e saber onde ele se encontra no momento da criação”, conforme corroboram Maciel e Carneiro (2012, p. 63).

Também foi intenção demonstrar o quanto a arte, enquanto arteterapia, pode colaborar com o autoconhecimento de si e do mundo. Nesse sentido, habilidades técnicas são bem “menos preciosas do que a predisposição para entregar-se à jornada do desvelar a si mesmo. Fundamental [é] a expressão do subjetivo, o diálogo interno e a desmistificação de conteúdos e símbolos inconscientes que tendem a nos assustar ou paralisar” (MACIEL, 2008, p. 03). Ao aprender sobre si mesmos, descobrem-se quais são as partes desenvolvidas e as não desenvolvidas que possuem, aprendendo como não projetar suas sombras no Outro.

**Figura 44** - Visão geral da Exposição no XXI Seminário Interinstitucional da UNICRUZ



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

**Figura 45** - Foto panorâmica da Exposição



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2016.

Conclui-se, pelos dados coletados nas oficinas propostas e em conformidade com o pensamento de Maciel e Carneiro (2012, p. 15), que as atividades artísticas conduzem “ao encontro de tesouros internos que nos devolvem à condição de reis e rainhas de nosso próprio reino, promovendo um empoderamento que restitui a nossa dignidade e previne o abuso de poder nas relações”. Esta foi, sem dúvida, a impressão que ficou ao ver os trabalhos finalizados, pois os catadores puderam demonstrar sua relação com a natureza, com o mundo, externo e interno, e o quanto eles produzem sustentabilidade a partir de seu trabalho com a catação de materiais recicláveis. Assim, a Exposição intitulada “Reciclando Vidas” se configurou em uma estratégia bem sucedida, no sentido de, efetivamente, desvelar o potencial humano dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

## O FIM COMO UM NOVO INÍCIO

O ser humano sempre necessitou manifestar-se e a arte é uma alternativa que permite a comunicação expressivo-criativa de cada um. A arte atrelada à terapia apresenta formas diversificadas de trabalhar questões internas por meio de recursos que não se encontram na terapia psicológica tradicional. A arteterapia e a psicoterapia têm o poder de produzir sujeitos mais resilientes, que suportam as adversidades da vida, pois aprendem novas formas de se expressar e agir. Como psicóloga, a pesquisadora se apaixonou ainda mais pela Psicologia Junguiana, que mostra que quanto mais o ser humano se volta para seu mundo interior, analisando todas as suas ambivalências e contradições, de um modo positivo e para o aprendizado, mais individualizado está. Isto é, quanto mais perto de si mesmo, mais evidente se torna a essência.

No decorrer dos encontros, pode-se notar que o vínculo formado entre pesquisadores e participantes foi consistente e que a cada dia os catadores interagiam mais positivamente entre si e com a pesquisadora e a orientadora. É inegável a emoção de ter realizado uma pesquisa-ação com um grupo de indivíduos tão importantes para a sociedade e que, ao mesmo tempo, muitas vezes, não reconhecem ou não são reconhecidos em sua relevância social.

O aprendizado adquirido por meio desta investigação é inestimável, visto que, para além dos objetivos buscados, tais como desvelar o potencial humano dos participantes, as trocas de vivências e experiências acrescentaram conhecimento na vida de todos os que passaram por este processo. Os catadores puderam ressignificar sua visão sobre os materiais recicláveis por meio de atividades que contemplassem a reciclagem e o aproveitamento desses materiais. Além disso, a Exposição proporcionou um espaço de visibilidade das produções dos participantes. Nesse sentido, o pensamento de Silveira traduz o que o grupo vivenciou:

Todo ser tende a realizar o que existe nele em potencial, a crescer, a completar-se. É o que acontece à semente do vegetal, e ao embrião do animal... O homem será capaz de tomar consciência nítida deste crescimento e mesmo de influenciá-lo. Esse crescimento, muitas vezes difícil é doloroso, caminha na busca da completação da personalidade específica de cada um, isto é, daquilo que C. G. Jung denomina processo de individuação... É um processo lento. Não adianta pretender acelerá-lo artificialmente. Talvez apenas ajudá-lo na remoção de obstáculos e criação de condições favorecedoras (SILVEIRA, 2001, p. 77).

A impressão que havia inicialmente era de que a associação era um ambiente tristonho, desamparado, sem luminosidade e, inclusive, sem música. No entanto, no primeiro

encontro, esta ideia foi substituída pelo sentimento de surpresa, já que aquele ambiente noturno não existia. Ali dentro todos estavam (e estão) sempre dispostos a acolher o Outro, preocupando-se com o desenvolvimento do grupo como um todo. Tendo sido atingidos os objetivos, esta pesquisa mostrou que o ser humano tem potenciais que se desenvolvem na medida em que o meio lhe oferece condições facilitadoras.

Azaleia começou as oficinas de modo mais fechado, não falava muito, mas, aos poucos, foi mostrando a pessoa maravilhosa e caridosa que é. Antúrio juntou-se ao grupo, necessitava muito de ajuda e, na medida do possível, recebeu acolhimento e apoio. Gérbera, muito extrovertida, cheia de sonhos e desejos, sempre foi porta-voz dos catadores. Clívia, que, no princípio, não abraçava a pesquisadora e a orientadora, mostrou o ser humano maravilhoso que é, com espírito cuidador e solidário. Amor-perfeito, sempre dando conselhos e se preocupando com todos. Girassol, que iniciou animada os encontros, mas que, por algum motivo pessoal, não conseguiu dar prosseguimento, espera-se que encontre apoio no grupo para continuar sua caminhada com mais leveza. Rosa, linda e tímida, não merecia o sofrimento pelo qual passou, mas mereceu o tratamento que recebeu dos colegas, de muito amor. Orquídea, grande conselheira do grupo, muito risonha. Onze-horas, que não interagiu no começo, ao final, descobriu um dom. Cravo, pouco conviveu com o grupo, mas sempre tinha algo de bom a dizer. Gerânio esteve em poucos encontros, mas iluminou com sua luz. Todos são flores que embelezaram o jardim da vida da pesquisadora, dos quais não esquecerá.

Esta pesquisa buscou um compromisso social de mudança. No entender de Bock (1999, p. 327), assumir um compromisso social é questionar o que está colocado como verdade e, em alguns momentos não aceitar “[...] que as coisas são porque são, mas sempre duvidar e buscar novas respostas”. Assim sendo, o terapeuta deve se mostrar disposto a provocar reflexões que inquietem a sociedade, os catadores e a si mesmo, a fim de colaborar na evolução coletiva, no sentido da empatia, do desenvolvimento humano e, conseqüentemente, da construção da cidadania e do protagonismo dos sujeitos.

No processo terapêutico em questão, as matérias física e psíquica foram compostas e recompostas, recortadas e coladas, moldadas e pintadas com novas cores. O caminho da transformação é uma aventura onde até mesmo os percalços servem de aprendizado, tornando as pessoas mais sábias, mais conscientes e mais solidárias. Olhar para si mesmo é um desafio complexo e os catadores foram corajosos ao acolheram as atividades propostas de corpo e alma, revelando parte do imenso potencial criador de sua essência.

## REFERÊNCIAS

- 101 STRINGS ORCHESTRA – sound of silence.** 3'28". 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RWRKkBklg0o>>. Acesso em: 30 abril 2016.
- AATESP – Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. **O que é arteterapia?** 2014. Disponível em: <[www.aatesp.com.br](http://www.aatesp.com.br)> Acesso em: 04 nov. 2016.
- ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Indústria cultural e sociedade.** 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- BALESTRIN, Viviane Giusti. **Cartografias do consumo e da subjetividade contemporânea.** Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, PUCRS, Porto Alegre, 2007.
- BARBOUR, Ana Maria Alves. **Jornalismo ambiental.** 2003. Disponível em: <<http://www.cpap.embrapa.br/teses/online/MON02.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2016.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2011.
- BASTIDE, Roger. Arte e sociedade. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1979. In: CAMARGO, Maria Aparecida Santana. **Educação em arte: desmitificando e ampliando concepções estéticas.** Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas ao mundo líquido moderno.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- \_\_\_\_\_. **A cultura no mundo líquido moderno.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BAUMGART, Fritz. **Breve história da arte.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BERTÉ, Rodrigo. **Gestão socioambiental no Brasil.** 2. ed. Curitiba: Ibplex, 2012.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. A psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. **Estudos de psicologia,** Natal, v. 4, n. 2, p. 315-329, jul./dez. 1999.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em: 10 nov. 2016.
- \_\_\_\_\_. **Lei n. 6.938, de 31 de agosto de 1981.** Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L6938.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6938.htm)>. Acesso em: 19 maio. 2016.
- \_\_\_\_\_. **Lei n. 12.305, de 2 de agosto de 2010.** Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei n. 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências.

Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm)>. Acesso em: 10 nov. 2016.

CALABRESE, Omar. **A linguagem da arte**. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

CAMARGO, Maria Aparecida Santana. **Educação em arte**: desmitificando e ampliando concepções estéticas. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.

CARNEIRO, Celeste. Jung e a arte. **Revista Transdisciplinar**: uma oportunidade para o livre pensar, Bahia, v. 4, n. 4, ano II, jul. 2014.

CARSON, Rachel. **Primavera silenciosa**. São Paulo: Gaia, 2010.

CATERINA, Roberto. **Che cosa sono le arti-terapie**. Roma: Carocci, 2005.

CEMPRE – Compromisso Empresarial para Reciclagem. **Review**. 2015. Disponível em: <<http://cempre.org.br/download.php?arq=b18xOTVhNmJvOHExNHNkazZsMW42bzFzdTFxMGxhLnBkZg==>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 28. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

CIORNAI, Selma (Org.) **Percursos em Arteterapia**: ateliê terapêutico; arteterapia no trabalho comunitário; trabalho plástico e linguagem expressiva; arteterapia e história da arte. São Paulo: Summus, 2004.

COLI, Jorge. **O que é arte**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis**: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004.

FRANCISQUETTI, Ana Alice (Coord.). Lições de casa. CIORNAI, Selma (Org.) **Percursos em Arteterapia**: ateliê terapêutico; arteterapia no trabalho comunitário; trabalho plástico e linguagem expressiva; arteterapia e história da arte. São Paulo: Summus, 2004. p. 15-48.

FURTH, Gregg. **O mundo secreto dos desenhos**: uma abordagem junguiana da cura pela arte. São Paulo: Paulus, 2004.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente**: a teoria das múltiplas inteligências. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GELAIN, Denise. Arteterapia: espaço de ressignificação pessoal e autoconhecimento. In: ORMEZZANO, Graciela; NEVES, Sissi Malta. **Práxis em arteterapia**: vivências em educação e saúde. Passo Fundo: Ed. da Universidade de Passo Fundo, p. 45-66, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GINGER, Serge; GINGER, Anne. **Gestalt: uma terapia do contato**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1995.

GRÜN, Mauro. **Ética e educação ambiental: a conexão necessária**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

HALL, Calvin S.; NORBDY, Vernon. **Introdução à psicologia junguiana**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

HILLMAN, James. **O livro do puer**. São Paulo: Paulus, 1998.

HOUAISS. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUGUES, Dionne. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Brasília: Liber Livro, 2007.

IBGE. **Cidades – Rio Grande do Sul – Cruz Alta**. Censo 2010. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=430610&search=rio-grande-dosul|cruz-alta|infograficos:-informacoes-completas>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico – 2008**. 2013. Disponível em: <<http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoedevida/pnsb2008/default.shtm>>. Acesso em: 17 out. 2016.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA.  
**Situação social das catadoras e dos catadores de material reciclável e reutilizável**. Brasília, DF: IPEA, 2013.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.

\_\_\_\_\_. **A prática da Psicoterapia: contribuições ao problema da Psicoterapia e à Psicologia da transferência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

\_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LEITE, Sandro. Relações entre a arte e terapia em freud e jung e a noção de “experiência”. In: AARJ – Associação de Arteterapia do Rio de Janeiro. **Estudos em arteterapia: a arte e a criatividade promovendo saúde**. Rio de Janeiro: Wak, 2013. p. 227-257. (Cadernos da AARJ, n. 3).

LOVLAND, Rolf. **Secret Garden**. 4’21”. Países Baixos: Philips Records, 1997. 1 CD.

MACHADO, Leandro. Garis fazem greve em seis cidades da região do ABC, na grande SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo. 03 abr. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/04/1435050-garis-fazem-greve-em-seis-cidades-da-regiao-do-abc-em-sp.shtml>>. Acesso em: 22 out. 2016.

MACIEL, Carla. A Arte “em” e “como” terapia. **Jornal Metanoia**. Salvador: IJBA, 2008.

MACIEL, Carla; CARNEIRO, Celeste (Orgs.). **Diálogos criativos entre a arteterapia e a psicologia junguiana**. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

MANIFESTO APPELLATIO. **Manifesto appellatio fraternitatis rosae crucis**. 2015.

Disponível em: <[https://www.amorc.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Manifesto\\_Appellatio.pdf](https://www.amorc.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Manifesto_Appellatio.pdf)>. Acesso em: 19 out. 2016.

MARTINS, Daniela de Carvalho e Souza. **Arte-terapia e as potencialidades simbólicas e criativas dos mediadores artísticos**. Dissertação (Mestrado em Educação Artística) – Programa de Pós-Graduação em Educação Artística, Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, 2012.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MIKOSZ, José Eliézer. A arte psicodélica-visionária: possíveis incursões no kitsch? In: MARQUES, Hélio de Moraes e. (Org.). **Espiritualidade, humanismo e ecologia: uma abordagem transdisciplinar**. Curitiba: Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa, 2016. p. 279-299.

NAGEM, Denise. **Caminhos de transformação - transformar para integrar: da restauração à reciclagem**. Monografia (Especialista em Arteterapia). ISEPE: Rio de Janeiro, 2006.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Declaração de Estocolmo de 1972**. Disponível em: <[http://www.apambiente.pt/\\_zdata/Políticas/DesenvolvimentoSustentavel/1972\\_Declaracao\\_Estocolmo.pdf](http://www.apambiente.pt/_zdata/Políticas/DesenvolvimentoSustentavel/1972_Declaracao_Estocolmo.pdf)>. Acesso em: 19 out. 2014.

\_\_\_\_\_. **Objetivos do milênio**. 2000. Disponível em: <<http://www.objetivosdomilenio.org.br/>>. Acesso em: 11 dez. 2014.

\_\_\_\_\_. **O futuro que queremos**. 2012. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/processos/61AA3835/O-Futuro-que-queremos1.pdf>>. Acesso em: 25 maio. 2016.

ORMEZZANO, Graciela; ARRUDA, Liane Zart de. Intervenção arteterapêutica com uma paciente oncológica idosa. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, p. 16-27, jul./dez. 2005.

ORMEZZANO, Graciela; POTRICH, Cilene Maria; FRIDERICHS, Bibiana; ARALDI, Lílian Cordeiro. Cultura, consumo e estereótipos: significações de estudantes do curso de educação artística. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 32, p. 118-125, abr. 2007.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processo de criação**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.



PAÍN, Sara. **Os Fundamentos da arteterapia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PEREIRA, Adriana Camargo. **Sustentabilidade na prática**: fundamentos experiências e habilidades. Valinhos: Anhanguera Publicações Ltda., 2011.

PHILIPPINI, Angela. **Arteterapia**: métodos, projetos e processos. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

\_\_\_\_\_. **Para entender arte terapia** – cartografias da coragem. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

PNUMA – Painel de Alto Nível do Secretário-Geral das Nações Unidas sobre Sustentabilidade Global. **Povos resilientes, planeta resiliente**: um futuro digno de escolha. Nova York: Nações Unidas, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Panorama Ambiental Global (GEO5)**: Resumo para formuladores de políticas. 2012b. Disponível em: <[http://www.unep.org/geo/pdfs/GEO-5\\_SPM\\_Portuguese.pdf](http://www.unep.org/geo/pdfs/GEO-5_SPM_Portuguese.pdf)>. Acesso em: 30 out. 2014.

PROFISSÃO CATADOR. **Profissão catador II**: uma proposta de fortalecimento da organização social e econômica. 2014. Disponível em: <<http://www.profissaocatador.com/#!escolha/cfvq>> Acesso em: 12 dez. 2015.

QUINTAS, José Silva; GUALDA, Maria José. A formação do educador para atuar no processo de gestão ambiental. Brasília: Ibama, 1995. In: BERTÉ, Rodrigo. **Gestão socioambiental no brasil**. 2. ed. Curitiba: Ibepex, 2012.

RIBEIRO, Eliana Nunes. Cerzindo histórias com fios de luz: a fotografia em trabalho arteterapêutico realizado com mulheres. In: PHILIPPINI, Ângela. **Arteterapia**: métodos, projetos e processos. Rio de Janeiro: Wak, 2009. p. 36-46.

RODRIGUES, Rosa. O uso da fotografia e do vídeo em arteterapia. In: PHILIPPINI, Ângela. **Arteterapia**: métodos, projetos e processos. Rio de Janeiro: Wak, 2009. p. 156-170.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SALLES, Schicco. **Angels**. Brasil: Azul Music, 1995. CD.

SANTOS, Cacilda Cuba dos. **Individuação junguiana**. São Paulo: Sarvier, 1976.

SANTOS, Felipe Caetano dos; SANTOS, Juvandi de Souza. Surgimento da arte pré-histórica e o seu desenvolvimento artístico. **Revista Tarairiú**, Campina Grande/PB, ano V, v. 1, n. 08, p. 43-50, ago. 2014.

SANTOS, Gemelle Oliveira. Interfaces do lixo com o trabalho, a saúde e o ambiente – artigo de revisão. **Revista Saúde e Ambiente**, Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 26-35, dez. 2009.

SANTOS, Gemelle Oliveira; SILVA, Luiz Fernando Ferreira da. Há dignidade no trabalho com o lixo? Considerações sobre o olhar do trabalhador. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. IX, n. 2, p. 689-716, jun. 2009.

SAVIANI, Iraci. Ateliê terapêutico – encontrar-te: viver arte, criar e recriar a vida. In: CIORNAI, Selma. (Org.) **Percursos em Arteterapia**: ateliê terapêutico; arteterapia no trabalho comunitário; trabalho plástico e linguagem expressiva; arteterapia e história da arte. São Paulo: Summus, 2004. p. 49-81.

SCHIAVO, Marcio R.; MOREIRA, Eliesio N. **Glossário Social**. Rio de Janeiro: Comunicarte, 2005.

SESC. **Guia de geração de trabalho e renda**: nova perspectiva na elaboração de políticas, programas e projetos de geração de trabalho e renda. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.sesc.com.br/mesabrasil/doc/Guia-de-A%C3%A7%C3%B5es.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

SHARP, Daryl. **Léxico junguiano**. São Paulo: Cultrix, 1997.

SILVEIRA, Andréa F.; GEWEHR, Catarina; BONIN, Luiz Fernando R.; BULGACOV, Yara L. M. **Cidadania e participação social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

SILVEIRA, Nise da. **Jung**: Vida e Obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 1992.

SOUZA, Otília Rosângela Silva de Souza. **Histórico da arteterapia**. Portal da União Brasileira das Associações de Arteterapia, s/d. Disponível em: <[http://www.portalcapixabao.com/sites/?c=6061&p=4087&s=ubaat\\_uniao\\_brasileira\\_de\\_associacoes\\_de\\_arteterapia](http://www.portalcapixabao.com/sites/?c=6061&p=4087&s=ubaat_uniao_brasileira_de_associacoes_de_arteterapia)> Acesso em: 19 fev. 2016.

SEI, Maíra Bonafé. **Arteterapia com famílias e psicanálise winnicottiana**: uma proposta de intervenção em instituição de atendimento à violência familiar. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização e desafios. **Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia**. São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2010.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

URRUTIGARAY, Maria Cristina. **Arteterapia**: a transformação pessoal pelas imagens. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

VEIGA, José Eli da. Indicadores de sustentabilidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 68, 2010.

WILHELM, Richard. **I Ching**: o livro das mutações. São Paulo: Pensamento, 2006.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A

### LEVANTAMENTO PSICOSSOCIAL

#### - Dados de Identificação

Nome:

Sexo: Masculino ( ) Feminino ( ) Data de Nascimento: \_\_/\_\_/\_\_

Estado civil: Casado(a):( ) Solteiro(a):( ) Divorciado(a):( ) Viúvo(a):( )

Telefone: ( )

Escolaridade:

#### - Dados Pessoais

Mora com quantas pessoas?

Possui filhos(as)?

Que atividades gosta de realizar quando não está trabalhando? (passatempos)

Descreva sua rotina diária:

Manhã:

Tarde:

Noite:

#### - Sociabilidade:

Faz amigos com facilidade? ( ) Sim ( ) Não

Costuma interagir com as pessoas à sua volta? ( ) Sim ( ) Não ( ) Às vezes

Frequenta grupos? Quais?

Como é a relação com os familiares?

#### - Saúde:

Apresenta problemas neurológicos ou físicos? Qual(is)?

Faz acompanhamento? ( ) Sim ( ) Não

( ) Psicológico ( ) Médico ( ) Neurológico ( ) Psiquiátrico

( ) Fonoaudiólogo ( ) Outro. Qual?

Faz uso de medicamentos? ( ) Sim ( ) Não

Se sim, quais?

Observações:

## **APÊNDICE B**

### **UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA – UNICRUZ**

#### **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS E DESENVOLVIMENTO SOCIAL – MESTRADO ACADÊMICO**

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: “A arteterapia como instrumento de desvelamento do potencial humano de um grupo de profissionais de reciclagem do Projeto Profissão Catador”. O principal objetivo desta pesquisa é potencializar as capacidades humanas implícitas nos profissionais de reciclagem do Projeto Profissão Catador da UNICRUZ. O motivo que nos leva a fazê-la é buscar valorizar a singularidade e as potencialidades dos sujeitos, por meio de oficinas utilizando técnicas de arteterapia e reflexões realizadas por meio deste projeto. O(s) procedimento(s) de coleta de dados serão entrevistas abertas e rodas de conversa além de oficinas utilizando técnicas de Arteterapia por meio de fotografias e materiais recicláveis. As entrevistas serão gravadas, transcritas para analisar no estudo e, posteriormente, descartadas. Existe um desconforto e um risco mínimo para você que for se submeter à coleta do material por ter que falar sobre coisas que talvez lhe pareçam desconfortáveis, mas que se justifica pelo fato de lhe possibilitar ser ouvido (a) em sua percepção sobre o tema e para que possamos desenvolver melhor essa temática importante para a comunidade e para ações posteriores. Você terá esclarecimentos sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você também é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. O pesquisador se responsabiliza por qualquer despesa que seja necessária. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social – Mestrado da Universidade de Cruz Alta. A outra será fornecida a você. A participação no estudo não acarretará em custos para você e não será disponibilizada nenhuma compensação financeira adicional.

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim desejar. O pesquisador certificou-me de que minha identidade será preservada. Em caso de dúvidas poderei chamar a pesquisadora responsável Franciele Miran da Rocha (055) 99289016, a professora orientadora Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Santana Camargo (055) 99834109, ou entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UNICRUZ: (055) 3321-1500. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

_____	_____	_____
Assinatura do Participante	(Participante)	Data
_____	_____	_____
Franciele Mirian da Rocha	Assinatura da Pesquisadora	Data
_____	_____	_____
Maria Aparecida S. Camargo	Assinatura da Orientadora	Data

## APÊNDICE C

### TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE IMAGEM

Eu, \_\_\_\_\_, portador do RG: \_\_\_\_\_, autorizo a utilização de minha imagem, de objetos físicos, fotos e documentos, como dados da pesquisa intitulada *A arteterapia como instrumento de desvelamento do potencial humano de um grupo de profissionais de reciclagem do Projeto Profissão Catador, Cruz Alta, RS*, desenvolvida pela mestrandia Franciele Mirian da Rocha, sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Maria Aparecida Santana Camargo, Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social, Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ, Cruz Alta, RS.

As imagens, quando utilizadas, indicarão de forma legível o nome dos autores, bem como do cedente, de acordo com a Lei nº 9610/ 98 e serão veiculadas somente nos seguintes tipos de mídia: impressa (artigo de divulgação em jornal ou revista), artigo científico, acervo histórico digital e físico, por tempo indeterminado, sem qualquer remuneração ou custos ao cedente. O direito de imagem cedido não pode ser transferido a terceiros. Declaro que tenho pleno conhecimento do conteúdo deste documento e concordo totalmente com os termos nele descritos. Para dirimir quaisquer controvérsias oriundas do presente instrumento, o foro competente eleito será o da cidade de Santo Ângelo, RS.

Cruz Alta, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura - Cedente de imagem

\_\_\_\_\_  
Franciele Mirian da Rocha  
Mestranda – Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social

## APÊNDICE D

### OFICINAS

#### TÉCNICA 1

**Duração:** média de 1h30min, podendo ser feita em dois encontros.

**Materiais:** som para música ambiente; fotos escaneadas dos participantes, impressas em escala cinza; jornais e revistas; materiais recicláveis disponíveis no local; cola; tesoura; canetinhas; lápis de cor; tinta; pincéis.

**Procedimentos:**

- Entregar as fotos ampliadas e impressas em escala cinza aos participantes;
- Disponibilizar revistas e jornais para recortar imagens de sua preferência;
- Podem ser utilizados materiais recicláveis como lixo eletrônico, linha, tecido, plástico, isopor, etc.;
- Realizar as colagens, pinturas e modificações nas fotos, conforme a vontade de cada participante.
- Ao final, cada um poderá falar sobre seu trabalho, sobre como se sentiu e como se enxerga. Pode também ser sugerido que se use o trabalho como uma máscara e que se descreva “esta pessoa” que está na imagem.

**Objetivos:** Nesta técnica, os participantes poderão modificar sua aparência de diversas formas, colocar-se em variados contextos e perceber-se em situações diferentes, ressignificando a imagem que têm de si. Também poderão ser discutidas questões de autoestima, desejos, anseios, preferências pessoais.

#### TÉCNICA 2

**Duração:** média de 1h30min, podendo ser feita em dois encontros.

**Materiais:** som para música ambiente, câmeras fotográficas, data-show.

**Procedimentos:**

- Entregar uma câmera fotográfica para cada catador, conforme a disponibilidade de número de câmeras. Se necessário, fazer rodízio de uso.



- Cada um é orientado a tirar fotos sobre sua visão perante o trabalho, a vida de catador. Podem ser feitas fotos em todo perímetro da Associação.

- Posteriormente, as fotos podem ser mostradas no Datashow a fim de discutir cada uma, fazendo com que os participantes exponham suas opiniões a respeito das suas fotos e também dos colegas.

**Objetivos:** Nesta técnica, os participantes poderão mostrar sua visão de mundo através das lentes das câmeras. Serão feitas reflexões a respeito do cotidiano dos trabalhadores, a fim de discutir sua opinião a respeito da mesma, bem como o que pensam sobre a visão da sociedade.

### **TÉCNICA 3**

**Duração:** média de 1h30min, podendo ser feita em dois encontros.

**Materiais:** som para música ambiente; caixas de sapato; fotos dos participantes; jornais e revistas; materiais recicláveis disponíveis no local; botões; tecidos; cola; tesoura; canetinhas; lápis de cor; tinta; pincéis.

#### **Procedimentos:**

- Dispor fotos impressas (registradas durante as oficinas) para que cada um escolha as de sua preferência.

- Cada um recebe uma caixa de sapatos, na qual podem ser aplicados tecidos, tinta, colagens, materiais recicláveis, entre outros. Porém, todos devem utilizar-se das fotografias.

- Após a oficina, os participantes discutem a respeito do que foi feito.

**Objetivos:** Por meio desta técnica, os participantes irão resgatar histórias importantes, marcantes e significativas dos encontros e talvez até de suas vidas. Pretende-se trazer à tona lembranças e sentimentos que estavam implícitos. Este espaço permitirá o maior conhecimento dos participantes entre si, bem como a troca de experiências e vivências. Além disso, ao fim da oficina se pode levar a caixa para casa, como recordação dos encontros realizados, mas também para guardar aquilo que é importante para cada membro do grupo.

## **TÉCNICA 4**

**Duração:** média de 1h30min, podendo ser feita em dois encontros.

**Materiais:** som para música ambiente, argila; potes com água; materiais recicláveis disponíveis no local.

**Procedimentos:**

- Primeiramente a pesquisadora dá algumas instruções referentes ao preparo do material, explica que pode ser feita a escultura de uma mão, explicando o motivo e importância da escolha.
- Os participantes ficam livres para realizar a tarefa dentro tempo que necessitarem.
- Após a realização da escultura, os participantes discutem a respeito do que foi feito.

**Objetivos:** Por meio desta técnica se produzirão discussões internas e externas a respeito do instrumento de trabalho destes profissionais: as mãos. A Pesquisadora fará uma introdução no início da sessão, trazendo uma mensagem a respeito do assunto, incentivando os participantes a refletirem mais a respeito de seu trabalho, a fim de valorizá-lo perante si mesmos e à sociedade como um todo.

## **ANEXOS**

## ANEXO I



UNIVERSIDADE DE CRUZ  
ALTA - UNICRUZ/RS



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A ARTETERAPIA COMO INSTRUMENTO DE DESVELAMENTO DO POTENCIAL HUMANO DE UM GRUPO DE PROFISSIONAIS DE RECICLAGEM DO PROJETO PROFISSÃO CATADOR

**Pesquisador:** franciele mirian da rocha

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 54780316.6.0000.5322

**Instituição Proponente:** FUNDACAO UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.506.875

#### Apresentação do Projeto:

Projeto de dissertação do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS E DESENVOLVIMENTO SOCIAL – MESTRADO ACADÊMICO.

Considerando que os atuais padrões de consumo envolvem inexoravelmente, a produção de dejetos, e que todas as atividades humanas acabam deste modo, culminando na produção de agentes que podem transmitir doenças aos seres humanos que entram em contato com estes dejetos, os profissionais da reciclagem se tornam indispensáveis como produtores de condições satisfatórias e qualidade de vida de toda a sociedade

contemporânea. Nesse viés, é essencial refletir sobre as condições de trabalho e autoestima daqueles profissionais que trabalham com o que a sociedade julga necessário ser descartado, ou seja, o lixo. Estes trabalhadores são verdadeiros agentes ambientais, permitindo que o Brasil seja considerado um dos líderes em reciclagem. Apesar da importância desta profissão, é inegável sua periculosidade. Cabe, neste enfoque, compreender a respeito desta constatação e ir além da reflexão, propondo uma intervenção social que promova a modificação desta fatídica

realidade. O objetivo do presente projeto é dialogar acerca das ações que possam produzir o desvelamento do potencial humano de profissionais da reciclagem através de atividades que ressaltem ainda mais o seu potencial criativo, bem como

**Endereço:** Campus Universitário Ulysses Guimarães - Rodovia Municipal Jacob Della Mèa, Km 5.6 - Caixa Postal 858  
**Bairro:** Campus Universitário Prédio **CEP:** 98.020-290  
**UF:** RS **Município:** CRUZ ALTA  
**Telefone:** (55)3322-1618 **E-mail:** comiteeetica@unicruz.edu.br



UNIVERSIDADE DE CRUZ  
ALTA - UNICRUZ/RS



Continuação do Parecer: 1.508.875

promover uma nova significação dos materiais com os quais estes trabalham diariamente.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

Potencializar as capacidades humanas implícitas nos profissionais de reciclagem do Projeto Profissão Catador da UNICRUZ.

**Objetivo Secundário:**

a) Viabilizar que os profissionais de reciclagem ressignifiquem os materiais com que convivem no dia a dia de seu trabalho;

b) Expor as produções criadas pelos sujeitos da pesquisa em uma Mostra durante o XVIII Seminário Internacional de Educação no Mercosul da UNICRUZ, que ocorrerá em agosto de 2016;

c) Incentivar a valorização do trabalho dos profissionais de reciclagem por parte da sociedade.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Os riscos envolvidos na proposta de intervenção são baixos, sendo que a maioria deles é de natureza emocional. Por vezes algum participante, nas oficinas, pode sentir-se constrangido por ter que expressar seus sentimentos em um grupo. A expressão artística revela o lado interior e isso pode tocar sentimentos profundos que estariam resguardados e que podem desencadear sentimentos de culpa, tristeza, enfim, sentimentos desagradáveis. Porém, acredita-se que mesmo acontecendo estes fatos, pode haver benefícios em um segundo momento. Se isto vier a acontecer,

serão realizadas intervenções e acolhimento para confortar o participante. Como Psicóloga, a pesquisadora mostrará aos participantes que é importante aprender a lidar com seu mundo interior a fim de desconstruí-lo e construí-lo novamente, fazendo com que aconteça o autoconhecimento e desenvolvimento pessoal.

**Benefícios:**

A arteterapia promove, preserva e recupera a saúde dos pacientes. Possibilita a transformação do ser humano, desenvolvendo-o numa dimensão holística. Além disso, reaproxima esses indivíduos da sua própria essência, com base em um maior autoconhecimento, fazendo com que adquira um encantamento por si mesmo e o mundo. Diante do que foi supracitado, a arteterapia, aqui, encontra lugar no sentido de ser criadora de novas possibilidades aos catadores. Esta modalidade terapêutica utiliza diversos recursos expressivos a fim de ajudar as pessoas a acessarem conteúdos inconscientes. A partir disso, procura-se facilitar o desenvolvimento do indivíduo como

**Endereço:** Campus Universitário Ulysses Guimarães - Rodovia Municipal Jacob Della Mèa, Km 5.6 - Caixa Postal 858  
**Bairro:** Campus Universitário Prédio **CEP:** 98.020-290  
**UF:** RS **Município:** CRUZ ALTA  
**Telefone:** (55)3322-1618 **E-mail:** comitedeetica@unicruz.edu.br



UNIVERSIDADE DE CRUZ  
ALTA - UNICRUZ/RS



Continuação do Parecer: 1.506.875

um todo. Dentro desta perspectiva podem ser utilizadas técnicas das artes visuais (pintura, desenho, modelagem, colagens), dança, música, literatura e teatro. A arte permite que o ser humano se sinta liberto de todas as censuras sociais e individuais.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A metodologia está coerente com os objetivos propostos e o projeto é grande relevância social.

Terá a particularidade de pesquisa-ação uma vez que, durante a execução do projeto de ação social, este será realizado junto aos profissionais de reciclagem, visando trazer à luz memórias e possibilidades de autoconhecimento e elevação da autoestima. O instrumento de coleta de dados será feito por meio de entrevistas abertas e rodas de conversa, com sessões de atividades de arteterapia que utilizarão fotografias e materiais recicláveis.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Apresenta todos os documentos obrigatórios de acordo com a Resolução CNS 466/12.

**Recomendações:**

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_635648.pdf	01/04/2016 14:33:25		Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	01/04/2016 14:32:50	franciele mirian da rocha	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Dissertacao_Franciele.docx	01/04/2016 01:32:49	franciele mirian da rocha	Aceito
Outros	LEVANTAMENTO_PSICOSSOCIAL.docx	31/03/2016 21:44:24	franciele mirian da rocha	Aceito
Outros	QUESTIONARIO_DE_AVALIACAO.docx	31/03/2016 21:43:01	franciele mirian da rocha	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.docx	28/03/2016 23:20:19	franciele mirian da rocha	Aceito
Outros	atestado_aprovacao_projeto.pdf	23/03/2016 17:44:00	franciele mirian da rocha	Aceito

Endereço: Campus Universitário Ulysses Guimarães - Rodovia Municipal Jacob Della Múa, Km 5,6 - Caixa Postal 858  
 Bairro: Campus Universitário Prédio CEP: 98.020-290  
 UF: RS Município: CRUZ ALTA  
 Telefone: (55)3322-1618 E-mail: comtedeetica@unicruz.edu.br



UNIVERSIDADE DE CRUZ  
ALTA - UNICRUZ/RS



Continuação do Parecer: 1.506.875

Outros	Carta_de_Autorizacao_Profissao_Catador.pdf	04/03/2016 01:25:52	franciele mirian da rocha	Aceito
--------	--	------------------------	---------------------------	--------

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CRUZ ALTA, 19 de Abril de 2016

---

**Assinado por:**  
Rita Leal Sperotto  
(Coordenador)

**Endereço:** Campus Universitário Ulysses Guimarães - Rodovia Municipal Jacob Della Mésa, Km 5.6 - Caixa Postal 858  
**Bairro:** Campus Universitário Prédio      **CEP:** 98.020-290  
**UF:** RS      **Município:** CRUZ ALTA  
**Telefone:** (55)3322-1618      **E-mail:** comitedeetica@unicruz.edu.br

## ANEXO II

### Mensagens utilizadas nos encontros

#### ACORDAR (Autor desconhecido)

Vamos fazer uma brincadeirinha e separar a palavra acordar: A-COR-DAR. Ouviu? Significa dar a cor: colocar o coração em tudo que faz. Existem pessoas que levantam às 06h00 da manhã e só acordam às 18h00 da tarde. É isso mesmo! Pela manhã caem da cama, mas passam o dia todo dormindo. E existem alguns, acredite que passam a vida toda e não conseguem acordar. Eu tive um amigo que acordou aos 54 anos de idade. Ele disse: “descobri que estou na profissão errada!” E ele já estava se aposentando... Imagine o trauma que esse amigo criou para si, para os amigos, para sua família. Foi infeliz durante toda a sua vida profissional porque simplesmente não “acordou”. Eu, na época, era muito jovem, mas compreendi bem o que ele estava me ensinando naquele momento. Por mais cinzentos que possa estar sendo o dia de hoje, ele tem exatamente a cor que cabe a ele. Sabe por quê? Por que a vida tem a cor que “a gente pinta” Os dias são exclusivos. Cada dia é um novo dia, ninguém o viveu antes que ninguém. Ele está ali, esperando que façamos com que seja o melhor dia de nossa vida. Acredite em você! Dê a você a oportunidade de “A-COR-DAR” todos os dias e compartilhar com os outros o que temos de melhor: O privilégio de ser e fazer os outros felizes.

#### APRENDE COM O SILÊNCIO (Jean-Yves Leloup)

Aprende com o silêncio a ouvir os sons interiores da sua alma, a calar-se nas discussões e assim evitar tragédias e desafetos...

Aprende com o silêncio a aceitar alguns fatos que você provocou, a ser humilde deixando o orgulho gritar lá fora, evitar reclamações vazias e sem sentido...

Aprende com o silêncio a reparar nas coisas mais simples, valorizar o que é belo, ouvir o que faz algum sentido...

Aprende com o silêncio que a solidão não é o pior castigo, existem companhias bem piores...

Aprende com o silêncio que a vida é boa, que nós só precisamos olhar para o lado certo, ouvir a música certa, ler o livro certo.



Aprende com o silêncio que tudo tem um ciclo, como as marés que insistem em ir e voltar, os pássaros que migram e voltam ao mesmo lugar, como a Terra que faz a volta completa sobre o seu próprio eixo, complete a sua tarefa.

Aprende com o silêncio a respeitar a sua vida, valorizar o seu dia, enxergar em você as qualidades que você possui, equilibrar os defeitos que você tem e saber que precisa corrigir e enxergar aqueles que você ainda não descobriu.

Aprende com o silêncio a relaxar, mesmo no pior trânsito, na maior das cobranças, na briga mais acalorada, na discussão entre familiares...

Aprende com o silêncio a respeitar o seu "eu", a valorizar o ser humano que você é, a respeitar o Templo que é o seu corpo, e o Santuário que é a sua vida.

Aprende hoje com o silêncio, que gritar não traz respeito, que ouvir ainda é melhor que muito falar...

Na natureza tudo acontece com poder e silêncio, com um silêncio poderoso; por vezes, o silêncio é confundido com fraqueza, apatia ou indiferença.

Pensa-se que a pessoa portadora dessa virtude está impedida de reclamar seus direitos e deve tolerar com passividade todos os abusos.

Acredita-se que o silêncio não combina com o poder, pois este tem se confundido com prepotência e violência.

O Sol nasce e se põe em profunda quietude; move gigantescos sistemas planetários, mas penetra suavemente pela vidraça de uma janela sem a quebrar.

Acaricia as pétalas de uma rosa sem a ferir, e beija as faces de uma criança adormecida sem a acordar; aí uma vez vamos encontrar na natureza lições preciosas a nos dizer que o verdadeiro poder anda de mãos dadas com a quietude.

As estrelas e galáxias descrevem as suas órbita com estupenda velocidade pelas vias inexploradas do cosmos, mas nunca deram sinal da sua presença pelo mais leve ruído.

O oxigênio, poderoso mantenedor da vida, penetra em nossos pulmões, circula discreto pelo nosso corpo, e nem lhe notamos a presença.

A luz, a vida e o espírito, os maiores poderes do universo, atuam com a suavidade de uma aparente ausência.

Como nos domínios da natureza, o verdadeiro poder do homem não consiste em atos de violência física, quando um homem conquista o verdadeiro poder, toda a antiga violência acaba em benevolência.

A violência é sinal de fraqueza, a benevolência é indício de poder.

Essa poderosa força, na qual todos estamos mergulhados, mantém o Universo em movimento, faz pulsar o coração dos pássaros, dos bandidos e dos homens de bem, na mais perfeita leveza.

Até mesmo a morte, chega de mansinho e, como hábil cirurgiã, rompe os laços que prendem a alma ao corpo, libertando-a do cativo físico.

O verdadeiro poder chega: sem ruído, sem alarde e sem violência. Sempre que a palavra poder lhe vier à mente, lembre-se do Sol: nasce e se põe em profunda quietude; move gigantescos sistemas planetários, mas penetra suavemente pela vidraça de uma janela e você só sabe pelo calorzinho que ele proporciona.

Acarinha as pétalas de uma flor sem a ferir, beija as faces de uma criança adormecida sem a acordar.

Bem aventurados os mansos, porque eles possuirão a Terra.

AS ESTAÇÕES  
(Autor desconhecido)

Um homem morava no deserto e tinha quatro filhos. Querendo que seus filhos aprendessem a valiosa lição da não precipitação nos julgamentos, os enviou para uma terra um onde tinha muitas árvores. Mas ele os enviou em diferentes épocas do ano. O primeiro filho foi no inverno, o segundo na primavera, o terceiro no verão e o mais novo foi no outono.

Quando o último deles voltou, o pai os reuniu e pediu que relatassem o que tinham visto. O primeiro filho disse que as árvores eram feias, meio curvadas, sem nenhum atrativo. O segundo filho discordou e disse que na verdade as árvores eram muito verdes e cheias de brotinhos, parecendo ter um bom futuro. O terceiro filho disse que eles estavam errados, porque elas estavam repletas de flores, com um aroma incrível e uma aparência maravilhosa! Já o mais novo discordou de todos e disse que as árvores estavam tão cheias de frutos que até se curvava com o peso, passando a imagem de algo cheio de vida e substância.

Aquele pai então explicou aos seus filhos adolescentes que todos eles estavam certos. Na verdade eles viram as mesmas árvores em diferentes estações daquele mesmo ano. Ele disse que não se pode julgar uma árvore ou pessoas por apenas uma estação ou uma fase de sua vida. Ele explicou que a essência do que elas são, a alegria, o prazer, o amor, mas também as fases aparentemente ruins que vem daquela vida, só podem ser medidas no final da jornada quando todas as estações forem concluídas.

Se você desistir quando chegar o “inverno”, você vai perder as promessas da primavera, a beleza do verão e a plenitude do outono. Não permita que dor de apenas uma “estação” destrua a alegria de todas as outras. Não julgue a vida por apenas uma fase. Persevere através dos caminhos difíceis e épocas melhores virão com certeza!

## REGRAS PARA VIVER (Chérie Carter-Scott)

“Nós, seres humanos, somos muito propensos a buscar a verdade, mas muito contrários aceitá-la. Não nos agrada que a evidência racional nos encurrale... Achar a verdade não é difícil, difícil é não fugir dela quando encontrada.”

Quando você nasceu, não veio com manual de proprietário. Essas dicas fazem a vida funcionar melhor:

- 1 – Você vai receber um corpo. Pode amá-lo ou detestá-lo, mas é a única coisa que você com certeza possuirá até o final na sua vida.
- 2 – Você vai aprender lições. Ao nascermos, como imediatamente inscritos numa escola informal chamada “Vida no Planeta Terra”. Todas as pessoas e acontecimentos são “professores universais”.
- 3 – Não existem erros, apenas lições. Crescimento é um processo de experimentação, no qual as “falhas”, tanto fazem parte do processo quanto “sucessos”.
- 4 – Uma lição é repetida até que seja aprendida. Será apresentada a você em várias formas, até que você enfim entenda. Poderá, então, passar para a próxima lição.
- 5 – Se não aprender as lições fáceis, elas se tornaram difíceis. Problemas externos são o preciso reflexo do seu estado interior. Quando você limpa obstruções, seu mundo exterior muda. A dor é o jeito do universo chamar sua atenção.
- 6 – Você saberá quando aprendeu a lição quando suas ações mudarem. Sabedoria é prática. Um pouco de alguma coisa é melhor do que muito nada.
- 7 – “Lá” não é melhor que “aqui”. Quando “lá” se torna aqui “aqui”, você vai simplesmente arranjar outro “lá”, que de novo parecerá melhor que “aqui”
- 8 – Os outros são meros espelhos de você. Você não pode amar ou odiar alguma coisa sobre o outro, a menos que reflita algo que você ama ou odeia em si mesmo.
- 9 – Sua vida, só você decide. A vida dá a tela, você faz a pintura. Escolha as cores e pegue os pincéis. Tome você o comando de sua vida ou alguém o fará.
- 10 – Você sempre consegue o que quer. Seu subconsciente determina quais energias, experiências e pessoas que atrai. Assim, o único jeito certo de saber o que você quer é ver o que você tem. Não existem vítimas, apenas aprendizes.
- 11 – Não existe certo ou errado, mas existem consequências. Dar lição de moral não ajuda. Julgar também não. Apenas faça o melhor que puder.

12 – Suas respostas estão dentro de você. Crianças precisam de direção dos outros. 13 – Quando amadurecemos, confiamos em nossos corações, onde as leis universais estão escritas. Você sabe mais do que ouviu ou aprendeu. Tudo o que precisa é olhar, prestar atenção, e confiar.

14 – Você vai esquecer tudo isso.

15 – Mas pode lembrar sempre que quiser.

### A CARPA

(Autor desconhecido)

A carpa japonesa (koi) tem a capacidade natural de crescer de acordo com o tamanho do seu ambiente. Assim, num pequeno tanque, ela geralmente não passa de cinco ou sete centímetros -- mas pode atingir três vezes esse tamanho, se colocada num lago.

Da mesma maneira, as pessoas têm a tendência de crescer de acordo com o ambiente que as cerca. Só que, neste caso, não estamos falando de características físicas, mas de desenvolvimento emocional, espiritual e intelectual.

Enquanto a carpa é obrigada, para seu próprio bem, a aceitar os limites do seu mundo, nós estamos livres para estabelecer as fronteiras de nossos sonhos. Se somos um peixe maior do que o tanque em que fomos criados, em vez de nos adaptarmos a ele, devíamos buscar o oceano -- mesmo que a adaptação inicial seja desconfortável e dolorosa.

Pense nisto. Existe um oceano esperando por você.

### A GALINHA

(Autor desconhecido)

Numa granja uma galinha se destacava entre todas as outras por sua coragem, espírito de aventura e ousadia. Não tinha limites e andava por onde queria.

O dono porém, não apreciava estas qualidades e estava aborrecido com ela. Suas atitudes estavam contagiando as outras, que achavam bonito este modo de ser e já o estavam copiando.

Um dia o dono fincou um bambu no meio do campo, arrumou um bastante de aproximadamente 2 metros e amarrou a galinha a ele. Desse modo, de repente, o mundo tão amplo que a ave tinha foi reduzido a exatamente onde o barbante lhe permitia chegar. Ali,

ciscando, comendo, dormindo, estabeleceu sua vida. Dia após dia acontecia o mesmo. De tanto andar nesse círculo, a grama que era verde foi desaparecendo e ficou somente terra. Era interessante ver delineado um círculo perfeito em volta dela. Do lado de fora, onde a galinha não podia chegar, a grama verde, do lado de dentro só terra.

Depois de um tempo o dono se compadeceu da ave, pois ela que era tão inquieta e audaciosa, havia se tornado uma pacata figura. Então cortou o barbante que a prendia pelo pé e a deixou solta.

Agora estava livre, o horizonte seria limite, poderia ir onde quisesse. Mas, estranhamente, a galinha mesmo solta, não ultrapassava o limite que ela própria havia feito. Só ciscava e andava dentro do círculo, seu limite imaginário. Olhava para o lado de fora mas não tinha coragem suficiente para se “aventurar” a ir até ela. Preferiu ficar do lado conhecido. Com o passar do tempo, envelheceu e ali morreu.

Quem sabe esta história traga a memória a vida de alguém conhecido. Nasce livre, tendo somente seus desejos como limite, mas as pressões do dia-a-dia fazem com que aos poucos seus pés fiquem presos a um chão que se torna habitual pela rotina. Olha para além do limite, que ele mesmo cria, com grande desejo e alimentando fantasias a respeito do que lá possa haver. Mas não tem a coragem para sair e enfrentar o que é desconhecido. Diz: “Sempre se fez assim, para que mudar? Ou meu avô, meu pai sempre fizeram assim, como eu iria mudar agora?”

Há pessoas que enfrentam crises violentas em suas vidas, sem a coragem de ir à frente e tentar algo novo que seja capaz de tirá-las daquela situação. Admiram que têm a ousadia de recomeçar, porém, eles próprios, queixando-se e lamentando-se, buscam algum culpado e vão ficando no lugar, dentro do limite o qual só existe na sua imaginação.

A características do mercado sempre foi, coroar com o reconhecimento aqueles que inovam, criam ou provocam situações que chamem a atenção. O segredo do sucesso está na criatividade. Criar significa pôr em prática alguma coisa que não existe. Arriscar significa correr risco de perdas. Isto é de fato, mas como se poderá saber o final da história se não se caminha até o fim.